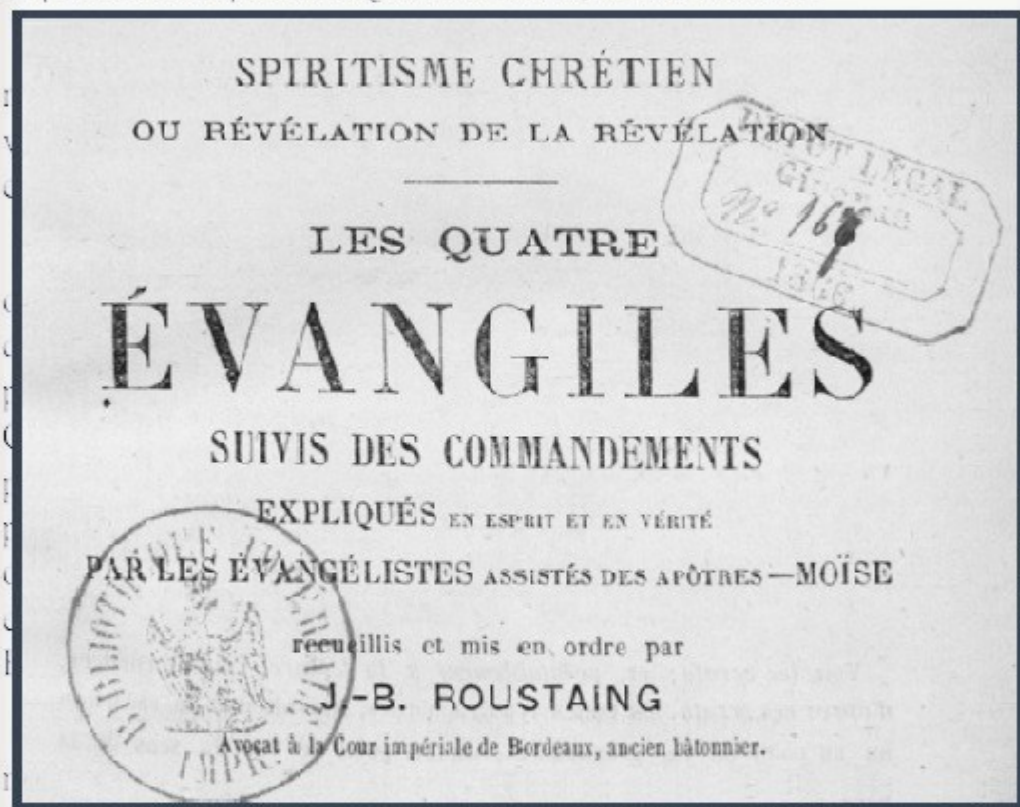


Submeto ao exame e à meditação de meus irmãos *Os Quatro*

Os Quatro Evangelhos, **obra publicada por Roustaing,** **seria a revelação da revelação?**

imperceptível depósito, a grande revelação messiânica.



seio da pobreza, pelo estudo, pela fadiga, pelo trabalho.

No mês de janeiro de 1858 fui acometido de uma enfermidade tão prolongada quão dolorosa, proveniente de uma vida já longa de estudos, de canseiras e de labor, passada a princípio em Tolosa, de 1823 a 1826, no ensino das letras e ciências, ao mesmo tempo que na aprendizagem das leis e do Direito para a obtenção dos diplomas que me abriram progressivamente a carreira da Advocacia, depois, em Paris, de 1826 a 1829, na escrivania, onde apreri a execução, e no estágio ouvindo os que então eram

Paulo Neto

Os Quatro Evangelhos, **obra publicada por Roustaing, seria** **a revelação da revelação?**

(Versão 20)

“[...] também é sabido que os Espíritos enganadores não têm escrúpulo em tomar nomes que não lhes pertencem, a fim de tornarem aceitas as suas utopias. [...]”

(ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2021 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8519845.image>

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, janeiro/2021.

Sumário

Apresentação.....	4
Prefácio.....	6
Introdução.....	13
A opinião inicial do Codificador sobre a obra.....	20
Os seus supostos autores espirituais.....	32
Comentários de trechos da obra.....	41
A respeito da natureza do corpo de Jesus.....	173
A superioridade da Natureza de Jesus.....	237
Como e por que ocorre a reencarnação.....	252
Mme. Collignon em “Cartas de Kardec” e “A Gênese – 5ª edição”.....	287
J.-B. Roustaing veio para coadjuvar Allan Kardec?.....	300
Na França vozes se levantaram contra a obra de J.-B. Roustaing.....	311
Renomados estudiosos brasileiros se opõem as várias teses da obra de J.-B. Roustaing.....	324
Conclusão.....	330
Referências bibliográficas.....	343
Livros recomendados sobre o tema.....	355
Dados biográficos do autor.....	356

Apresentação

Em 31/01/2021, recebemos esta postagem, via *Messenger*, da amiga Neusa Moura, frequentadora do Centro Espírita Casa de Caridade Irmão Luiz, Belo Horizonte (MG), que usaremos como Apresentação:



Neusa Moura

Online agora

31/01/2021



Oi Paulo, li o ebook. Concordo com você, é através do gosto pelo estudo, pelo raciocínio e investigação que se consegue chegar a esta conclusão em relação " Os Quatro Evangelhos " do francês Jean Baptiste Roustaing. Devemos entender que ler é uma coisa, estudar e assimilar é outra completamente diferente. No meu entendimento Roustaing levou em consideração apenas opinião pessoal de seus autores espirituais sem as devidas e necessárias investigações.

Parabéns Paulo, por buscar pontos tão esclarecedores sobre Roustaing.

Obrigada pela oportunidade de estudo.

A espontaneidade desse retorno muito nos comoveu, ficamos bem felizes com o resultado positivo de nossa pesquisa.

Prefácio

OS QUATRO EVANGELHOS, PODERIA SER REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO? BREVES COMENTÁRIOS

O irmão Paulo Neto indubitavelmente é um grande pesquisador, sendo incontestemente o caminho por ele traçado na obra proposta: cita *ipsis litteris* o autor de *Os Quatro Evangelhos* (Jean Baptiste Roustaing); recorre aos textos do Novo Testamento (Mateus, Marcos, Lucas e João); menciona inúmeros autores bíblicos, testemunhando imparcialidade; viaja em passagens do Velho Testamento para estabelecer confrontos e, corajosamente, manifesta seu ponto de vista, por vezes, duramente, sem receio de desagradar.

A linguagem contundente, seja na explicitação da sua visão, seja na afirmação tácita de equívocos e erros de Roustaing ou acentuando sobre as

interpolações e adulterações nos textos evangélicos, ao longo dos séculos, tem sentido e Paulo Neto em assim procedendo afasta a possibilidade de interpretação dúbia sobre o que ele pensa, sente e conclui.

A seguir comento alguns pontos mais relevantes, a meu ver, do trabalho encetado pelo valoroso irmão Paulo Neto:

1. Muito importante ter recorrido a *Revista Espírita* de 06/1866 onde Allan Kardec comenta sobre a obra de Roustaing. Muito alentador para os leitores espíritas as afirmativas do Codificador, como: **os Quatro Evangelhos de Roustaing não contradizem com o Livro dos Espíritos e o Livro dos Médiuns; nem aprovação nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las; essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, todos os casos têm necessidade de sanção do controle universal e de ampla confirmação, não poderão ser partes da Doutrina Espírita.** Algo semelhante

a atitude de Francisco Cândido Xavier que opinou desfavoravelmente a inserção das obras de Pietro Ubaldi no acervo de obras da Doutrina Espírita;

2. Uma afirmativa de Paulo Neto: Eram cristãos de épocas posteriores que ouviram as histórias sobre Jesus, disseminadas oralmente que ano após ano, décadas após décadas, finalmente decidiram escrevê-las. Ressalta que os discípulos falavam o aramaico, hebraico e os evangelhos foram escritos em grego. Vale lembrar que Gamaliel mencionou a Saulo de Tarso ter em mãos um pergaminho das anotações de Mateus, quando ele deixou Jerusalém para vivenciar os ensinamentos de Jesus (livro *Paulo e Estêvão*);

3. Bela a explicação do autor Paulo Neto sobre Moisés, Elias e João Batista;

4. O autor rechaça o relato bíblico da aparição de um anjo a José para falar da inocência de Maria. Não se tinha conhecimento sobre mediunidade naquela época. Afora aparição em sonho (desdobramento espiritual), não poderia ser sido clarividência ou materialização (hipótese menos

provável)?;

5. O autor discorre com muita amplitude sobre o censo de Quirino, a fuga de José e Maria com o menino Jesus para o Egito. Bastante interessantes as argumentações. Imaginemos o deslocamento de Nazaré para Belém, nos dias finais da gravidez, uma insensatez! O que não fica bem claro é sobre a existência ou não dos Reis Magos. Allan Kardec dá explicação no livro *A Gênese*, quando trata dos Milagres do Evangelho, sobre a estrela que norteou aos Reis Magos percorrerem trajetória segura até a Palestina. Zoroastro (não se sabe ao certo se em 500 ou 1.500 ou 1.800 A.C.), grande profeta da antiguidade persa disse: *“quando virdes uma estrela deslocando no firmamento segui-a, ela levar-vos-á ao salvador do mundo”*;

6. Boa refutação do autor quanto a explicação de Roustaing sobre “O Todo Universal”. Tão pobre em relação a explicação de Allan Kardec sobre “Os Elementos Gerais do Universo”. Analogamente para explicar sobre o Espírito;

7. O autor também disserta com maestria

contrapondo a Roustaing e as inserções nos textos bíblicos (século VII) sobre Pai, Filho e Espírito Santo num, e a Santíssima Trindade noutro;

8. Uma aula do autor falando da questão da pontuação nos textos bíblicos. Ressalta o autor que os textos gregos não usavam marcas de pontuação. Deu exemplo: *“Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso”*. Ou *“Em verdade, eu te digo hoje, estarás comigo no Paraíso”*. Conforme o sabemos da Doutrina Espírita, em considerando o Paraíso como uma região onde residem os Espíritos Evoluídos, seria um contrassenso Dimas ascender a tais planos superiores. Se o Cristo se referiu ao Paraíso como o Mundo Espiritual propriamente dito, nenhuma incongruência houve;

9. O autor refere-se sobre a traição de Judas, reportando inclusive sobre um trabalho anterior de sua autoria, intitulado “Uma História mal contada”. Conquanto haja muitos argumentos e nuances sobre o trágico acontecimento, com buscas inclusive no Velho Testamento, haveria de considerar o relato de Humberto de Campos, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, onde Judas Iscariote

havia se deslocado para casario desabitado e se enforcado. Uma riqueza refutando a menção de Roustaing de que Judas teria se valido das trinta moedas de ouro para adquirir o Campo do Oleiro (futuramente um cemitério). Como existe alusão sobre este Campo do Oleiro que tem também a destinação de cemitério (o autor rebusca o fato com riqueza de detalhes) não há como desconsiderar a ausência de dotes mediúnicos para Roustaing. Não se ajuíza aqui os autores espirituais terem sido os evangelistas, ou Espíritos Inspirados ou quaisquer outros!

10. Indubitavelmente o ponto mais polêmico abordado pelo autor Paulo Neto envolve o longo trato de Roustaing sobre o que ele denominou **corpo fluídico de Jesus**, como por exemplo: *“A natureza extra-humana do corpo de que Jesus se revestiu para seu aparecimento e sua peregrinação na Terra”*; como também *“Jesus-Cristo não foi um homem carnal, revestido dum corpo material humano, daí e necessariamente, aquela concepção, aquela gravidez, aquele parto, não foram mais que aparentes”*. Naturalmente que Roustaing procura

explicar sua tese e o autor desta obra, contrapôs, numa linha de raciocínio bem instigante e interessante. Cumpre frisar que Allan Kardec se interessou pelo tema, tendo-o desenvolvido, anos depois no livro “A Gênese”, publicado em 1868. Seria de esperar que houvesse mais aprofundamento sobre tão delicada questão, por meio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, valendo-se do saber de entidades como André Luiz e Bezerra de Menezes, entretantes isto não se configurou. Por qual razão? Não temos a resposta, mas certamente, saberemos em algum tempo, como muito ainda aprenderemos sobre nós próprios, Espíritos que somos e, também, sobre o Modelo Organizador Biológico – MOB, ou perispírito que a ciência do mundo só descortinará no Mundo de Regeneração.

Belo Horizonte, 09 de fevereiro de 2021.

Célio Alan Kardec de Oliveira

Escritor e membro ativo do Grupo da
Fraternidade Espírita Irmã Scheilla

Introdução

Tendo o Espiritismo a lógica e o bom senso como fundamentos indispensáveis de seus princípios, os seus adeptos deveriam sempre se utilizar desses dois parâmetros para análise de tudo que procede dos Espíritos. Podemos, certamente, incluir “e também dos espíritas”, para evitar que se defenda opiniões pessoais de pensadores espíritas que, na verdade, são erros manifestos.

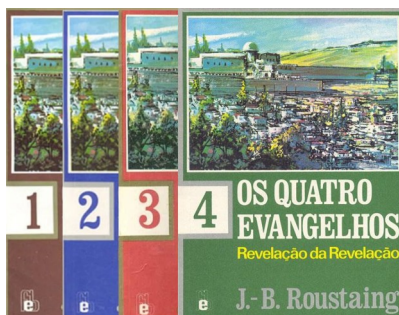
Em 1883, a União Espírita Francesa publicou a obra ***J.-B. Roustaing Diante do Espiritismo - Resposta a seus alunos***, da qual transcrevemos o seguinte trecho:

Em 1861 J.-B. Roustaing foi espontaneamente escolhido para começar a obra teológica da qual ele ABRE a fase importante (mas que não termina; ele diz ABRIR, não esqueçamos estas palavras), pondo em ordem as revelações **recebidas a partir do mês de dezembro de 1861, até maio de 1865; ele publicou, em**

1866, os três volumes dos quatro Evangelhos e ofereceu um exemplar a Allan Kardec, que, na sua *Revista Espírita* de junho de 1866, apreciou a obra [...]. ⁽¹⁾ (Nas transcrições e no texto normal, todos os grifos em negrito são nossos. Quando não for o caso, avisaremos.)

Vemos aí a data do início das comunicações e quando a obra foi publicada. Em momento oportuno, citaremos novamente essa obra. Em relação a apreciação de Allan Kardec, um pouco mais à frente falaremos dela.

No Brasil, a primeira edição de *Os Quatro Evangelhos - Revelação da Revelação*, obra de autoria do advogado Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879),



foi publicada em três volumes, o mesmo número da edição francesa, em 1909. Em 1920, a FEB - Federação Espírita Brasileira passou a editá-la em quatro volumes ⁽²⁾:

- **Volumes 1 a 3** - *Evangelhos Segundo*

Mateus, Marcos e Lucas, reunidos e harmonizados, assinados por Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos Apóstolos;

- **Volume 4** - *Evangelho Segundo João*, assinado por Moisés, Mateus, Marcos e João, assistidos pelos apóstolos; e *Os Mandamentos - Explicados em espírito e verdade*, assinado por Moisés, Elias, João [Batista], Mateus, Marcos, Lucas, João, assistidos pelos apóstolos.

É fácil perceber que uma polêmica que se prolonga praticamente desde os primórdios do Espiritismo no Brasil diz respeito a diversos pontos considerados antidoutrinários em *Os Quatro Evangelhos - Revelação da Revelação*. Entre eles, consideramos que o mais relevante seja a suposição de que **Jesus era um agênere**, tese defendida de forma ferrenha pelos adeptos brasileiros dessa obra.

Em ***O Livro dos Médiuns***, cap. VII, item 125, Allan Kardec (1804-1869) definiu o termo **agênere** como:

[...] **é uma variedade de aparição tangível**. É o estado em que certos

Espíritos podem revestir momentaneamente as formas de uma pessoa viva, a ponto de causar completa ilusão. (Do grego a. privativo, e *geine*, *geinomai*, gerar: que não foi gerado). (³) (itálico do original)

O ponto importante, que não podemos deixar de ressaltar, é a questão do “*momentaneamente*”, o que sabemos não foi o caso de Jesus.

Do artigo “Os Espíritos glóbulos”, publicado na **Revista Espírita 1860**, mês de fevereiro, ressaltamos o seguinte trecho:

Mas pode ocorrer que o Espírito revista uma forma ainda mais nítida e tome as aparências de um corpo sólido, ao ponto de produzir uma ilusão completa e de fazer crer a presença de um ser corpóreo. Enfim, a tangibilidade pode se tornar real, quer dizer, que se pode tocar, apalpar esse corpo, sentir a mesma resistência, o mesmo calor que da parte de um corpo animado, e isso quase pode se desvanecer com a rapidez do raio. **Não somente a aparição desses seres, designados sob o nome de agêneres, é muito rara, ela é sempre accidental e de curta duração, e não poderiam tomar-se sob essa forma, os**

comensais habituais de uma casa. ⁽⁴⁾
(itálico do original)

Os agêneres, na verdade, são resultados de uma aparição tangível, que é fenômeno raro “*é sempre acidental e de curta duração*”, mais ainda, “*não poderiam tomar-se sob essa forma, os comensais habituais de uma casa*”, fatos estes que derrubam a tese de Jesus ter sido um agênere.

Na **Revista Espírita 1859**, o Codificador esclarece que:

[...] a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas **chama-os agêneres para indicar que sua origem não é o produto de uma geração [...]**.

E um pouco mais à frente, completa:

[...] **O agênere não tem corpo vivo na Terra; somente seu perispírito toma forma palpável.** [...]. ⁽⁵⁾ (itálico do original)

Informações que julgamos importantes, a serem utilizadas quando da identificação de um ser que seja de fato um agênere, porém, não foi este o

caso de Jesus.

Para dar a Jesus a condição de um agênere, foi necessário criar uma gravidez de “fachada” de Maria de Nazaré, retirar a paternidade biológica de José, para tê-la como produto do “Espírito Santo”, entre outras opiniões extravagantes que encontramos nessa obra.

J.-B. Roustaing, inicia o Prefácio dizendo: *“Submeto ao exame e à meditação de meus amigos Os Quatro Evangelhos [...]”* (6) Ótimo que J.-B. Roustaing tenha se posicionado dessa forma, pois é justamente em razão disso que realizaremos uma breve análise da obra, portanto, não temos a intenção de ir contra os que seguem as ideias desse autor.

Ficamos mais tranquilos ainda, quanto ao que faremos, ao lermos esta oportuna frase do nobre jornalista José Herculano Pires (1914-1979): *“Sem crítica não há correção de erros, não há renovação de conceitos nem abertura de perspectiva para a evolução.”* (7)

No capítulo “Estudiosos espíritas também

opinam sobre a obra” e em “Livros recomendados sobre o tema”, citaremos vários autores, que já disseram muita coisa sobre a obra de J.-B. Roustaing, porém, queremos trazer nossa singela contribuição fazendo algumas ligeiras considerações do ponto de vista doutrinário e bíblico.

Na verdade, o que apresentaremos são reflexões que, ao longo do tempo, vão nos surgindo. Deixaremos bem claro que não estamos nos colocando como um “iluminado” e nem como “dono da verdade”, já que esta, ou seja, a verdade, é sempre compatível com o nível evolutivo de cada um de nós.

A opinião inicial do Codificador sobre a obra

Inicialmente, não podemos deixar de mencionar os seguintes parágrafos da segunda carta que J.-B. Roustaing enviou ao Codificador, registrada na seção “Correspondência” na **Revista Espírita 1861**, mês de junho:

Meu caro senhor e muito honrado chefe Espírita,

Recebi a doce influência e recolhi o benefício destas palavras do Cristo a Tome: *Felizes aqueles que creram e que nada viram*; profundas, verdadeiras e divinas palavras que mostram o caminho mais seguro, o mais racional que conduz à fé, segundo a máxima de São Paulo, que o Espiritismo cumpre e realiza: *Rationabile sit obsequium vestrum*. [“Que o vosso culto seja racional” – Google Tradutor}]

Quando vos escrevi, no mês de março último, pela primeira vez, eu vos dizia: *Eu nada vi, mas li e compreendi, e acreditei*. Deus me recompensou muito por crer sem ter visto; depois, eu vi e vi bem; vi

condições proveitosas, e a parte experimental veio animar, se assim posso me exprimir, a fé que a parte doutrinária me dera, e, fortificando-a, imprimiu-lhe a vida.

Depois de ter estudado e compreendido, conheço o mundo invisível como conheço Paris, naquilo que a estudei sobre o mapa. Pela experiência, o trabalho e a observação continuados, **conheci o mundo invisível e seus habitantes como conhecia Paris naquilo que a percorri, mas sem ter ainda penetrado em todos os cantos dessa vasta capital.** Contudo, desde o começo do mês de abril, graças ao conhecimento que me proporcionastes do excelente Sr. Sabo e de sua família patriarcal, todos bons e verdadeiros Espíritas, pude trabalhar, e trabalhei constantemente, cada dia, com eles em minha casa, em presença e com o concurso dos adeptos de nossa cidade, que estão convencidos da verdade do Espiritismo, se bem que nem todos sejam ainda, de fato e praticamente, Espíritas. ⁽⁸⁾ (itálico do original)

Nada modesto o Sr. J.-B. Roustaing. Desde 1987, temos nos dedicado ao estudo do Espiritismo e do mundo espiritual, e ainda assim mal conhecemos um simples quarteirão.

Seguindo na transcrição:

Oh! caro senhor, quanto sou feliz por não mais pertencer, pelo culto material, à Terra que sei agora não ser, para os nossos Espíritos, senão um lugar de exílio, a título de provas ou expiações! **Quanto sou feliz por conhecer, e ter compreendido, a reencarnação, com toda a sua importância,** e todas as suas consequências, como realidade e não como alegoria. **A reencarnação, essa sublime e equitativa justiça de Deus,** assim como o dizia, ontem ainda, um guia protetor, tão bela, tão consoladora, uma vez que **deixa a possibilidade de fazer no dia seguinte o que não fizemos na véspera; que faz a criatura progredir para o criador;** “essa justa e equitativa lei,” segundo a expressão de Joseph de Maistre, na evocação que fizemos de seu Espírito, e que recebestes; a reencarnação é, segundo a divina palavra do Cristo, “o longo e difícil caminho a percorrer para chegar à morada de Deus.”

Eu compreendo agora o sentido destas palavras do Cristo a Nicodemus: *Sois doutor da lei e não sabeis isso!* Hoje, que Deus me permitiu compreender, de maneira completa, toda a verdade da lei evangélica, eu me pergunto como a ignorância dos homens, doutores da lei, pôde resistir, a esse ponto, à interpretação

dos textos; produzir, assim, o erro e a mentira que mantiveram o materialismo, a incredulidade, o fanatismo ou a covardia? Eu me pergunto como essa ignorância, esse erro, puderam se produzir, quando **o Cristo tivera o cuidado de proclamar a necessidade de reviver, dizendo: É PRECISO QUE NASÇAIS DE NOVO, e pela reencarnação**, como o seu único meio de ver o reino de Deus, o que já era conhecido e ensinado sobre a Terra, e que Nicodemus deveria saber: Sois doutor da lei e não sabeis isso! É verdade que o Cristo acrescenta a cada passo: Que aqueles que têm ouvidos, ouçam; e também: Eles têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem nada; têm ouvidos e não ouvem e nem compreendem nada;" o que pode se aplicar àqueles que vieram depois dele, tão bem quanto àqueles de seu tempo.

[...].

A reencarnação, bem compreendida, ensina aos homens que eles não estão neste mundo senão num lugar de passagem, onde estão livres para não mais voltarem, se fazem o que é necessário para isso; que o poder, as riquezas, as dignidades, a ciência não lhes são dados senão a título de provas, e como meio de progredir para o bem; que não são, em suas mãos, senão um depósito e um instrumento para a prática da lei de amor e de caridade; que o mendigo que passa ao lado de um grande senhor é seu

irmão diante de Deus, e talvez o foi diante dos homens; que talvez foi rico e poderoso; se está agora numa condição obscura e miserável, é por ter falido em suas terríveis provas, lembrando assim esta palavra célebre do ponto de vista das condições sociais: Não há senão um passo do Capitole à rocha Tarpéienne, mas com esta diferença de que, **pela reencarnação, o Espírito se levanta de sua queda**, e pode, depois de ter remontado ao Capitole, lançar-se de seu topo nas regiões celestes, morada esplêndida dos bons Espíritos.

A reencarnação, ensinando aos homens, segundo a admirável expressão de Platão, que não há rei que não descenda de um pastor, e de pastor que não descenda de um rei, **apaga todas as vaidades terrestres, desliga do culto material, nivela moralmente todas as condições sociais**; constitui a igualdade, a fraternidade entre os homens, como para os Espíritos, em Deus e diante de Deus, e a liberdade que, sem a lei de amor e de caridade, não é senão mentira e utopia, assim como nos disse recentemente o Espírito de Washington. Em seu conjunto, o Espiritismo vem dar aos homens a unidade e a verdade em todo progresso intelectual e moral, grande e sublime empreendimento do qual não somos senão os muito humildes apóstolos. ⁽⁹⁾ (caixa alta do original)

Se conheceu o mundo invisível, como afirma, em relação à reencarnação ficou devendo. Ao dizer: “pela reencarnação, o Espírito se levanta de sua queda”, vai muito além do que Allan Kardec ensinou, uma vez que jamais argumentou sobre “queda do Espírito”, como fica evidente pelo que J.-B. Roustaing afirma em sua obra.

Mais ainda, supõe a reencarnação como um castigo, e não como um processo evolutivo para todas as criaturas. Como punição, chega a propor o renascimento da alma como “*um criptógamo carnudo*” – ser primitivo semelhante a lesma – tese claramente afinada com a doutrina da metempsicose, que Allan Kardec vigorosamente combateu.

Na **Revista Espírita 1866**, no mês de junho, no artigo “Os Evangelhos Explicados”, Allan Kardec comenta a recém-lançada obra de J.-B. Roustaing:

Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerado, e que tem, para os Espíritas, o mérito de

não estar, sobre nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada por *O Livro dos Espíritos* e o *dos Médiuns*. As partes correspondentes àquelas que tratamos em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* o são num sentido análogo. De resto, como nos limitamos às máximas morais que, quase sem exceção, são geralmente claras, elas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; também foram o assunto de controvérsias religiosas. Foi por esta razão que começamos por ali a fim de ser aceito sem contestação, esperando para o resto que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a ideia espírita.

O autor desta nova obra acreditou dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. **Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda,** e das quais, consequentemente, **lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram.** Consequente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, **não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las.** Convém, pois, considerar

essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

Quando tratarmos essas questões, o faremos sem cerimônia; mas é que, então, teremos recolhido os documentos bastante numerosos, nos ensinados *de todos os lados* pelos Espíritos, para poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar *de acordo com a maioria*; é assim que fazemos todas as vezes que se trata de formular um princípio capital. Nós os dissemos cem vezes, **para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica**, para as coisas que não podemos controlar por nossos próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como uma verdade absoluta, se, mais tarde, ela devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

Dissemos que **o livro do Sr. Roustaing** não se afasta dos princípios de *O Livro dos Espíritos* e o dos médiuns; nossas

observações levam, pois, sobre aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, **que dá ao Cristo**, em lugar de um corpo carnal, **um corpo fluídico** concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um *agênere*. Aos olhos dos homens que não teriam podido compreender, então, sua natureza espiritual, teve que passar EM APARÊNCIA, essa palavra é incessantemente repetida em todo o curso da obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. **Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, colocado por premissa e pedra angular, é a base sobre a qual se apoia para explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.**

Sem dúvida, não há aí nada de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do envoltório perispiritual; **sem nos pronunciar pró ou contra essa teoria diremos que ela é ao menos hipotética**, e que, **se um dia ela fosse reconhecida errada, a base sendo falsa, o edifício desmoronaria.** Esperamos, pois os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem prejudicá-la, **diremos que já foram**

feitas objeções sérias a essa teoria, e que, na nossa opinião, os fatos podem perfeitamente se explicar sem sair das condições da Humanidade corpórea.

Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, não diminui nada a importância dessa obra que, **ao lado das coisas duvidosas do nosso ponto de vista, delas encerra, incontestavelmente, boas e verdadeiras,** e será consultada proveitosamente pelos Espíritos sérios.

Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é de se desdenhar, e entra também por alguma coisa no sucesso. **Achamos que certas partes são desenvolvidas muito longamente, sem proveito para a clareza.** Na nossa opinião, se, limitando-se ao estrito necessário, ter-se-ia podido reduzir a obra em dois, ou mesmo em um único volume, teria ganhado em popularidade. ⁽¹⁰⁾ (itálico do original)

Entendemos que, ao dizer “*O autor desta nova obra acreditou dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe*”, Allan Kardec estava, de alguma forma, avaliando negativamente a maneira precipitada com que J.-B. Roustaing procedeu. De

simples aprendiz, quis comportar-se como se fosse um mestre experiente.

Acrescenta também que o advogado de Bordeaux *“Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente, lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram.”* Com isso o Mestre de Lyon deixa claro que tudo tem uma hora certa de se saber, conseqüentemente, os que apressam em dar informações antes do tempo serão responsabilizados por isso.

Podemos ainda perceber que o Codificador, embora não condene totalmente a obra de J.-B. Roustaing quanto aos princípios doutrinários contidos em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, deixa em aberto para o futuro o julgamento dela.

Por outro lado, não deixou de alertar que as várias teorias apresentadas ao longo da obra são opiniões pessoais dos Espíritos que a ditaram, que, entretanto, não passaram pelo Controle Universal. E, de forma bastante clara, Allan Kardec disse que a

obra de J.-B. Roustaing, por falta dessa confirmação mais ampla, não deveria ser tomada à conta de parte integrante da Doutrina Espírita.

Porém, quanto à questão de Jesus ter um corpo fluídico, ele não deixa de dar sua opinião de que não sancionava essa hipótese. Oportunamente Allan Kardec falará sobre esse tema, mais à frente, nós o abordaremos.

O Codificador também se refere à falta de clareza e de objetividade da obra. E aqui vale a pena reportarmos ao que consta em *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV, item 267, onde lemos: “9. **Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem prolixidade. O estilo deles é conciso, [...].**” ⁽¹¹⁾ O restante dessa fala será visto na Conclusão.

Mais à frente, no capítulo “A superioridade da natureza de Jesus”, nós demonstraremos que, em *A Gênese* ⁽¹²⁾, teremos a posição final do Codificador de forma clara e objetiva, sem margem a nenhuma dúvida.

Os seus supostos autores espirituais

A utilização do termo “supostos” tem a sua razão de ser, porquanto, além de não se ter condições de comprovar que Mateus, Marcos, Lucas e João foram, de fato, os inspiradores da obra de J.-B. Rousstaing, em especial aos comentários que correspondem aos textos dos Evangelhos, também, nos dias de hoje, não se tem elementos seguros para se afirmar, com razoável certeza, se eles foram os verdadeiros autores das narrativas constantes do Novo Testamento a respeito de vida de Jesus nas quais seus nomes aparecem nos títulos.

Aliás, vale a pena mencionarmos o item 255, do capítulo XXIV – Identidade dos Espíritos, de **O Livro dos Médiuns**:

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. De fato, **os Espíritos não nos trazem uma carteira de identidade e sabe-se com**

que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Justamente por isso, esta questão de identidade é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades que apresenta o Espiritismo prático. [...].

A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível mesmo, de modo que ficamos limitados a uma apreciação puramente moral. **Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem.** Se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades e puerilidades, está claro que não pode ser ele. Porém, se as coisas que diz são dignas do caráter de Fénelon e este não as desaprovava, haverá, quando não uma prova material, pelo menos toda probabilidade moral de que seja de fato ele. [...]. ⁽¹³⁾

A questão da linguagem, em relação à obra de J.-B. Roustaing, será abordada mais à frente.

Na atualidade, encontramos alguns estudiosos questionando quanto a verdadeira autoria dos Evangelhos. Sobre esse “espinhoso”



tema, sugerimos o nosso ebook **Os Nomes dos Títulos dos Evangelho Designam Seus Autores?**, disponível em nosso site (¹⁴).

No 2º e 3º parágrafos do Prefácio de **Os Quatro Evangelhos - Vol. 1**, lemos o seguinte:

Emana esta obra **daqueles que prepararam o advento da missão terrena de Jesus, participaram do desempenho dessa missão e escreveram esses livros** que tiveram por destino guardar, como sagrado e imperecível depósito, a grande revelação messiânica.

Depois de haverem, nos limites da missão terrena que cumpriram, dado testemunho de Jesus, **eles, despojando da letra o espírito, vêm clarear o que parecia trevas e do que era considerado mentira extrair a verdade.** (¹⁵)

Inicialmente, é importante informar que, no decorrer desse ebook, todos os trechos de *Os Quatro Evangelhos* terão plano de fundo na cor bege, para que se identifique mais rapidamente as transcrições dessa obra daquelas de outras fontes.

Nessa transcrição, temos uma referência clara

aos possíveis “inspiradores” da obra como sendo também os supostos autores dos Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Os três primeiros compõem os chamados Evangelhos Sinópticos.

Em ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 6***, R. N. Champlin (1933-2018) e J. M. Bentes, definem:

Sinóptico: Essa palavra vem do grego *sun*, “junto com”, e *ópis*, “visão”, dando a entender uma visão conjunta sobre algo, uma visão de um mesmo ângulo. **Esse adjetivo é aplicado aos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas** porque seu ponto de vista sobre a vida de Cristo concorda e é praticamente o mesmo (**muito material ali compartilhado tem o evangelho de Marcos como principal registro histórico utilizado pelos outros dois evangelhos**). ⁽¹⁶⁾

É importante a informação de que Marcos foi a fonte dos outros dois evangelhos – Mateus e Lucas –, um pouco mais à frente explicaremos o porquê.

Do Prefácio, destacamos o tópico “Vi que a revelação de Deus é permanente e progressiva”, que

contém o seguinte depoimento de J.-B. Roustaing que não podemos deixar de mencioná-lo:

Encontrei nos Evangelhos, veladas pela letra: 1º - a afirmação da pluralidade dos mundos e da sua habitabilidade; 2º - a lei dos renascimentos como meio único, para o homem, *de ver o reino de Deus*, isto é: de chegar à *perfeição* pela purificação e pelo progresso; 3º - a afirmação da imortalidade da alma, da sua individualidade após a morte, dos seus destinos futuros, da sua via eterna.

Mas, se por um lado a moral sublime do Cristo resplandeceu a meus olhos em toda a sua pureza, em todo o seu fulgor, como brotando de uma fonte divina, por outro lado, tudo permaneceu obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão, no tocante à revelação sobre a **origem** e a **natureza** espirituais de Jesus, sobre a sua *posição espírita* em relação a Deus e ao nosso planeta, sobre os seus *poderes* e a sua *autoridade*.

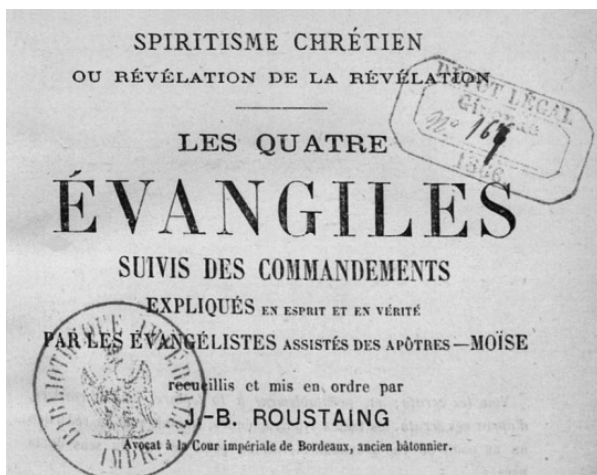
Quanto à revelação sobre uma origem, uma natureza, ao mesmo tempo humanas e extra-humanas de Jesus, sobre o modo de sua aparição na Terra, tudo, como antes, se conservou igualmente obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão.

Pelo que respeita à sua morte, tendo em vista estas palavras suas “Deixo *a vida* para *retomá-la*, ninguém me tira, sou eu que a deixo por mim mesmo”; pelo que toca à sua ressurreição, diante destas outras palavras por ele proferidas: “Tenho o poder de deixar a vida e tenho o poder de a retomar”; pelo que se refere ao desaparecimento do seu corpo do sepulcro, estando selada a pedra que lhe fechava a entrada, à sua *ressurreição* e às suas aparições às mulheres e aos discípulos; pelo que entende com a sua ascensão às regiões etéreas, com as suas palavras proféticas acerca do futuro do nosso planeta e dos acontecimentos que hão de proceder ao seu segundo advento, por ele predito, **senti a impotência da razão humana para penetrar as trevas da letra, a necessidade de uma revelação nova, de uma revelação da Revelação.** ⁽¹⁷⁾ (itálico do original)

Aqui temos a identificação do motivo que deu origem à obra, ou seja, J.-B. Roustaing não compreendia a natureza de Jesus. Em razão disso, ele sentiu “*a necessidade de uma revelação nova, de uma revelação da Revelação*”.

Percebemos que essa expressão, ou seja, “*revelação da revelação*”, passou a ser uma referência na obra: *Espiritismo Cristão ou Revelação*

da Revelação. Os Quatro Evangelhos, conforme se comprova nesta imagem ⁽¹⁸⁾:



Então, tudo que foi escrito nos seus três volumes ⁽¹⁹⁾ deveria convergir para esse objetivo. Dissemos deveria pelo simples fato de termos encontrado inúmeros outros pontos que fogem a essa ideia. Inclusive, alguns deles são contrários ao que se pode encontrar nas obras da Codificação.

Um fato bem curioso é que na mensagem de dezembro de 1861, os seus signatários – Mateus, Marcos, Lucas e João – disseram a J.-B. Roustaing:

“A vós, pioneiros do trabalho, cabe a tarefa de preparar os caminhos, enquanto esperais que aquele que há de vir para traçar o roteiro comece a sua obra.

“Com esse objetivo nós, oh! Bem-amados, vimos incitar-vos a que empreendais a explicação que **preparará a unificação das crenças entre os homens** e à qual **podeis dar o nome de Revelação da Revelação.**” ⁽²⁰⁾

Sinceramente, não vemos nenhuma luz “no fim do túnel” que venha a nos dar uma mínima esperança de que algum dia essa obra de J.-B. Roustaing “*preparará a unificação das crenças entre os homens*”.

Especificamente em relação a João Evangelista, há algo que não nos parece coerente, pois, na Codificação elaborada por Allan Kardec ⁽²¹⁾, além de seu nome ser citado na mensagem em Prolegômenos ⁽²²⁾, entre os que lhe orientaram da sua missão de escrever *O Livro dos Espíritos*, temos registros de várias manifestações desse Espírito, inclusive ele próprio disse que assistia as assembleias na Sociedade de Paris ⁽²³⁾, como também algumas mensagens dele estão nela

mencionadas (²⁴), mas nem uma só referência sobre algo que conste ou que nos remeta ao conhecimento da existência da *“Revelação da Revelação”*, dando-nos a forte impressão de serem dois personagens diferentes.

A missão de trazer à Humanidade a revelação dos Espíritos, até onde sabemos, coube somente ao Mestre de Lyon. Assim, se naquela época ainda houvesse algo novo a ser revelado, certamente, o seria ao Codificador.

Comentários de trechos da obra

Concentraremos-nos apenas nos trechos dedicados à explicação das narrativas constantes do Novo Testamento, atribuídas aos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João; portanto, a parte intitulada “*Os Mandamentos – explicados em espírito e verdade*”, constante do volume 4 de *Os Quatro Evangelhos – Revelação da Revelação*, não será objeto de nossa análise.

No Prefácio de ***Os Quatro Evangelhos – Vol. 1***, J.-B. Roustaing além de afirmar ser sua obra a “*Revelação da Revelação*”, entre outras coisas, diz o seguinte:

N. 1. **Os evangelistas eram, sem o saberem, médiuns historiadores inspirados**, mas dentro dos liames da humanidade, guardando, em face da aptidão mediúnica, a independência da natureza que lhes era peculiar.

Assim, **escrevendo, recebiam a intuição**, que os auxiliava na revelação. E

escreviam, ou de acordo com o que tinham visto, ou com o que lhes fora revelado “por aqueles que – como diz *Lucas* – viram com seus próprios olhos as coisas desde o começo e eram os ministros da palavra”.

A intuição lhes vinha da inspiração divina por intermédio de Espíritos superiores, que desempenhavam o papel de ministros de Deus agindo sobre a natureza humana, livre e falível de cada um deles. ⁽²⁵⁾

Como médiuns historiadores inspirados, que escreviam o que recebiam por intuição, se provavelmente todos eles nem sabiam escrever? Em Atos 4,13, João e Pedro, por exemplo, são nominalmente citados como iletrados: “Ao verem a intrepidez de Pedro e **João**, sabendo que eram homens **iletrados e incultos**, admiraram-se; [...].” ⁽²⁶⁾

Considerando que todos nós, os estudiosos, sabemos que “[...] *Jesus e os apóstolos falavam o aramaico típico da Galileia. [...].*” ⁽²⁷⁾, facilmente se conclui que eles eram analfabetos quanto a essa língua. A situação fica pior ainda, pois os textos dos

quatro Evangelhos foram escritos em grego.

Fato esse que podemos comprovar com Bart D. Ehrman, especialista em Novo Testamento. Em ***Jesus Existiu ou Não?***, ele nos esclarece que:

[...] A língua nativa de Jesus, de seus discípulos e da maioria do povo da Palestina era o aramaico. **Os Evangelhos, porém, não foram escritos em aramaico, mas em grego. E grego de bom nível, altamente proficiente.** Os autores dos Evangelhos **eram falantes e escritores de grego excepcionalmente cultos.** Deviam ser de classes relativamente altas, quase certamente de áreas urbanas fora da Palestina. [...]. (28)

Assim, fica de todo improvável que os Evangelhos tenham sido escritos pelos discípulos, cujos nomes constam de seus títulos. É o que, na sequência, conclui Bart D. Ehrman:

[...] **Os autores desses livros não eram os discípulos originais de Jesus** ou provavelmente nem mesmo eram seguidores dos doze discípulos direto de Jesus. **Eram cristãos de épocas posteriores que ouviram as histórias**

sobre Jesus, disseminadas oralmente
ano após ano, década após década, e
finalmente decidiram escrevê-las. ⁽²⁹⁾

Em **Quem Escreveu a Bíblia? Por Que os**
Atores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que
São, Bart D. Ehrman informa:

O estudo mais completo, mais extensamente pesquisado e mais amplamente influente sobre a alfabetização na Palestina na época do Império Romano é o de Catherine Hezser ⁽³⁰⁾. Após estudar todas as evidências, Hezser conclui que, na Palestina romana, a melhor estimativa é que algo em torno de 3% da população fosse capaz de ler, e que a maioria desses viveria em cidades e vilas maiores. A maior parte das pessoas fora das áreas urbanas dificilmente teria visto, algum dia, um texto escrito. Algumas cidades menores e aldeias poderiam ter um índice de alfabetização em torno de 1%. Ademais, essas pessoas alfabetizadas eram quase sempre a elite das classes superiores. Aqueles que aprendiam a ler liam hebraico, não grego.

E ainda por cima, de novo, muito mais pessoas podiam ler em vez de escrever. As pessoas que sabiam escrever eram principalmente homens do sacerdócio. [...].

A informação quanto ao nível de alfabetização dos que habitavam a Palestina, na época de Jesus, nos leva a concluir que estão cobertos de razão os que questionam serem os nomes citados nos títulos dos Evangelhos como sendo os de seus verdadeiros autores.

Acrescente-se o fato de que Mateus e Lucas utilizaram-se dos apontamentos de Marcos, conforme vimos na explicação do termo Sinóptico. Como encaixar nisso a afirmativa de todos eles serem *“médiuns historiadores inspirados”*?

A cada evangelista cabia, no quadro geral, uma parte da narração. Os tradutores e interpretadores frequentemente falsearam a intenção primitiva. **As palavras dos apóstolos passaram de boca em boca durante muito tempo antes que fossem escritas,** o que deu lugar, de certo modo, às diferenças que se notam nas narrativas. Levado em conta o que, nas relações mediúnicas, há de humano e, por isso, de molde a embará-las, ter-se-á desvendado o segredo dessas diferenças, aliás pouco importantes em si

mesmas. Não podendo deixar de ser assim, os evangelistas, em certos casos que vos serão assinalados, ficaram privados da inspiração, entregues ao próprio critério, nalguns pontos da narrativa oriundos da voz pública e que, ao tempo da nova revelação, da revelação da revelação, teriam que ser explicados e compreendidos. ⁽³²⁾

Totalmente sem sentido a afirmação de que “*A cada evangelista cabia, no quadro geral, uma parte da narração*”, uma vez que vários são os trechos bíblicos em comum, e até mesmo existem alguns conflitantes uns com os outros.

Na transcrição anterior, vimos que “*Os evangelistas eram médiuns historiadores inspirados, escreviam, ou de acordo com o que tinham visto, ou com o que lhes fora revelado*”, porém, aqui, neste trecho, temos a confissão de que eles não foram os autores dos Evangelhos uma vez que “*As palavras dos apóstolos passaram de boca em boca durante muito tempo antes que fossem escritas, o que deu lugar, de certo modo, às diferenças que se notam nas narrativas.*”

As divergências nas narrativas de vários

episódios provam exatamente que o que foi escrito – em grego, diga-se de passagem –, veio de transmissão oral dos acontecimentos, portanto, nada tem a ver com a questão de que os evangelistas, em certos casos, “ficaram privados de inspiração”.

Vejamos isto que Bart D. Ehrman disse em ***Como Jesus se Tornou Deus?***:

Os estudiosos geralmente datam os Evangelhos do Novo Testamento da última parte do século 1. A maioria concorda que Jesus morreu por volta do ano 30 d.C. **Marcos** foi o primeiro Evangelho escrito, provavelmente **por volta de 65-70 d.C.**; **Mateus e Lucas** foram escritos cerca de quinze a vinte anos depois, **aproximadamente em 80-85 d.C.**; e **João** foi escrito por último, **por volta de 90-95 d.C.** O que importa aqui é o hiato envolvido. **O primeiro relato sobrevivente da vida de Jesus foi escrito trinta e cinco a quarenta anos depois da morte dele.** O último Evangelho canônico foi escrito sessenta a sessenta e cinco anos depois de sua morte. Obviamente é um bocado de tempo.

Se os autores não foram testemunhas oculares, não eram da Palestina e sequer falavam a mesma

língua de Jesus, de onde tiraram as informações? [...] As “testemunhas” cristãs primitivas de Jesus tinham de persuadir as pessoas de que Jesus realmente era o messias de Deus, e para isso **tinham que contar histórias sobre ele**. Foi o que fizeram. **Contaram histórias sobre o que aconteceu no fim da vida dele** – a crucificação, o túmulo vazio, as aparições dele vivo para os seguidores depois disso. Também contaram histórias de sua vida antes desses acontecimentos finais – o que ele pensava, os milagres que operou, as controvérsias que teve com os líderes judeus, sua detenção e julgamento e coisas do tipo.

As histórias circularam. Qualquer um que se convertesse a seguidor de Jesus podia e devia contar as histórias. Um convertido contava para a esposa; se ela se convertia, contava para a vizinha; se esta se convertia, contava para o marido; se ele se convertia, contava para seu sócio; se este se convertia, contava para um parceiro comercial ao fazer uma viagem de negócios para outra cidade; se este se convertia, contava para a esposa; se ela se convertia, contava para a vizinha... E assim por diante. **Contar histórias era a única forma de se comunicar antes da comunicação de massa**, da cobertura pela mídia nacional e até mesmo de níveis significativos de alfabetização (naquele tempo apenas cerca

de 10% da população sabiam ler e escrever; portanto, **a maior parte da comunicação era oral**).

No entanto, quem então contava as histórias sobre Jesus? Só os apóstolos?

Não pode ter sido apenas os apóstolos. Apenas pessoas autorizadas pelos apóstolos? Sem chance. Apenas pessoas que checaram os fatos para garantir que não haviam mudado nada das histórias e que recontavam só o que realmente havia acontecido, do jeito que havia acontecido? Como poderiam fazer isso? **As histórias eram contadas pelo boca a boca, ano após ano, década após década, entre montes de gente de diferentes partes do mundo, em diferentes idiomas**, e não havia como controlar o que uma pessoa dizia para outra a respeito das palavras e ações de Jesus. **Todo mundo sabe o que acontece com histórias que circulam dessa forma. Detalhes mudam, episódios são inventados, acontecimentos são exagerados, relatos impressionantes ficam ainda mais impressionantes, e por aí vai.**

Um autor enfim ouviu as histórias em sua igreja – digamos que “Marcos” na cidade de Roma. E ele escreveu o relato. Então, dez ou quinze anos mais tarde, outro autor em outra cidade leu o relato de Marcos e decidiu escrever o seu, em parte baseado em

Marcos, e em parte baseado nas histórias que ouviu em sua própria comunidade. E os Evangelhos começaram a surgir.

São esses os Evangelhos que temos hoje. Ao longo de trezentos anos ou mais, especialistas têm estudado os textos nos mínimos detalhes, e um dos resultados garantidos dessa investigação intensiva é que **os Evangelhos possuem numerosas discrepâncias, contradições e problemas históricos.** ⁽³³⁾ ⁽³⁴⁾

É por demais óbvio a qualquer um que determinado fato divulgado pelo “telefone sem fio” será modificado ao longo de suas várias “transmissões” boca a boca.

Se, como dito, os Evangelhos foram escritos cerca de 35 a 65 anos após a morte de Jesus, é bem provável que os discípulos, que o acompanhavam, já tivessem morrido. Temos informações de que *“[...] naquele tempo a média de vida de um homem era de quarenta anos. [...]”* ⁽³⁵⁾

Ora, se ao serem convidados para entrar para o grupo de discípulos, cada um deles já fosse um homem maduro, vamos presumir uma idade de 20

anos, que somados aos da expectativa de vida, dariam 65 anos, que representaria um tempo menor do que o intervalo dos 65-70 anos, período que se estima ter sido escrito o primeiro Evangelho.

Como vimos, foi dito que os Evangelhos são de *“inspiração divina por intermédio de Espíritos superiores”*, o problema é aceitar tal inspiração se há divergência em vários relatos. Claro que é possível os autores falarem de forma diferente e conforme a maneira de ser de cada um; porém, conflitos e contradições nas narrativas, como as várias que existem, a nosso ver, jamais.

Vejamos o “Prólogo” do Evangelho Segundo São Lucas, pelo teor da ***Bíblia de Jerusalém***:

Lucas 1,1-4: *“Visto que **muitos já tentaram compor uma narração dos fatos** que se cumpriram entre nós – **conforme no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares** e ministros da Palavra – **a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio**, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que*

recebeste.” (36)

O autor de Lucas, seja ele quem for, confessa que muitos já haviam escrito sobre os “*assuntos* (prágmata) [*que*] *dizem respeito à vida e dizeres de Jesus.*” (37) pelos que foram testemunhas oculares e no caso dele faria uma investigação para também publicar algo. Ora, aqui fica claro que nada teve de inspiração o que escreveu, mas apenas relatos provenientes de depoimentos e investigação pessoal.

Interessante é que em **Os Quatro Evangelhos - Vol. 3**, disseram: “*Mais tarde surgiram os comentários, **originando-se as versões** que se introduziram nas narrações evangélicas.*” (38) Demonstração cabal de que as narrações dos Evangelhos têm como origem os comentários do povo sobre a vida de Jesus, o que põe por terra a tal de “*inspiração de Espíritos superiores*”.

Mas, certamente, já prevendo serem contestados quanto à inspiração divina dos Evangelhos, tais Espíritos supostamente superiores,

explicaram:

As divergências apontadas servem exatamente para atestar a autenticidade dos Evangelhos. Se eles tivessem sido falsificados, que não somente pela errônea interpretação dos tradutores, nada mais fácil houvera do que pô-los acordes todos quatro. As divergências, repetimos, pouco importantes de si mesmas, devem ser consideradas como a característica da veracidade deles.

Visto que em tudo o que é humano há erro, as diferenças, nos Evangelhos, são devidas à condição humana dos narradores, que conservavam a independência da natureza que lhes era particular, ainda quando sob a inspiração que os auxiliava na revelação. [...].

[...].

Não vos agarreis às contradições de palavras, às diferenças de minúcias, todas secundárias, sem valor e que não afetam a obra do Mestre. [...]. ⁽³⁹⁾

Conscientes de que seriam contestados em relação às divergências e conflitos, habilmente trataram de dar uma explicação, aos olhos deles razoável. Entretanto, são apenas sofismas que nada

provam. Comportam-se como os encarnados fanáticos que têm a Bíblia como sendo “a palavra de Deus” e que tudo fazem para justificarem suas contradições.

Sobre o nascimento de João Batista apesar da esterilidade de Isabel, esposa de Zacarias e parente (prima?) de Maria, explicam:

N. 2. O nascimento de João, como filho de Isabel, tinha por fim impressionar desde logo o espírito público.

Isabel era estéril, isto é, não havia concebido até então, e tal se dera por ser da sua missão servir aos desígnios do Senhor. **A esterilidade aqui se deve entender no sentido de que Isabel, que ainda não chegara em idade aos limites extremos além dos quais cessa a fecundidade segundo as leis naturais da reprodução em vosso planeta**, estivera até aquele momento sem filhos. É o que se verifica pelas palavras do anjo a Maria (v. 36), falando de Isabel: “ela que é chamada estéril...”

[...].

Acontece com a fecundidade da mulher o que se dá com a da planta. Os fluidos que transportam o pólen para a flor depositam o

gérmen no seio materno; mas, assim como o pólen se perde no espaço se não é chegada a hora da reprodução, também **o gérmen humano se aniquila sem produzir frutos.** ⁽⁴⁰⁾

No texto bíblico, temos que o casal “*Não tinham filhos, porque Isabel era estéril e os dois eram de idade avançada.*” (Lucas 1,7). Ora, somando-se à esterilidade o fato de ter idade avançada, entendemos que a possibilidade de Isabel ter um filho era zero.

Mas, a narrativa bíblica, como muitas vezes busca apresentar uma causa maravilhosa ou sobrenatural para coisas inexplicáveis à época, informa que mesmo assim ela se engravidou. Coisa que os “Espíritos inspiradores” querem, sem o menor constrangimento, referendar.

O teor de Lucas 1,36, citado na transcrição, pela *Bíblia de Jerusalém* é: “*Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho **na velhice**, e este é o sexto mês para aquela que chamavam estéril.*” Se Isabel concebeu um filho na velhice como “ainda não chegara em idade aos limites extremos além dos

quais cessa a fecundidade segundo as leis naturais da reprodução em vosso planeta”? A explicação dos “Espíritos inspiradores” da obra, para nós, não é bem coerente que o texto bíblico e nem mesmo com o que a Biologia já conhece sobre a espécie humana.

Ao apresentar a um nosso amigo, escritor espírita consagrado, que é médico pediatra, o último parágrafo em que se compara a fecundidade da mulher com a da planta, ele nos respondeu objetivamente: “Sem possibilidade de aprovação de tal aberração.”

É de bom aviso não abraçar cegamente qualquer ideia nova, não acolher como boas todas as máximas pregadas com mais ou menos eloquência. Deve-se sempre sondar cada fato, cada ideia. **Deve-se procurar ver tudo, não com os olhos do corpo, mas com os da inteligência;** escutar, não com os ouvidos materiais, mas com os da alma. **O homem deve raciocinar, estudar, apreender bem todas as coisas. [...].** ⁽⁴¹⁾

Agora sim, ficamos mais tranquilos em relação aos nossos comentários nesse estudo, pois, estamos

seguindo à risca as orientações dos “Espíritos inspiradores”: *“É de bom aviso não abraçar cegamente qualquer ideia nova”* e *“o homem deve raciocinar”*. Ninguém poderá nos condenar por isso, certo?

João era tido geralmente pelos judeus como sendo o profeta Elias que voltara. Precisamente porque **a opinião geral via em João o reaparecimento de Elias,** é que tantas **interpelações lhe foram dirigidas sobre esse ponto no curso de sua missão,** repetindo mais tarde os discípulos a Jesus o que, a tal respeito, diziam os fariseus. ⁽⁴²⁾

A verdade é que os judeus esperavam pela volta de Elias, conforme profetizara Malaquias (Malaquias 3,1.23-24), porém não se deram conta de sua volta como João, filho de Zacarias e Isabel. A fonte que temos a respeito do que os judeus acreditavam são os textos dos Evangelhos. Então, vejamos o que eles nos contam:

1) Jesus identifica João Batista como aquele que cumpria a profecia de Malaquias (Mateus 11,2-

14), sinal que não sabiam quem era, pode-se abrir a probabilidade de que, a partir dessa revelação de Jesus, passaram a acreditar que João Batista era Elias.

2) Em relação ao povo, ele tinha Jesus como João Batista, Elias, Jeremias ou algum dos profetas (Mateus 16,13-14), portanto, não sabiam quem era a ponto de dizer que seria o próprio Cristo.

3) No relato da transfiguração de Jesus (Mateus 17,1-13), momento em que Moisés e Elias apareceram e puseram-se a conversar com ele. Pedro, Tiago e João, que o acompanhavam ao verem Elias, ficaram em dúvida e perguntaram ao Mestre sobre a previsão de sua volta, ao que ele respondeu: *“Eu vos digo, porém, que Elias já veio, mas não o reconheceram. Ao contrário, fizeram com ele tudo quanto quiseram.”* (Mateus 17,12). Caso acreditassem que João Batista fosse Elias não faz sentido terem perguntado sobre a profecia de Malaquias. Ademais, a resposta de Jesus diz que eles *“não o reconheceram”*, fato que comprova que o povo não tinha João Batista como Elias reencarnado.

Diante de tudo isso, não temos como aceitar como verdadeira essa “revelação” dos “Espíritos inspiradores”, segundo a qual o povo em geral “*via em João o reaparecimento de Elias*”. Infelizmente, nesse ponto, os responsáveis por ditar essa obra não passaram no teste de conhecimento dos Evangelhos.

E já que mencionamos o episódio da transfiguração, vejamos algo sobre isso em **Os Quatro Evangelhos - Vol. 2**, nos itens 194 e 195, respectivamente:

1) Temas: transfiguração de Jesus no Tabor. – Aparição de Elias e de Moisés. – [...]. ⁽⁴³⁾, item 194:

A presença de Moisés e Elias, visíveis para os discípulos, foi um meio de lhes ferir a imaginação e de, por assim dizer, *confirmar* diante deles a elevação espiritual do Cristo, como sendo o *Messias prometido*. **Moisés e Elias tinham ambos prometido o Messias. A presença dos dois santificava e sancionava**, aos olhos dos apóstolos, a missão que Jesus desempenhava, mostrando-lhes essa missão em toda a sua santidade.

[...].

Do ponto de vista do futuro, isto é, da

época atual em que começa a era nova do Cristianismo do Cristo, a era espírita, **a presença de Moisés e Elias consagrava, para todos, a intervenção dos Espíritos junto dos homens**; era a manifestação espírita revelada aos apóstolos, era (conforme a nova revelação o explicaria e faria compreender nos tempos preditos, que são os vossos) a promessa para o futuro.

Jesus prometera a seus discípulos que sua lei se estenderia por sobre toda a terra e que todos os homens se congregariam em torno da bandeira que eles arvoravam. [...] Assim sendo, **a presença de Moisés e de Elias**, que também haviam empreendido a regeneração da Humanidade e fizeram promessas para o futuro, teve por fim ensinar aos apóstolos *como e em que condições eles continuariam* a obra que tinham empreendido.

Jesus também consubstanciava em si promessas para o futuro. **Moisés e Elias prometeram o Messias**, Jesus prometeu outro Consolador, *o Espírito da Verdade*, a revelação espírita, pela intervenção dos Espíritos do Senhor junto dos homens, intervenção que teve a consagrá-la, **para todos, a presença de Moisés e de Elias no monte**, em colóquio, *diante dos discípulos*, com o mesmo Jesus transfigurado. [...].

A narração dos mesmos fatos, isto é, da

transfiguração de Jesus, **da aparição de Moisés e de Elias**, do envolvimento dos três discípulos por uma nuvem de onde saía a voz e das palavras ditas por essa voz, feita pelos três evangelistas sob a influência mediúnica, reflete impressões, apreciações e interpretações humanas. Cada um dos discípulos, relatando aqueles fatos, exprimiu as suas próprias sensações e **cada um dos evangelistas referiu o que lhe foi relatado.** ⁽⁴⁴⁾ (itálico do original)

Além das afirmativas aqui encontradas que, indubitavelmente, induz à conclusão de que Moisés e Elias são duas individualidades espirituais, temos essa ideia mais doze vezes ⁽⁴⁵⁾, entre elas, destacamos:

Moisés e Elias se tornaram visíveis aos apóstolos, *cheios de glória*, por isso que, como todos os Espíritos superiores, eles eram luminosos sob a forma ou a aparência humana. ⁽⁴⁶⁾ (itálico do original)

A presença de Moisés e Elias nada teve que aberrasse dos fatos ordinários. Ambos estavam sempre junto de Jesus. Naquele momento *apenas se tornaram visíveis.* [...]. ⁽⁴⁷⁾ (itálico do original)

Ficaremos aguardando a informação que venha a confirmar que *“Moisés e Elias prometeram o Messias”* ou que *“fizeram promessas para o futuro”*, quer dizer, profetizaram sobre Jesus. Estamos nos esforçando para esperar, mas... zzz... zzz... zzz...

É certo que, no meio das religiões cristãs tradicionais, estes dois versículos de Deuteronômio 18, são consideradas como uma profecia de Moisés a respeito do Messias:

15. *“Iahweh teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti, dentre os teus irmãos, e vós o ouvireis.”* e

18. *“Vou suscitar para eles um profeta como tu, do meio dos seus irmãos. Colocarei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo o que eu lhe ordenar.”* ⁽⁴⁸⁾

Porém, pelo contexto histórico, nessas duas passagens, Moisés estava, de fato, falando de um profeta, mas de um que de imediato o substituiria, porquanto havia sido avisado da morte próxima.

Quanto a Elias, em tudo que ele falou, nada encontramos que possa ligar a Jesus, ainda que forçando a barra. O que temos é apenas esta

profecia a respeito de sua volta:

*“Eis que **enviarei o meu mensageiro** para que prepare um caminho diante de mim. [...]. Eis que **vos enviarei Elias**, o profeta, antes que chegue o Dia de lahweh, grande e terrível.”* (Malaquias 3,1.22) ⁽⁴⁹⁾

No final ao dizer “Cada um dos discípulos, relatando aqueles fatos, exprimiu as suas próprias sensações e cada um dos evangelistas referiu o que lhe foi relatado.”, simplesmente, são concorde que os Evangelhos não foram inspirados, apenas registros dos feitos de Jesus que se propagava de boca em boca.

É oportuno lembrar que a Doutrina Espírita afirma claramente que “*Espírito é indivisível*” ⁽⁵⁰⁾; por conseguinte, não pode se dividir em dois seres distintos, no caso, em Moisés e Elias.

2) Tema: O Espírito de Elias reencarnado na pessoa de João, o Precursor, filho de Zacarias e de Isabel ⁽⁵¹⁾, item 195.

O que, porém, **Jesus naquela ocasião não podia nem devia dizer e que agora**

tem que ser dito é o seguinte: Moisés - Elias - João Batista - são uma mesma e única entidade. Estamos incumbidos de vos revelar isso, porque chegou o tempo em que se tem de “realizar” a “nova aliança”, em que todos os homens (Judeus e Gentios) se têm que abrigar debaixo de uma só crença, da crença - em um **Deus**, uno, único, indivisível, Criador incriado, eterno, único eterno: o Pai; em **Jesus-Cristo**, vosso protetor, vosso governador, vosso mestre: o Filho; nos Espíritos do Senhor, Espíritos puros, Espíritos superiores, bons Espíritos que, sob a direção do Cristo, trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade: o **Espírito Santo**.

Sim, **Moisés, Elias e João Batista são um só; são o mesmo Espírito encarnado três vezes em missão.** Esse Espírito, quando foi **Moisés, preparou a vinda do Cristo e a anunciou veladamente**, quando foi **Elias, deu grande brilho à tradição hebraica e anunciou, nas suas profecias, que teria de ser o precursor do Cristo**; quando reencarnou em João, filho de Zacarias e Isabel, foi esse precursor.

Essas três figuras eram o *emblema* da tríplice missão desempenhada em três épocas diferentes, e, por meio da aparição de Moisés e de Elias **no Tabor**, aos três discípulos, foram postas ao alcance das inteligências humanas, ensinando Jesus aos homens que João Batista era Elias, que

voltara à terra.

Moisés, Elias e João foram sempre o mesmo Espírito reencarnado, mas não a mesma personalidade humana, a mesma individualidade terrena.

Assim é que, **no Tabor**, quando da transfiguração de Jesus, **um Espírito superior, da mesma elevação que Elias e João, tomou a figura, a aparência de Moisés**.

Tais substituições se dão *quando necessárias* – por Espíritos da mesma ordem. ⁽⁵²⁾ (itálico do original)

No item anterior, de várias vezes que foram citados os nomes de Moisés e Elias, facilmente se pode deduzir que estes dois personagens são espiritualmente distintos um do outro.

Aqui, nesse item, bem parece ser um outro “Espírito inspirador” que toma a narrativa, que para não evidenciar a contradição estabelecida, vem justificar que *“Jesus naquela ocasião não podia nem devia dizer e que agora tem que ser dito é o seguinte: Moisés – Elias – João Batista – são uma mesma e única entidade”*.

Para nós é uma tentativa inútil para derrubar a

contradição, porque se o Mestre revelou que Elias era João Batista, não haveria motivo algum para que ele também não revelasse que Elias teria sido Moisés.

Mas já prevendo a contestação de que sendo Moisés e Elias o mesmo Espírito, no episódio da transfiguração não poderia aparecer os dois, porquanto, um Espírito não se divide ⁽⁵³⁾, apresentam com justificativa a possibilidade de os Espíritos se substituírem uns aos outros.

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, cap. XXIV, itens 256 e 268, o Codificador disse o seguinte:

a) item 256:

Dá-se a mesma coisa todas as vezes que um Espírito superior se comunica espontaneamente, sob o nome de uma personagem conhecida. Nada prova que seja exatamente o Espírito dessa personagem; porém, se ele nada diz que desminta o caráter desta última, há presunção de que seja ele, podendo-se dizer, em todo os casos que, se não é ele, é

um Espírito do mesmo grau de elevação ou talvez até um enviado seu. [...]. ⁽⁵⁴⁾

Nos casos de comunicações espontâneas é possível sim, que um Espírito substitua a um outro, mas a lógica nos diz que para isso ocorrer é preciso que ele esteja “preso” em alguma atividade que não o permita comparecer “pessoalmente”, daí incumbe um outro para transmitir sua mensagem.

b) Item 268:

*7. Quando evocados, os Espíritos superiores **vêm sempre em pessoa ou, como supõem algumas pessoas, se fazem representar por mandatários** incumbidos de lhes transmitir os pensamentos?*

“Por que não virão em pessoa, se o podem? Se, entretanto, o Espírito evocado não pode vir, o que se apresenta é forçosamente um mandatário.” ⁽⁵⁵⁾ (itálico do original)

O Codificador propõe a questão se no caso de evocações os Espíritos superiores poderiam se fazer representar por mandatários. A resposta é clara e objetiva, podem sim. Porém fica subentendido que só

haverá substituição quando, por algum motivo justificado, não puderem comparecer.

Em ambos os casos, ou seja, seja espontaneamente ou evocado, o mandatário comparecer acompanhado de um seu suposto substituto é que não faz sentido algum. É justamente isso que os “Espíritos inspiradores” querem que nós acreditemos. Mas, onde reside a lógica?

Na **Revista Espírita 1865**, mês fevereiro, Allan Kardec discorrendo sobre o problema da identificação dos Espíritos, a certa altura, diz:

[...] Quanto mais **os Espíritos estão distanciados de nós pela época** em que viveram, menos essa certeza é grande, tendo em vista que suas ideias e seu caráter podem ser modificados com o tempo. [...] Se um deles se manifesta, o fará sob um nome nosso conhecido, como indício de sua categoria. **Evocando-se Platão por exemplo, pode ocorrer que ele responda ao chamado; mas se não o pode, um Espírito da mesma classe responderá por ele: este será seu pensamento, mas não sua individualidade.** Eis do que importa muito bem se compenetrar. ⁽⁵⁶⁾

No caso de ser evocado quando o Espírito não pode atender ao chamado, um Espírito da mesma classe responderá por ele, ou seja, fica claro que a substituição se dá quando ele não pode atender pelo motivo de estar ocupado em alguma atividade que o impede de se manifestar no local em que o evocam.

Ademais, a substituição no sentido de executar a vontade de outro é uma coisa, apresentar-se com a aparência daquele que se substitui é bem outra, já que isso seria uma bela representação teatral sem graça ou se trata mesmo de falsa identidade.

Afirmaram também que *“Moisés, preparou a vinda do Cristo e a anunciou veladamente, quando foi Elias, deu grande brilho à tradição hebraica e anunciou, nas suas profecias, que teria de ser o precursor do Cristo”*, pena que não se deram ao trabalho de citar quais passagens bíblicas que sustentam essas informações.

Conforme já o dissemos, nada disso, ou seja, Moisés preparou a vinda do Cristo, Elias anunciou, nas suas profecias, que seria o precursor do Cristo, é possível encontrar em algum texto do Antigo

Testamento.

Por outro lado, o profeta Malaquias sim, como já dito, foi quem anunciou a volta de Elias: *“Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o Dia de lahweh, grande e terrível.”* (Malaquias 3,23)

E por último, vejamos a questão da aparição de Moisés e de Elias no Tabor. Consultamos a *Bíblia de Jerusalém*, onde lemos:

*“Seis dias depois, Jesus tomou Pedro, Tiago e seu irmão João, e os levou para um lugar à parte, sobre **uma alta montanha**.”* (Mateus 17,1, ver também Marcos 9,28)

Portanto, no texto bíblico não foi identificada a “alta montanha” ou “alto monte”, conforme várias traduções, na qual ocorreu o episódio.

Aos desavisados “Espíritos inspiradores”, informamos que o monte Tabor não é citado uma única vez em todo o Novo Testamento. Vejamos o seguinte mapa da Palestina (⁵⁷):

mais lógico seria, rumo às alturas de Hermom, a 20 km de Cesareia de Filipe e com quase 3.000 m de altura. ⁽⁵⁸⁾
(itálico do original)

O exegeta e enciclopedista Russell Norman Champlin, em ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1***, esclarece:

“a um alto monte”. **O local tradicional é o monte Tabor**, situado cerca de 16 quilômetros de Cafarnaum. Essa tradição foi originada por Cirilo, de Jerusalém, e por Jerônimo, no século IV D.C., mas a opinião moderna nega essa tradição. Alguns historiadores afirmam que esse monte, **no tempo de Jesus, contava com uma fortaleza ocupada por tropas**, e certamente Jesus não teria feito desse lugar um abrigo solitário e próprio para a oração. Alguns conjecturam que os “seis” dias entre a narração dos últimos acontecimentos e este, foram gastos em viagem, e, assim, **era impossível estarem em qualquer lugar perto do monte Tabor**. Todavia, ninguém pode provar que estivessem de viagem nesses dias. **Outras ideias têm sido expostas, mas a mais comum e aceitável é que o local da visão foi o monte Hermom**. O monte Hermom era bem visível e proeminente nas vizinhanças

de Cesareia de Felipe (Mat. 16:13), onde Jesus e seus discípulos provavelmente ficaram (ou, pelo menos, onde devem ter ficado, próximo dessa localidade). **Há poucos montes na Palestina que merecem essa denominação de “alto monte”, e o Hermom é um deles.** ⁽⁵⁹⁾

Esses “Espíritos inspiradores” não poderiam ter esclarecido esse ponto, por que motivo continuaram mantendo a tradição, que não corresponde à verdade? Não seria tempo para revelar isso? Seria uma ótima resposta para fugir da contradição.

N. 9. Que se deve entender por “Espírito Santo”?

Segundo o modo de ver dos tempos hebraicos e dos tempos evangélicos, *durante a missão de Jesus na terra,* **essa locução Espírito Santo era uma expressão familiar aos Hebreus,** significando a manifestação mesma de Deus por um ato qualquer e a inspiração divina – “o sopro do próprio Deus”.

Para exprimir que um homem era como que inspirado por Deus, dizia-se que ele estava cheio de Espírito Santo, que um *Espírito Santo* estava nele, que era impelido pelo *Espírito*, que obrava “por um

movimento do Espírito de Deus". ⁽⁶⁰⁾ (itálico do original)

Essa nota vem explicar Lucas 1,5-25, passagem na qual temos o anjo do Senhor informando a Zacarias que sua mulher ficaria grávida de uma criança cujo nome deveria ser João, sobre ela disse o anjo: *“pois que ele será grande aos olhos do Senhor, não beberá vinho, nem bebida alguma espirituosa, será cheio de um Espírito Santo* ⁽⁶¹⁾ *desde o seio materno”* (Lucas 1,15) ⁽⁶²⁾.

O tradutor Frederico Lourenço, doutor em línguas e literaturas clássicas e professor Universitário, em ***Bíblia - Volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos***, esclarece o uso da expressão em no versículo citado:

- “um espírito santo”: embora algumas traduções optem por ver aqui **“o”** espírito santo, **a expressão de Lucas não tem o artigo definido, pelo que em rigor é “um” espírito santo.** [...]. ⁽⁶³⁾

Poderíamos muito bem-dizer: “um espírito bom”, portanto, nada tem a ver com a Trindade ou

algo relacionado a divindade.

A locução “Espírito Santo” era familiar nos tempos hebraicos? Vejamos os textos bíblicos do Antigo Testamento nos quais ela aparece:

*Sabedoria 1,4-7: “A Sabedoria não entra numa alma maligna, ela não habita num corpo devedor ao pecado. Pois **o espírito santo**, o educador, foge da duplicidade, ele se retira diante dos pensamentos sem sentido, ele se ofusca quando sobrevêm a injustiça. **A Sabedoria é um espírito amigo dos homens**, não deixa impune o blasfemo por seus propósitos; porque Deus é a testemunha de seus rins, perscruta seu coração segundo a verdade e ouve o que diz a sua língua. **O espírito do Senhor** enche o universo, dá consistência a todas as coisas, não ignora nenhum som. (Bíblia de Jerusalém)*

É bem certo que, no contexto, a locução “Espírito Santo” não está se referindo a Deus, que é citado com a expressão “O espírito do Senhor”.

A próxima passagem do Antigo Testamento, que citaremos, tem o seu teor diferente entre as publicações antigas e as novas da Bíblia:

a) **Paulinas 1957** – Isaías 63,9-14: “Em todas as suas tribulações não se cansou (de os socorrer), e o anjo (que está diante) da sua face os salvou; com o seu amor e com a sua clemência ele mesmo os remiu e os levou sobre si, e os sustentou em todos os dias do tempo passado. Mas eles o provocaram à ira, e afligiram **o seu espírito do seu Santo**; e converteu-se para eles em inimigo, e ele mesmo os combateu. Porém, lembrou-se dos antigos dias de Moisés e do seu povo. Onde está o que os tirou do mar (vermelho) com os pastores de seu rebanho? Onde está o que pôs no meio deles **o espírito do seu Santo**? Quem tomou Moisés pela direita (e o susteve) com o braço da sua majestade; quem dividiu as águas (do mar) diante deles, para adquirir para si um nome eterno; quem os conduziu pelos abismos, como a um cavalo por um descampado, sem tropeçar? Como a um animal, que vai descendo por uma campina, assim **o espírito do Senhor** que guiaste o teu povo, para granjeares para ti um nome glorioso.” ⁽⁶⁴⁾

b) **Paulus 2002** (Bíblia de Jerusalém) – Isaías 63,9-14: “Em todas as suas agruras, não foi um mensageiro ou um anjo, mas a sua própria face que os salvou. No seu amor e na sua misericórdia, ele mesmo os resgatou: ergueu-os e carregou-os, durante todo o tempo

passado. Mas eles se rebelaram e magoaram o seu Espírito santo. Foi então que ele se transformou em seu inimigo e guerreou contra eles. Mas depois lembrou-se dos tempos antigos, de Moisés, seu servo. Onde está aquele que os fez subir do mar, o pastor do seu rebanho? Onde está aquele que pôs o seu Espírito santo no seio do povo? Aquele que acompanhou a destra de Moisés com o seu braço glorioso, que fendeu as águas diante deles, assegurando para si mesmo um renome eterno; que os fez trilhar pelos abismos como o cavalo trilha o deserto sem tropeçar; como o gado que desce para um vale, assim o Espírito de lahweh os conduziu para o repouso. Assim conduziste o teu povo, fazendo para ti um nome glorioso.” (65)

Com o teor da Bíblia publicada no ano de 1957 é fácil entender que a locução “espírito santo”, significa “o espírito de seu Santo”, que é uma referência ao profeta, que era visto como falando em nome de Deus. Referência a Deus se tem, ao final da passagem, com a designação “Espírito de lahweh” ou “o espírito do Senhor”, conforme as traduções.

Vejamos, por fim, qual é o teor desse passo na **Bíblia Hebraica**, que deveria ser a fonte primária

das outras traduções.

Isaías 63,9-14: *“Ante sua angústia Ele se angustiava, e um anjo por Ele enviado os salvou; com Seu amor e Sua compaixão, Ele os remiu e sustentou ao longo de tempos já passados. Mas eles se rebelaram e trouxeram aflição **a Seu santo Ser**; por isto Ele Se tornou Seu inimigo e contra eles Se voltou. Lembraram então dias do passado, do tempo de Moisés: Onde está Aquele que os resgatou do mar, conduzido pelos pastores de Seu rebanho? Onde está Aquele que sobre eles derramou **Sua santa presença**? Que fez Sua mão gloriosa agir através da destra de Moisés? Que ante eles dividiu as águas, tornando indelevelmente glorioso Seu Nome? Que os conduziu através do abismo, como um cavalo através do deserto, sem nenhum tropeço? Assim como gado que desce a um vale, **a presença do Eterno** os fez repousar; assim conduziste Teu povo, tornando eterno Teu renome.”* ⁽⁶⁶⁾

Não encontramos as expressões destacadas nas duas traduções mencionadas – Paulinas 1957 e Paulus 2002.

Mas qual teor será o verdadeiro? Sinceramente, preferimos ficar com o da *Bíblia*

Hebraica, bem mais antigo e que, como dito, deveria ter sido a origem das outras duas.

E, por fim, a última passagem do Antigo Testamento, que é:

Daniel 13,42-46: *“Susana clamou então em alta voz, dizendo: ‘Ó Deus eterno, que conheces as coisas ocultas, que sabes todas as coisas antes de sua origem, tu sabes que é falso o testemunho que levantaram contra mim. Eis, pois, que vou morrer, não tendo feito nada do que estes maldosamente inventaram a meu respeito’. E o Senhor escutou a sua voz. Enquanto a levavam para Fora, a fim de ser executada, **suscitou Deus o espírito santo de um jovem adolescente, chamado Daniel**, o qual clamou em alta voz: ‘Eu sou inocente do sangue desta mulher!’”* (67)

Aqui também a locução “Espírito Santo” não se refere a Deus, no presente caso, trata-se de menção ao Espírito encarnado como Daniel, que se julgava um Espírito bom.

Se no Antigo Testamento não há o uso da locução “Espírito Santo” para se referir a Deus, por que razão ela “resolveu aparecer” no Novo

Testamento? A resposta é simples: seus textos foram adaptados para confirmar a crença na existência da Trindade.

Vejamos o seguinte resumo tomado de ***Sabedoria do Evangelho - Vol. 5***, de autoria de Carlos Torres Pastorino (1910-1980) ⁽⁶⁸⁾:

PNEUMA HAGION							
Em grego	Tradução	Mat.	Marc.	Luc.		João	Totais
		EV	EV	EV	AT	EV	
<i>tò pneuma tò hágion</i> (1)	o Espírito o santo	1	3	2	15	-	21
<i>pneuma hágion</i> (indefinido, sem artigo)	um espírito santo	3	1	7	17	1	29
<i>tò hágion pneuma</i> (2)	o santo Espírito (inversão)	-	-	2	7	-	19
<i>tò pneuma</i>	o espírito	4	2	2	11	10	29
<i>pneuma</i> (indefinido, sem artigo)	um espírito	3	-	2	4	6	15
Totais		11	6	15	54	17	103
(1) Em João aparece uma só vez, e assim mesmo em apenas alguns códices tardios, havendo forte suspeição de haver sido acrescentado posteriormente (em 14:26).							
(2) Mat. 28:19, num versículo indiscutivelmente apócrifo.							
PASTORINO, C. <i>Sabedoria do Evangelho. Vol. 5º</i> . Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964e, p. 97-98.							

Caso não estejamos de todo enganados, no Novo Testamento, levando-se em conta os textos gregos, a locução “Espírito Santo” também não é usada para designar Deus.

Do ponto de vista espírita e conforme à verdade que a nova revelação vem pôr em foco aos olhos de todos, **o Espírito Santo**, de modo geral, não era e não é um Espírito especial; mas, uma designação figurada, que **indicava e indica o conjunto dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos.** ⁽⁶⁹⁾ (itálico do original)

Na Codificação elaborada por Allan Kardec, não há definição específica do que seja o Espírito Santo. Sua existência é produto de crença das religiões ditas cristãs, que nada tem a ver conosco.

Entretanto, arriscaríamos em defini-lo como **“Um Espírito”** que chegou ao grau máximo da escala evolutiva, não é, portanto, uma coletividade, e sim uma individualidade.

Assim, teremos incontáveis “Espíritos Santos”, tantos quantos são os Espíritos puros. Os Espíritos superiores e os bons Espíritos não fazem parte dessa classificação.

[...] Para os príncipes dos sacerdotes, para os escribas, os fariseus e seus adeptos, era um impostor, por isso que,

segundo eles, **declarando-se “o filho de Deus”, Jesus se atribuía a si mesmo a divindade**, se fazia passar pelo próprio Deus. ⁽⁷⁰⁾

Vejamos, em **Quem Foi Jesus? Quem Jesus Não Foi?**, o que Bart D. Ehrman diz sobre a expressão “*filho de Deus*”:

[...] Embora Jesus seja reconhecido como o Filho de Deus nesse Evangelho (ver 1:11; 9:7; 15:39), esse não é seu título preferido, e ele só o reconhece com relutância (14:62). **É importante saber que para os antigos judeus a expressão “Filho de Deus” podia significar muitas coisas. Na Bíblia hebraica, o “Filho de Deus” podia se referir à nação de Israel (Oseias 11:1) ou ao rei de Israel (1 Samuel 7:14). Nesses casos, o Filho de Deus era alguém especialmente escolhido por Ele para fazer seu trabalho e intermediar sua vontade na Terra. [...].** ⁽⁷¹⁾

[...] Naquele dia, chamei atenção em sala – como fiz várias vezes nos capítulos anteriores – para o fato de o Evangelho de João ser o único no qual Jesus é explicitamente identificado como divino. **Na verdade, ele é chamado de Filho de**

Deus em todos os Evangelhos. Mas, para os antigos judeus, ser “Filho de Deus” não fazia de alguém um deus; fazia da pessoa um ser humano com uma relação íntima com Deus, alguém por intermédio de quem Deus faz a sua vontade na Terra. [...]. ⁽⁷²⁾

Portanto, o fato de Jesus ter se declarado “*Filho de Deus*”, os judeus de sua época não deduziam que ele estava se declarando ser o próprio Deus, uma vez que entendiam dessa locução apenas uma pessoa com relação íntima com Deus e através do qual Ele fazia a Sua vontade se cumprir na Terra.

N. 19. Que é o que motivou estas palavras do anjo a Maria (v. 31): “*É assim que conceberás em teu seio e que de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus*” palavras nunciativas de uma concepção material humana em o seio de **uma mulher, de uma virgem, contrariamente às leis imutáveis de reprodução no nosso planeta**, com *derrogação* dessas leis, quando é certo que a vontade imutável de Deus jamais derroga as leis da Natureza, por ele estabelecidas de toda a eternidade, dando isso lugar a que aquela concepção fosse considerada *sobrenatural, miraculosa, divina*, como obra do Espírito Santo?

Não era ainda conveniente que os homens erguessem o véu que lhes ocultava os segredos de além-túmulo. Convinha que acreditassem na matéria sensível e impressionável, na dor física, para terem noção do sacrifício. Convinha, já o temos dito e repetimos, que acreditassem na origem divina do Cristo para se curvarem ao seu jugo, para que a missão de Jesus pudesse ser e fosse aceita e suas leis obedecidas. ⁽⁷³⁾ (itálico do original)

Quanto à narrativa da anunciação que os “Espíritos inspiradores” tentam explicar de forma a manter Jesus como um agêneres.

Será bem interessante vermos como o jornalista de investigação Pepe Rodríguez, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica***, publicado em Lisboa, Portugal, aborda essa questão:

Os relatos de anunciação, de que são objecto mães de grandes personagens, existem em todas as culturas antigas do mundo. Assim, por exemplo, **na China**, as lendas relativas à anunciação feita à mãe do imperador Chin-Nung ou à de Siuen-Wu-ti são prototípicas; o mesmo acontecendo com Sotoktaïs, **no Japão**; com Stanta (encarnação do deus Lug), **na Irlanda**; com o deus Quetzalcoatl, **no México**; com o

deus Vixnu (encarnado no filho de Nabhi), **na Índia**; com Apolónio de Tiana (encarnação de Proteu), **na Grécia**; com Zoroastro (ou Zaratustra), reformador religioso do masdeísmo, **na Pérsia**; com as mães dos **faraós egípcios** (ainda hoje, se pode ver, com efeito, no templo de Luxor o mensageiro dos deuses, Thot, a anunciar à rainha Maud a sua futura maternidade por graça do deus supremo Amon)... e **a lista poderia continuar interminavelmente.**

Lendas pagas deste género foram obviamente integradas na Bíblia, não só nos referidos relatos do nascimento de Sansão, de Samuel ou de João Baptista, como, **muito mais tarde, no relato nascimento de Jesus.** Regra geral, desde tempos muito remotos, quando o personagem *anunciado* era de primeira ordem, a mãe era sempre fecundada directamente por Deus, através de um procedimento milagroso que, fosse ele qual fosse, confirmava claramente o mito da concepção virginal. Esta confirmação era particularmente patente na concepção dos deuses-Sol, uma categoria a que, como veremos, pertence a figura de Jesus Cristo.

O caso dos hieróglifos tebanos que relatam a concepção do faraó Amenófis III (c. 1402-1364 a. C.) pode servir para exemplificar de maneira mais detalhada todo este processo. Conforme contam, **o deus Thot, como mensageiro dos**

deuses (num papel equivalente ao de Mercúrio entre os Gregos, ou **ao do anjo Gabriel nos Evangelhos)**, **anuncia à rainha virgem** Mutemuia – esposa do faraó Tutmósis IV – **que vai dar à luz um filho** que será o futuro Amenófis III; acto contínuo, **o deus Knef** (uma representação do deus Ámon, enquanto força criadora, ou Espírito de Deus, **equivalente do Espírito Santo cristão**) e a deusa Hator (representação da natureza e figura que presidia aos actos de *magia*) agarram ambos a rainha pelas mãos e depositam dentro da sua boca o sinal da vida, uma cruz, que animará a futura criança; finalmente, o Deus Nouf (outra representação do deus-carneiro Ámon, o senhor dos Céus, no seu papel de anjo que penetra na carne da virgem), adoptando rosto de Tutmósis IV fecundará Mutemuia e, ainda sob o aspecto de Nouf, modelará o futuro faraó e o seu ka (corpo astral ou ponte de comunicação entre a alma e o corpo físico) no seu torno de oleiro. Este relato mítico egípcio, como todos os seus equivalentes pagãos, é indubitavelmente mais barroco do que o cristão, mas no essencial este já está perfeitamente configurado naquele. ⁽⁷⁴⁾ (itálico do original)

Portanto, o aparecimento do anjo Gabriel à Maria, anunciando-lhe uma próxima gravidez, em que dará à luz a “*um filho de Deus*”, é,

inquestionavelmente, uma adaptação das lendas provenientes de culturas antigas mundo afora.

Nº 20. Quais os motivos destas outras palavras do anjo a Maria (v. 32): “O Senhor Deus lhe dará o trono *de David, seu pai*” e “ele reinará eternamente *sobre a casa de Jacob*”?

Era necessário um fio que ligasse as promessas do Antigo Testamento e as interpretações que lhe tinham sido dadas às necessidades do momento, às promessas feitas para o futuro. Constituiu esse fio o parentesco aparente por descendência de tribo. **Eis por que José encarnou na tribo de David** e não em outra. Tudo é concatenado nos desígnios do Senhor e nos acontecimentos sucessivos que preparam e efetuam, em cada época de transição, o vosso progresso e a obra da vossa regeneração. ⁽⁷⁵⁾ (itálico do original)

Na *Bíblia de Jerusalém*, a passagem de Lucas 1,32: “O Senhor Deus lhe dará o trono *de David, seu pai*.” é considerada como sendo o cumprimento da “profecia” de Isaías (9,6). Mas será, de fato, uma profecia?

Na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, encontraremos

a devida resposta na nota explicativa referente ao trecho de Isaías 8,23b-9.6, que diz:

Em 732 a.C., o rei da Assíria toma os territórios da Galileia e adjacências, incluindo Zabulon e Neftali. O povo do Reino do Sul teme o avanço assírio, mas **o profeta mostra que Javé libertará os oprimidos e trará a paz. O que leva Isaías a essa luminosa esperança é o nascimento do Emanuel (cf. 7,14), que é Ezequias, o filho herdeiro de Acaz. O profeta prevê um chefe sábio, fiel a Deus, duradouro e pacífico; ele perpetuará a dinastia de Davi**, estendendo o reinado deste até às regiões agora dominadas pela Assíria e organizando uma sociedade fundada no direito e na justiça. ⁽⁷⁶⁾

Assim, o profeta Isaías (9,6) se refere a Ezequias, o filho herdeiro de Acaz, portanto, nada tem a ver com *“ele perpetuará a dinastia de Davi”* e, por consequência, a Jesus na condição de descendente desse.

Em ***A História de Israel no Antigo Testamento***, autoria de Samuel J. Schultz (1914-2005), pode-se corroborar isso:

[...] Em contraste com governantes iníquos, **Isaías desdobra as perspectivas futuras de um piedoso rei que ocuparia o trono de Davi**. Em contraste com o reino temporal de Judá, ele elabora a promessa de um reino universal e perene.

O justo governante é apresentado em Is 7:14 como o Emanuel, que significa “Deus conosco”. ⁽⁷⁷⁾ Por certo **o ímpio Acáz, que se recusou a pedir um sinal, não compreendeu o significado pleno dessa promessa**, cujo cumprimento não foi fixado quanto ao tempo. Sem dúvida, essa simples promessa pareceu vaga e ambígua para aqueles que ouviram Isaías proferi-las em um período de crise nacional – mui facilmente podem tê-la confundido com o nascimento do filho de Isaías, de nome Rápido-Despojo-Presa-Segura (Maer-Salal-Has-Baz). Embora a terra de Emanuel houvesse de ser invadida pelos assírios (veja Is 8:5-10), para em seguida ser libertada, **a promessa de um livramento futuro ainda maior é assegurada em Is 9:1-7. Isso seria concretizado através do nascimento de um filho que identificado como “Poderoso Deus”, o qual haveria de estabelecer um governo pacífico que não teria fim. No décimo primeiro capítulo é indicada a sua origem davídica, mas Suas características transcendem ao que é humano. Ele é divino, no exercício de julgamento justo, através da**

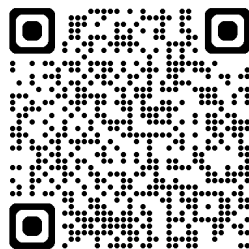
Sua onisciência e onipotência.

O reino será universal. O conhecimento do Senhor prevalecerá por todo o mundo. Os ímpios serão destruídos pela palavra proferida pelo justo governante, e uma retidão absoluta prevalecerá sobre a humanidade. [...]. ⁽⁷⁸⁾

Confirma-se, portanto, que a preocupação do “profeta” Isaías está relacionada aos acontecimentos que naquele momento histórico vivia o povo hebreu, nada mais além disso.

Os “Espíritos inspiradores” ao dizerem “Era necessário um fio que ligasse as promessas do Antigo Testamento” demonstraram, a nosso sentir, não saber nada disso que explicamos.

Aliás, o profeta Isaías é várias vezes citado como proferindo alguma profecia a respeito de Jesus, porém, a realidade é bem outra, que aqui não nos cabe apontar. Sobre o tema recomendamos o nosso ebook ***Isaías previu algo a respeito de Jesus?*** ⁽⁷⁹⁾



N. 30. José não se recordava da sua origem, como Jesus se recordava, e não tinha consciência de seus destinos. Sofria os efeitos da encarnação humana. Assim, como encarnado, estava, mau grado à superioridade do seu Espírito, submetido às leis e aos preconceitos da humanidade. Era homem justo, mas homem. Eis porque, sob a influência dessas leis e desses preconceitos, resolvera a princípio desquitar-se de Maria, secretamente.

A revelação que lhe fez em sonho o anjo ou Espírito enviado tinha por fim retirar, *em parte*, o véu que lhe cobria a inteligência. Homem de Espírito elevado, ele compreendeu, por essa revelação, a santidade da sua missão. Missionário também para cooperar na obra de Jesus, aceitou com alegria, *tal como devia ela ser*, a tutela humana que o Senhor lhe confiava. ⁽⁸⁰⁾ (itálico do original)

O comentário acima é a respeito da passagem de Mateus 1,18-25, que relata a aparição do anjo, em sonho, a José, para lhe informar que Maria estava grávida “do Espírito Santo” (v. 18).

Lourenço, em *Bíblia - Volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos*, repara o teor do versículo 18, informando que a tradução correta

deveria ser: “- ‘a partir de um espírito santo’: a ausência de artigo definido no original grego não autoriza a tradução ‘o espírito santo’. CF. v. 20; e Lucas 11,15*; 1,35.”. ⁽⁸¹⁾

Então, José ouvindo-o toma a decisão de não abandonar Maria. Ora, isso é totalmente fora de propósito diante de uma sociedade altamente machista, na qual existia até ritual para se comprovar que uma mulher se casara com sua virgindade intacta.

Não temos dúvida alguma, de que José, como qualquer outro homem, nesse ambiente e até por conta de seguidor das leis mosaicas, a abandonaria sem pestanejar. Acreditar em sonho, para tomar esse tipo de decisão? Isso vindo de texto bíblico é algo que não dá para se entender, e mesmo assim milhares de crentes acreditam nessa história.

N. 32. Tendo José e Maria, como tinham, parentes e conhecidos em **Belém**, de que modo se explica a contingência em que se viram de acolher-se a um estábulo e de aí deitarem o “menino” numa manjedoura, por não haver para eles lugar na hospedaria?

Grande era a afluência de viajantes e excedia os limites da hospitalidade, mesmo na hospedaria. Os hebreus, sobretudo os de ínfima classe, não construíam casas para si como se foram príncipes.

Morava em Belém um irmão de José, mas, não tendo sido avisado da sua vinda, não pudera recebê-lo, por lhe ocuparem toda a casa outros hóspedes.

José não era esperado. Não devendo afastar-se de Maria, atenta a sua adiantada gravidez (aos olhos dos homens), seu irmão é quem iria fazer por ele as declarações da lei.

De fato, estando certo de não poder ir pessoalmente, **José incumbira seu irmão Matias de inscrevê-lo no registro censitário**, assim como sua mulher e o filho que então já teria provavelmente “nascido” e que ele sabia pelo aviso que recebera do anjo, seria varão. ⁽⁸²⁾ (itálico do original)

Este trecho é continuação das explicações da passagem em Lucas (2,1-7) que faz referência ao recenseamento e da consequente viagem de José e Maria para Belém a fim de atender ao decreto que o instituía. Vejamos o relato bíblico conforme consta de **Os Quatro Evangelhos - Vol. 1:**

LUCAS, Cap. II, v. 1-7

*Concepção, gravidez e parto de Maria,
por obra do Espírito Santo. Aparecimento de
Jesus na terra*

V.1. Sucedeu que, por aqueles dias, se publicou um edito de **César Augusto para o recenseamento dos habitantes de todo o orbe.** – 2. Esse primeiro recenseamento foi feito por Quirínio, governador da Síria. – 3. Todos iam fazer suas declarações, cada um na sua cidade. – 4. **José partiu da cidade de Nazaré, que fica na Galileia, e veio à Judeia, à cidade de David, chamada Belém,** por isso que ele era da casa e da família de David, – 5, a fim de fazer-se registrar com Maria, sua esposa, que estava grávida. – 6. **Enquanto ali se achava,** sucedeu que se completou o tempo ao cabo do qual devia ela parir; – 7, e **Maria deu à luz o seu filho primogênito,** envolveu-o em panos e o deitou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria. ⁽⁸³⁾ (itálico do original)

Há sério conflito entre Mateus e Lucas em relação à cidade que a família de Jesus morava e onde ele nasceu. Aqui vemos que para Lucas o nascimento ocorreu em Nazaré, só que em Mateus foi em Belém.

No livro **Bíblia - Volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos**, explicando sobre os versículos iniciais de Lucas 2, afirma:

A versão proposta por Lucas do nascimento de Jesus levanta problemas de ordem factual que a tornam historicamente impossível. Em primeiro lugar, há contradições insanáveis relativamente aos capítulos 1 e 2 de Mateus. **A mais significativa de todas é a naturalidade de José e de Maria:** em Mateus, eles parecem ser naturais de Belém e só posteriormente (após a fuga para o Egito e regresso desse país - episódio desconhecido de Lucas) é que vão morar em Nazaré (cf. Mateus 2,22-23). [...]. ⁽⁸⁴⁾

Interrompemos a transcrição, para fazer um parêntese. São Jerônimo bem o disse: *“A verdade não pode existir em coisas que divergem.”* O motivo dessa divergência será evidenciado com o que disseram os estudiosos que citaremos a seguir.

Nessa passagem de Lucas, também estranhámos que o recenseamento tenha sido para *“os habitantes de **todo o orbe**”*. Resolvemos conferir na *Bíblia de Jerusalém* e nela encontramos

“recenseamento de **todo o mundo habitado**”. Haja imaginação!

Só por esse ponto já poderíamos questionar a realidade desse decreto de César Augusto. Porém, temos mais a informar.

Fechando o parêntese, voltemos à explicação de Frederico Lourenço:

[...] Em Lucas, **José e Maria** são naturais de Nazaré (1,26), mas **são obrigados a viajar até Belém para se recensearem** lá com base no fato de José ser supostamente descendente remoto de Davi. **O problema é que, no ano 6 (quando houve um recenseamento por ordem romana), pessoas naturais de Nazaré na Galileia como José e Maria não eram abrangidas por recenseamentos ou impostos romanos: só os habitantes da Judeia o eram** (cf. E. Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ*, Londres, 1973, Vol. 1, pp. 399-427). Portanto não havia razão para José empreender a viagem com a sua mulher grávida – isto é, não havia razão objetiva ou factual. Pois **havia, é claro, uma teológica: a necessidade de cumprir a profecia de Miqueias registrada por Mateus (2,6) sobre o nascimento em Belém** daquele

que iria “apascentar o povo de Israel”. Por outro lado, **o governador Quirino** (como sabemos pelo historiador Flávio Josefo, Antiquidades judaicas 18.1) **iniciou funções como governador da Síria no ano 6 d.C.** Ora, no capítulo 1 do presente Evangelho (tal como sucede no capítulo 1 de Mateus), Maria engravidara ainda em vida do rei Herodes, o Grande, que morreu em 4 a.C. **Ou Lucas pensava (erradamente) que Herodes e Quirino eram contemporâneos ou então acreditava (impossivelmente) que a gravidez de Maria durara dez anos.** Em suma: por causa da vontade de reforçar o efeito persuasivo da sua narrativa enquanto prova de que Jesus de Nazaré era o Messias, para Lucas seria de menor importância que os “fatos” narrados correspondessem a fatos reais, o que era verdadeiramente importante na sua visão essencialmente teológico-interpretativa do nascimento de Jesus era que todos os pormenores da vida de Jesus fossem consentâneos com o maior número possível de profecias ocorrentes na Escritura judaica. ⁽⁸⁵⁾

O estudioso bíblico Geza Vermes (1924-2013), em ***As Várias Faces de Jesus***, informa sobre o tal recenseamento seguinte:

Não há registro de nenhum censo imperial na época de Augusto. Houve um recenseamento fiscal na Judeia em 6/7 d.C. sob Quirino, governador da Síria, após a deposição de Herodes Arquelau e a transformação de sua etnarquia na província romana da Judeia. Porém, **nenhum censo romano teria sido imposto a um rei dependente como Herodes, e tampouco Quirino foi governador da Síria durante a vida de Herodes.** Finalmente, mesmo que tenha havido um censo na época do nascimento de Jesus, José não teria sido obrigado, sob as leis romanas, a viajar para a terra ancestral de sua tribo, e tampouco Maria teria sido obrigada a acompanhá-lo. Lucas parece ter combinado o censo que de fato houve sob Quirino, cerca de doze anos após o nascimento de Jesus, com o seu roteiro teológico. ⁽⁸⁶⁾

Ademais, é pouco provável que José se lembrasse de seus antepassados que viveram até mil anos antes dele. Temos que levar em conta que àquela época não existiam registros oficiais nos quais ele pudesse se apoiar para levantar a sua árvore genealógica, retroagindo-a até o rei Davi.

É exatamente isso, que Bart D. Ehrman, em ***Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?***, afirma:

Os problemas históricos em Lucas são ainda maiores. Para começar, nós **temos registros relativamente confiáveis do reinado de César Augusto, e em nenhum deles há qualquer referência a um censo do império inteiro, para o qual todos teriam de se registrar retornando ao lar de seus ancestrais**. E como isso poderia ter sido imaginado? José retorna a Belém porque seu ancestral Davi tinha nascido lá. Mas Davi viveu mil anos antes de José. **Devemos imaginar que no império romano todos deveriam retornar ao lar de seus ancestrais de mil anos antes?** Se fizéssemos um censo mundial hoje e cada um de nós tivesse de retornar à cidade de nossos ancestrais de mil anos antes, para onde você iria? Você consegue imaginar a absoluta perturbação da vida humana que esse tipo de êxodo universal exigiria? E consegue imaginar um projeto desse porte não ser mencionado em nenhum jornal? Não há nenhuma referência a um censo assim em qualquer fonte antiga, a não ser em **Lucas**. Então por que ele diz que esse censo aconteceu? A resposta pode parecer óbvia. Ele **queria que Jesus nascesse em Belém, embora soubesse que era de Nazaré. Mateus também,**

mas ele fez com que Jesus nascesse lá de modo diferente. ⁽⁸⁷⁾ (itálico do original)

Bart D. Ehrman abre espaço para entendermos que houve um motivo para que os pais de Jesus, morando em Nazaré, tivessem que ir a Belém. Os escritores Reza Aslan e James D. Tabor serão os estudiosos que nos darão a explicação do motivo.

Reza Aslan, em ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré***, comenta:

Lucas coloca o nascimento de Jesus em Belém não porque ele ali ocorreu, mas por causa das palavras do profeta Miqueias: “E tu, Belém... de ti sairá para mim um governante em Israel” (Miqueias 5:2). **Lucas quer dizer que Jesus é o novo Davi**, o rei dos judeus, [...] para reinar sobre a Terra Prometida. Simplificando, **as narrativas da infância nos evangelhos não são relatos históricos**, nem foram feitas para serem lidas como tal. **São afirmações teológicas do status de Jesus como o ungido de Deus.** O descendente do rei Davi. O messias prometido. ⁽⁸⁸⁾

Mas o que falou Miqueias? Vejamos o texto

bíblico no teor da ***Bíblia Sagrada - Vozes:***

Miqueias 5,1-5: *“Mas tu, Belém de Éfrata, embora pequena entre os clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que deve governar Israel. [...] De pé ele apascentará pela força do Senhor, [...] ele será a paz! [...] **Ele nos libertará da Assíria, quando invadir nosso país e pisar nossas fronteiras.**”* ⁽⁸⁹⁾

Trata-se, portanto de algo relacionado a um acontecimento daquela época, portanto, nada tem a ver com uma profecia a respeito de Jesus.

James D. Tabor, em ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***, esclarece-nos:

Existem estudiosos do Novo Testamento que duvidam da validade histórica até mesmo desse arcabouço básico, especialmente da história do nascimento de Jesus em Belém. **Sustentam que a história de Belém foi provavelmente acrescentada para dar crédito a Jesus como Messias descendente de Davi, já que Belém era a cidade de Davi.** Existem certos indícios de que a questão do local do nascimento de Jesus, na Galileia ou na Judeia, tornou-se

uma questão de controvérsia e discussão dentro de grupos judeus (consulte João 7:40-44). ⁽⁹⁰⁾

Portanto, o recenseamento decretado por César Augusto foi engendrado somente para que Jesus nascesse em Belém e com isso pudesse estabelecer a sua ligação com Davi.

Os “Espíritos inspiradores” desconhecem a verdade, mas não deixam de referendar os textos evangélicos a respeito dessa viagem de Maria e que Jesus teria nascido num estábulo:

Não era crível que **Maria, num estado de gravidez tão adiantado** (*aos olhos dos homens*) se aventurasse àquela caminhada. Ninguém por isso a esperava. Mas, *impelida pelo Espírito*, para empregar as expressões de que usam as Escrituras, isto é, sob a inspiração do seu anjo de guarda, **ela resolveu, à última hora, empreender a viagem. Era preciso que Jesus “nascesse” daquele modo. Sim, era preciso que “nascesse” assim, num lugar miserável**, longe dos homens e de todos os socorros, a fim de dar um grandíssimo exemplo de humildade, a fim também de que se simplificassem as

circunstâncias que lhe haviam de cercar o “nascimento” e que já vos explicamos (N. 31). ⁽⁹¹⁾ (itálico do original)

É fato incontestável que Jesus não nasceu em Belém, verdade que se comprova com a designação Jesus de Nazaré, ou seja, Jesus da cidade de Nazaré, para que não reste dúvida.

Como então Espíritos que se têm como superiores referendam mitos criados para justificar profecias inexistentes?

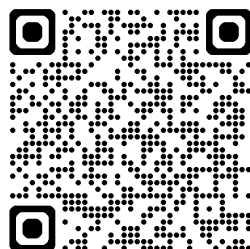
A **Revista Superinteressante - Nº 183**, traz um artigo esclarecedor intitulado “*Quem foi Jesus?*”, assinado por Rodrigo Cavalcante, do qual ressaltamos:

[...] E o segundo problema, ainda mais grave, é que provavelmente **Jesus não nasceu em Belém**. “Há quase um consenso entre os historiadores de que Jesus **nasceu em Nazaré**”, diz o padre Jaldemir Vitório, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Então por que o evangelho de Mateus diz que o nascimento foi em Belém? Vitório explica que o texto segue o gênero literário

conhecido por midrash. Basicamente, o midrash é uma forma de contar a história da vida de alguém usando como pano de fundo a biografia de outras personalidades históricas. **No caso de Jesus, ele explica, a referência a Belém é feita para associá-lo ao rei Davi do Antigo Testamento - que, segundo a tradição, teria nascido lá.** ⁽⁹²⁾

Será que, longe de qualquer fanatismo religioso e dogmático, é possível contestar os dados históricos?

Em relação às pesquisas quanto ao lugar onde Jesus nasceu recomendamos o nosso artigo **Jesus de Belém ou de Nazaré** ⁽⁹³⁾.



Para os comentários em relação à fuga da família de Jesus para o Egito, para melhor entendimento, será preciso transcrevermos a passagem bíblica, citada por J.-B. Roustaing:

MATEUS, Cap. II, v.13-18

Fuga para o Egito. – Morticínio das crianças

V.13. Logo que eles partiram (os magos), um anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: “Levanta-te, **toma o menino e sua mãe, foge para o Egito** e lá fica até que eu te diga que voltes; pois Herodes procurará o menino para o matar”. – 14. José, levantando-se, tomou o menino e sua mãe e durante a noite se retirou para o Egito, – 15, **onde ficou até a morte de Herodes, a fim de que se cumprissem estas palavras que o Senhor dissera pela boca do profeta: “Chamei do Egito a meu filho”**. – 16. Herodes, vendo que fora enganado pelos magos, encheu-se de grande furor e **mandou matar em Belém e nas circunvizinhanças todos os meninos de dois anos para baixo**, regulando-se pelo tempo de que se informara exatamente com os magos. – 17. **Cumpriu-se então o que fora dito pelo profeta Jeremias:** – 18. “OuvIU-se em Ramá o grande rumor de muitos que choravam e se lamentavam: era Raquel chorando por seus filhos e não querendo ser consolada, pois eles não existem mais”. ⁽⁹⁴⁾ (itálico do original)

Dos comentários dos “Espíritos inspiradores” destacaremos estes dois parágrafos:

Se, pois, **Herodes ordenou a matança**

de todos os de dois anos *para baixo*, de modo que mesmo os que acabavam de nascer fossem atingidos, é que, não tendo visto mais os magos e receando algum erro da parte destes, preferiu sacrificar maior número de vítimas a deixar-lhe escapasse a que visava. ⁽⁹⁵⁾ (itálico do original)

Quanto às crianças sacrificadas à crueldade de Herodes, não foram vítimas perdidas. O Senhor, na sua providente bondade, permitira a encarnação de Espíritos quase purificados, aos quais cumpria terminar suas provas na terra, como lugar de expiação, tendo aquele fim, prematuro *aos olhos dos homens*. ⁽⁹⁶⁾ (itálico do original)

A “fuga para o Egito” bem como a “morte dos inocentes” aconteceram, segundo o texto bíblico, para cumprimento de profecias, fato que os “Espíritos inspiradores” demonstram acreditar, levando-se em conta a explicação que deram.

Vamos transcrever de nosso ebook ***Os Profetas Previram Episódios da Vida de Jesus?*** ⁽⁹⁷⁾, que muito bem explica essas duas supostas profecias:



Início da transcrição

5) Mateus 2,14-15: *“José levantou-se de noite, pegou o menino e a mãe dele, e partiu para o Egito. Aí ficou até a morte de Herodes, para se cumprir o que o Senhor havia dito por meio do profeta: 'Do Egito chamei o meu filho'.”*

Profecia: **Oseias 11,1**: *“Quando Israel era menino, eu o amei. Do Egito chamei o meu filho.”*

A explicação é que *“Oseias compara a relação entre **Deus e Israel** como a relação que existe entre **pai e filho**”* ⁽⁹⁸⁾. Veja como a passagem deixa isso bem claro. Trata-se, portanto, da libertação do povo judeu (chamado de Israel), quando Deus, através do profeta Moisés, tira esse povo da subjugação dos egípcios. E para confirmar isso, vejamos, em sequência, os versículos 2 a 11: *“e no entanto, quanto mais eu chamava, mais eles se afastavam de mim: ofereciam sacrifícios aos baais, queimavam incenso aos ídolos. E não há dúvida, fui eu que ensinei Efraim a andar, segurando-o pela mão. Mas eles não perceberam que era eu quem cuidava deles. Eu os atraí com laços de bondade, com cordas de amor. Fazia com eles como quem levanta até seu rosto uma criança; para dar-lhes de comer, eu me abaixava até eles. Voltarão para a terra do Egito, a Assíria será o seu rei, porque*

não quiseram converter-se. A espada devastará suas cidades, exterminará seus filhos e demolirá suas fortalezas. O meu povo é difícil de se converter: é chamado a olhar para o alto, mas ninguém levanta os olhos. Como poderia eu abandoná-lo, Efraim? Como haveria de entregar você a outros, Israel? Será que eu poderia tratá-lo como a Adama? Eu poderia tratá-lo como a Seboim? O meu coração salta no meu peito, as minhas entranhas se comovem dentro de mim. Não me deixarei levar pelo ardor da minha ira, não vou destruir Efraim. Eu sou Deus, e não um homem. Eu sou o Santo no meio de você, e não um inimigo devastador. Eles seguirão a Javé. E Javé rugirá como um leão. E quando ele rugir; eles virão voando como pássaros; como pombos, eles virão do país da Assíria. Então eu os farei morar nas suas próprias casas – oráculo de Javé.”

Na narrativa, que acabamos de colocar, a fala está sendo dirigida ao povo de Israel, não resta a menor dúvida. O que consta do versículo 1, fora deste contexto, modifica completamente o sentido que se deve dar à expressão “*meu filho*”; mas a citação do texto isolado parece ter sido de propósito, para se dar a ideia de que é a respeito de Jesus que se

fala, já que esse era o objetivo que buscavam atingir.

Em ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré***, Reza Aslan abordando o assunto diz:

Mateus faz Jesus fugir para o Egito para escapar do massacre de Herodes, não porque isso aconteceu, mas porque cumpre as palavras do profeta Oseias: “Do Egito chamei meu filho” (Oseias 11:1). A narrativa não tem intenção de revelar qualquer fato a respeito de Jesus; ela pretende revelar esta verdade: que Jesus é o novo Moisés, que sobreviveu ao massacre dos filhos dos israelitas pelo faraó e saiu do Egito com uma nova lei de Deus (Êxodo 1:22). ⁽⁹⁹⁾

Realmente a intenção do autor bíblico não pode ser outra se não essa mencionada por Aslan.

6) Mateus 2,16-18: *“Quando Herodes percebeu que os magos o haviam enganado, ficou furioso. Mandou matar todos os meninos de Belém e de todo o território ao redor, de dois anos para baixo, calculando a idade pelo*

que tinha averiguado dos magos. Então se cumpriu o que fora dito pelo profeta Jeremias: 'OuvIU-se um grito em Ramá, choro e grande lamento: é Raquel que chora seus filhos, e não quer ser consolada, porque eles não existiam mais'."

Profecia: **Jeremias 31,15**: *"Assim diz Javé: 'Escutem! Ouvem-se gemidos e pranto amargo em Ramá: é Raquel que chora inconsolável por seus filhos que já não existem mais'."*

Pelo contexto, o fato relacionado à passagem de Jeremias é: *"Raquel: mãe de Benjamim e, por José, avó de Efraim e Manasses. Chora os homens dessas três tribos levadas para o exílio"*, mas continuando a explicação dizem: *"Este trecho é citado em Mat 2,18 por acomodação à dor das mulheres, cujos filhos Herodes massacrara"* ⁽¹⁰⁰⁾. Observe bem que na expressão *"por acomodação"* já se denuncia que não é o sentido original do texto. Trata-se aqui do exílio na Babilônia, que o povo hebreu está vivendo. Este era o motivo do choro de Raquel; portanto, nada tem a ver com uma profecia a respeito da morte das crianças

no tempo de Jesus.

Sobre o fato de Herodes ter mandado matar as crianças, vejamos o que James D. Tabor, em ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***, tem a dizer:

[...] Temos registros históricos excepcionalmente bons sobre o reinado de Herodes, o Grande. É inconcebível que tal “matança de crianças” não fosse registrada pelo historiador judeu Josefo ou por outros historiadores romanos contemporâneos. **O relato de Mateus é claramente teológico, escrito para justificar opiniões posteriores sobre o status elevado de Jesus.** Mas ele certamente tem razão quanto a um ponto – Herodes realmente temia o nascimento de uma criança que poderia crescer e tornar-se pretendente ao trono real de Davi como um legítimo “Rei dos judeus”. ⁽¹⁰¹⁾

Infelizmente, temos fatos que, na verdade, não ocorreram; são apenas “relatos claramente teológicos”.

Reza Aslan, em ***Zelota: a Vida e a***

Época de Jesus de Nazaré, traz interessantes informações sobre a fuga para o Egito e sobre o massacre das crianças:

Isso explica a igualmente **fantasiosa narrativa de Mateus sobre a fuga de Jesus para o Egito**, aparentemente para escapar ao **massacre de todos filhos** nascidos dentro e ao redor de Belém, em uma busca infrutífera pelo bebê Jesus. **Tal evento não tem um pingão de evidência que o corrobore em qualquer crônica ou história da época, seja judia, cristã ou romana** – um fato notável, considerando-se que as muitas crônicas e narrativas escritas sobre Herodes, o Grande, que era, afinal, o mais famoso judeu em todo o Império Romano (o rei dos judeus, nada menos!).

Tal como acontece com o relato de Lucas sobre o censo de Quirino, o relato de Mateus sobre o massacre de Herodes não foi concebido para ser lido como o que hoje consideramos *história*, certamente, não pela sua própria comunidade, que, **com certeza, se lembraria de um evento tão inesquecível como o massacre de seus próprios filhos**. Mateus precisa que Jesus saia do Egito pela mesma razão que precisa que ele nasça em Belém: para cumprir as várias profecias deixadas por seus antepassados para que ele e seus

companheiros judeus decifrassem, para colocar Jesus nas pegadas dos reis e profetas que vieram antes dele e, acima de tudo, para responder ao desafio feito por detratores de Jesus, que questionavam se esse simples camponês, que morreu sem cumprir a única e mais importante das profecias messiânicas – a da restauração de Israel – era de fato “o ungido”.

O problema enfrentado por Mateus e Lucas é que simplesmente não existe narrativa profética única e coesa sobre o messias nas Escrituras Hebraicas. [...].
(¹⁰²) (itálico do original)

Aqui, em Reza Aslan, se matam dois coelhos com uma paulada só: a fuga para o Egito e o massacre das crianças não são fatos históricos, mas invenções para se cumprir supostas profecias.

Fim da transcrição

Agora, vejamos o que, a certa altura, os “Espíritos inspiradores”, dizem a respeito da fuga para o Egito:

A fuga para o Egito, aos olhos de Maria e de José, como aos olhos dos homens, teve

por fim a preservação da vida do menino. Na realidade, porém, considerados a utilidade, as condições e o desempenho da missão terrena de Jesus, os frutos que devia produzir, aquela fuga **não teve por fim, segundo os desígnios do Senhor, preservar a existência do “menino”** – de outros meios dispunha Deus para consegui-lo, se o houvesse querido – **mas, sim, afastá-lo, para o tornar esquecido.** Jesus não devia aparecer senão em certas épocas, antes que começasse a desempenhar sua missão publicamente. A experiência humana deve bastar para vos fazer compreender que, se ele estivera de contínuo exposto às vistas de todos, as atenções se houveram cansado e o resultado seria, ao chegar o tempo predeterminado, não conseguir atuar tanto sobre as inteligências. ⁽¹⁰³⁾ (itálico do original)

O motivo que os “Espíritos inspiradores” deram para a fuga para o Egito não corresponde aos fatos históricos.

O Espírito, na origem da sua formação, como essência espiritual, princípio de inteligência, **sai do todo universal.** O que chamamos o “todo universal” é o **conjunto dos fluidos existentes no espaço.** Estes fluidos **são a**

fonte de tudo o que existe, quer no estado espiritual, quer no estado fluídico, quer no estado material.

O Espírito, na sua origem, como essência espiritual, princípio de inteligência, **se forma da quinta-essência desses fluidos**, elemento tão sutil que nenhuma expressão pode dar dele ideia, sobretudo às vossas inteligências restritas. A vontade do Senhor Deus todo poderoso, única essência de vida no infinito e na eternidade, anima esses fluidos para lhes dar o *ser*, isto é, para *mediante uma combinação sutilíssima*, cuja *essência* só nas irradiações divinas se encontra, fazer deles essências espirituais, princípios primitivos do Espírito em gérmen e destinados à sua formação. ⁽¹⁰⁴⁾ (itálico do original)

O Espírito tem sua origem no fluído cósmico primitivo? Socorro Allan Kardec! Por favor, nos explique já que você perguntou aos Espíritos sobre isso:

27. *Haveria, assim, dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?*

“Sim e acima de tudo Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. **Esses três elementos [Deus, espírito e matéria]**

constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material é preciso juntar **o fluido universal**, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, muito grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, sob certo ponto de vista, se possa **classificar o fluido universal como elemento material**, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se fosse realmente matéria, não haveria razão para que o espírito também não o fosse. [...] Esse **fluido universal**, ou primitivo, ou elementar, **sendo o agente de que o espírito se utiliza**, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.” ⁽¹⁰⁵⁾ (itálico do original)

Se além de Deus existem mais dois elementos, ou seja, Espírito e matéria, não faz sentido algum o Espírito ter a sua origem na matéria primitiva: o fluído cósmico universal.

Ampliando um pouco mais, vamos ver o que consta em **A Gênese**, cap. XI – Gênese Espiritual, tópico “Princípio Espiritual”:

6. O princípio espiritual teria sua

origem no elemento cósmico universal?

Seria só uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria. Ele extinguiria pela desagregação, como o princípio vital. O ser inteligente só teria uma existência momentânea como o corpo, e, ao morrer, retornaria ao nada, ou o que se daria no mesmo, sumiria no todo universal; seria, em uma palavra, a sanção das doutrinas materialistas.

As propriedades *sui generis* que se reconhecem no **princípio espiritual** provam que ele tem existência própria, independente. **Se tivesse sua origem na matéria, não teria estas propriedades.** Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se à conclusão, remontando os efeitos às causas, que **o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constituintes do Universo.** O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados *Espíritos*, como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos. ⁽¹⁰⁶⁾ (itálico do original)

Portanto, equivocaram-se os “Espíritos

inspiradores” ao dizer que o Espírito tem origem no fluído cósmico primitivo.

MATEUS, Cap. II, v. 19-23

Regresso do Egito

V.19. Morto Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, - 20, e lhe disse: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe e volta para a terra de Israel, pois que estão mortos os que queriam a morte do menino”. - 21. José se levantou, tomou o menino e sua mãe e voltou para a terra de Israel. - 22. Mas, ouvindo dizer que na Judeia reinava Arquelaus, em lugar de Herodes seu pai, teve receio de para lá ir e, avisado em sonho, dirigiu-se para as bandas da Galileia, - 23, e **foi residir numa cidade chamada Nazaré, a fim de que se cumprisse esta predição dos profetas: “Ele será chamado Nazareno”**.

N. 46. Obedecendo ao primeiro aviso do anjo, José intentava fixar residência em Jerusalém ou nos seus arredores. Dele, porém, se apoderou o temor de chamar a atenção sobre o “menino”.

Aconselhado, então, pelo anjo, que lhe apareceu de novo em sonho, retirou-se para Nazaré, na Galileia. Insistimos neste ponto, a fim de bem vos fazermos compreender **que nada sucede senão pela vontade do Senhor** e a fim de

verificardes que, para alcançar um objetivo humano, os meios humanos são sempre os empregados. O Senhor podia mandar José imediatamente para Nazaré, mas o espírito humano não se deteria sobre este fato. **Foi, portanto, em cumprimento de uma profecia que, depois de haver encaminhado José para um lugar afastado do de sua residência, Deus o desvia do caminho que tomara e o faz vir a Nazaré.** É Deus quem inspira a José, pai de Jesus *aos olhos dos homens*, temores pelo “filho”. É Deus, sempre Deus, quem conduz pela mão aquele que abriria para a humanidade o caminho dos céus. ⁽¹⁰⁷⁾ (itálico do original)

O autor do Evangelho Segundo Mateus após criar a narrativa, que coloca Jesus no Egito para cumprir uma profecia, que, como vimos, nada diz respeito ao Mestre, agora, pelo menos, foi coerente em retirá-lo de lá, conforme se vê nesse relato.

Só que para justificar esse acontecimento o nosso autor desconhecido apresenta uma outra profecia, porém, aqui a situação fica pior que a anterior quando o colocou lá, porquanto é citada uma **profecia inexistente**, pois nenhum profeta (é colocado no plural) disse algo a respeito.

Isso mesmo, caro leitor, não existe nenhuma passagem bíblica que sugere ou que dê uma tênue ideia de que Jesus seria chamado de Nazareno. Recomendamos, aos interessados, o nosso ebook **Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?** ⁽¹⁰⁸⁾, já mencionado, para mais informações.

De **Os Quatro Evangelhos - Vol. 2**, destacamos o seguinte parágrafo:

Jesus, pela sua vida humana aparente e pelo desempenho da **sua missão terrena**, tendo uma e outra por objeto ensinar e exemplificar, **deu cumprimento a estas palavras do profeta Isaías**: “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças”. Desceu ao meio dos homens **para lhes ensinar a sofrer a fim de se regenerarem**. Curou os males que encontrou no seu caminho e, *unicamente* a título de lição e de exemplo, suportou, *aos olhos dos homens*, os males de que se carregara. ⁽¹⁰⁹⁾ (itálico do original)

Novamente, é citada uma profecia, no caso, está em Isaías 53,4, entretanto esse trecho tem sérios problemas de autenticidade. Em nosso ebook **Os Profetas Previam Episódios da Vida de**

Jesus?, abordamos a questão do seguinte modo:

Início da transcrição

Os versículos compreendidos entre Isaías 52,13-53,12, ou seja, do versículo 13 do capítulo 52 ao versículo 12 do capítulo 53, na **A Bíblia Anotada**, são explicados da seguinte forma:

[...] Estes versículos apresentam o Servo sofrendo vicariamente pelos pecados dos homens. A interpretação judaica tradicional entende a passagem como uma referência ao Messias, como, é claro, fizeram os primeiros cristãos, que criam ser Jesus o referido Messias (At. 8,35). **Não foi senão no século XII que surgiu a opinião de que o Servo aqui se refere à nação de Israel, opinião que se tornou dominante no Judaísmo.** O Servo, todavia, é distinto do “meu povo” (53,8), e é uma vítima inocente, algo que não se podia dizer da nação (53,9). [...]. ⁽¹¹⁰⁾

O interessante é que, de todas as maneiras, querem desvirtuar o texto para aplicá-lo a Jesus, quando, em verdade, se refere especificamente à nação de Israel.

Na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, ainda encontramos:

Os capítulos 40-55 foram escritos por profeta anônimo, na época do exílio na Babilônia, apresentando uma mensagem de esperança e consolação. Esse profeta é comumente **chamado Segundo Isaías**. O fim do exílio é visto como um novo êxodo e, como no primeiro, Javé será o condutor e a garantia dessa nova libertação. **O povo** de Deus, convertido, mas oprimido, é denominado **“Servo de Javé”**. ⁽¹¹¹⁾

Veja que até divergem quanto à questão da palavra “Servo”. Essa divergência se torna ainda mais inexplicável, pois ambas as Bíblias que foram consultadas, segundo dizem, são a “palavra de Deus” e de “tradução diretamente dos originais”.

Essa informação também a podemos confirmar e Bart D. Ehrman, que, em **O Problema Com Deus**, disse:

Há mais de cem anos, os estudiosos se deram conta de que os capítulos 40 a 55 do livro de Isaías não poderiam ter

sido escritos pelo mesmo autor responsável pelos primeiros 39 capítulos (ou a maior parte deles). Os primeiros capítulos pressupõem uma situação na qual a Assíria está prestes a atacar Judá – ou seja, foram escritos no século VIII a.C. **Os capítulos 40 a 55, por outro lado, pressupõem uma situação em que o reino do sul tinha sido destruído e seu povo, levado para o exílio - ou seja, meados do século VI a.C.** Talvez porque os dois livros têm temas proféticos semelhantes, alguém **posteriormente os somou em um único rolo, acrescentando ainda os capítulos 56 a 66, de um profeta ainda mais recente** (o Terceiro Isaías), que escreveu em um terceiro contexto. ⁽¹¹²⁾

Já que falamos em Servo, e como este termo será utilizado outras vezes, vamos ver, na **Bíblia Sagrada - Vozes**, essas explicações dadas sobre o Livro de Isaías:

Merecem destaque os “Cânticos do Servo de Deus” (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9a; 52,13-53,12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. **O Servo às**

vezes parece ser Israel como povo, ou enquanto elite; outras vezes um indivíduo, talvez o profeta dos poemas, o rei Ciro, o rei Joaquim ou outro personagem qualquer. ⁽¹¹³⁾

Bom; aqui assumem não saberem exatamente a que se refere a palavra Servo; mas, apesar disso, continuam: “Seja como for, o Novo Testamento viu no Servo sofredor o tipo por excelência dos sofrimentos e da morte redentora de Cristo”.

Ora, ver “ser um tipo” não quer dizer que a profecia seja exatamente a respeito de Jesus. E mais: o Novo Testamento não vê nada; quem viu foram alguns dos autores do Novo Testamento ou, quem sabe, foram colocadas umas palavrinhas aqui, outras ali, como sendo desses autores, conforme o interesse.

Convém destacar que, nessa explicação, sequer o nome de Jesus teve estabelecida alguma relação com a vinda do Messias.

Fim da transcrição

Na pesquisa que empreendemos e publicada nesse ebook, constatamos que não há uma só profecia que, diretamente, se refira a Jesus. Todas as passagens que são citadas como sendo, são situações ligadas aos da época em que elas foram proferidas, nada para um futuro distante e relativa ao Messias.

Existe, sim, uma indireta, que é a do profeta Malaquias que disse: *“Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o Dia de lahweh, grande e terrível.”* (Malaquias 3,23) Como Jesus confirmou ter sido essa profecia cumprida com o nascimento de João Batista e que esse “grande e terrível” dia de lahweh entendiam sua realização com a chegada do Messias.

Muito estranho este trecho *“Desceu ao meio dos homens para lhes ensinar a sofrer a fim de se regenerarem”* levando-se em conta que advogam ser Jesus um agênere. Ora, na condição de agênere jamais passaria pelos sofrimentos comuns aos seres humanos e em razão disso não teria como nos ensinar a sofrer.

De **Os Quatro Evangelhos - Vol. 2**,
transcrevemos a seguir um dos textos bíblicos para
que se possa situar, depois tomaremos um trecho
dos comentários da N. 163, para o comentar:

MATEUS, Cap. XII, v. 46-50. – MARCOS,
Cap. III, v. 31-35. – LUCAS, Cap. VIII, v. 19-21

*O irmão, a irmã e a mãe de Jesus são os
que fazem a vontade de seu pai, ouvindo a
palavra de Deus e pondo-a em prática.*

MATEUS: V. 46. Estando ele ainda a
pregar para a multidão, sua mãe e seus
irmãos do lado de fora procuravam falar-lhe.
– 47. Então alguém lhe disse: Tua mãe e
teus irmãos estão ali fora procurando-te. –
48. Respondendo a esse que assim falara,
disse ele: Quem é minha mãe e quais os
meus irmãos? – 49. E, estendendo a mão
para os discípulos, disse: Eis aqui minha
mãe e meus irmãos; – 50, porquanto, quem
quer que faça a vontade de meu Pai que
está nos céus, esse é meu irmão, minha
irmã e minha mãe.

.....

Disseram a Jesus: “*Tua mãe e teus irmãos
te procuram*”. Confrontando essas palavras
com estas outras (Mateus, XIII, v. 55): “Não
é esse o filho do carpinteiro; sua mãe não se
chama Maria; não são seus irmãos Tiago,
José, Simão e Judas?” com estas (Mateus,

XIII, v. 56): “E todas as suas irmãs não se acham entre nós?” com estas ainda (Marcos, VI, v. 3): “Não é esse o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?” e com estas mais (Mateus, I, v. 25): “E ele (José) não a tinha conhecido quando ela pariu o seu primogênito, ao qual deu o nome de Jesus” – pretenderam alguns homens e ainda pretendem poder afirmar que Jesus teve irmãos e irmãs por obra de José e de Maria.

Há nisso um erro manifesto que, após as discussões travadas outrora e mesmo nos dias de hoje, não mais devera reproduzir-se. Diante da nova revelação *no que respeita* à origem espírita de Jesus, ao seu aparecimento na terra, à natureza e ao caráter da sua missão no passado, no presente e no futuro, à elevação e à pureza de Maria e de José, à natureza e ao caráter da missão que os dois desempenharam, auxiliando a obra do Mestre, semelhante erro tem que desaparecer dos debates e controvérsias humanas.

Só aos olhos dos homens, mas não na realidade das coisas, existia parentesco próximo entre Jesus e os que **eram chamados seus irmãos e irmãs.**

Em hebreu a palavra - *irmão* - tinha várias acepções. Significava, ao mesmo tempo, o *irmão* propriamente dito, o *primo*

coirmão, o simples *parente*. Entre os Hebreus, os descendentes diretos da mesma linha eram considerados *irmãos*, se não de fato, ao menos de nome e se confundiam muitas vezes, tratando-se indistintamente de irmãos e irmãs. Geralmente se designavam pelo nome de *irmãos* os que eram filhos de pais-irmãos, os que agora chamais *primos-irmãos*.

Os chamados irmãos e irmãs de Jesus eram, segundo o parentesco humano que entre eles havia aos olhos dos homens, seus primos-irmãos. ⁽¹¹⁴⁾
(itálico do original)

Curioso é a alegação da ocorrência de “*erro manifesto*”, mas os autores dos Evangelhos não foram inspirados? A explicação quanto ao termo irmão é exatamente como a Igreja Católica argumenta para manter o dogma da virgindade de Maria, que por mais incrível que isso possa parecer, manteve-se até mesmo depois do parto.

Essa aproximação com os conceitos católicos, ficou evidente quando, em ***Os Quatro Evangelhos - Vol. 3***, lemos algo a respeito da Igreja Católica:

O chefe da Igreja católica, nessa

época em que este qualificativo terá a sua verdadeira significação, pois que **ela estará em via de tornar-se universal, como sendo a Igreja do Cristo**, o chefe da Igreja católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício. Quando o virdes, cheio de *humildade*, cingido de *uma corda* e trazendo na mão o *cajado do viajante*, podereis dizer: *“Começam a despontar os rebentos da figueira; vem próximo o estio”*. ⁽¹¹⁵⁾ (itálico do original)

O enaltecimento da Igreja Católica, em detrimento de todas as outras correntes religiosas, é algo evidente nesse comentário.

Ainda nesse volume, bem mais à frente, temos algo que merece ser citado:

[...] **Homens, que praticais os ritos cristãos, não vos envergonheis de aproximar-vos da “mesa santa”**, pois sejam quais forem as profanações a que ela tenha sido exposta, sempre a podeis santificar *pelo sentimento com que dela vos avizinhades*. **Não coreis de vir, curvada a frente, prostrar-vos aos pés do sacerdote que vos apresenta a hóstia “consagrada”**. [...]. ⁽¹¹⁶⁾ (itálico do original)

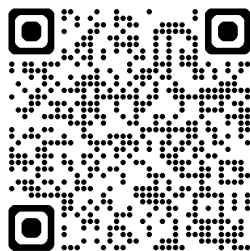
A impressão é que esses “Espíritos inspiradores” devem ter sido católicos em vida pregressa, pois além de “autenticarem” o ritual da comunhão, também fazem de tudo para manter os dogmas da Igreja, como, por exemplo, a virgindade perpétua de Maria, o nascimento sobrenatural de Jesus e crença nos anjos caídos (ou decaídos).

Voltando à questão dos irmãos de Jesus, é importante vermos o que, em ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1***, o exegeta Russell Norman Champlin comenta sobre isso:

Mt 13,55: “*Sua mãe Maria, e seus irmãos...*” **Evidentemente Jesus tinha quatro irmãos, além de um número desconhecido de irmãs. A tentativa dos intérpretes católicos e de alguns protestantes, de resguardar a doutrina da perpétua virgindade de Maria, é fútil.** Essa ideia só surgiu na teologia desenvolvida séculos depois de Jesus, e somente para exaltar a Maria, o que, finalmente, resultou na mariolatria. Usualmente essas tentativas procuram identificar os quatro nomes desses irmãos de Jesus com outras pessoas, e

especialmente com alguns dos apóstolos de Jesus, que são considerados seus primos, por esses intérpretes. Porém, os irmãos de Jesus tinham nomes muito comuns em sua época, e essas tentativas de identificação com outras pessoas não podem ser comprovadas. **É estranho que se dê tanta importância a essa questão, ao passo que os próprios evangelistas jamais disseram, mesmo em poucas palavras, como explicação resumida, que Maria não teve outros filhos após o nascimento de Jesus, e que se conservou virgem até a morte.** Na Bíblia não há qualquer declaração dessa espécie, e por isso podemos afirmar que essa ideia era inteiramente desconhecida, ou, pelo menos, não tinha a menor importância nos dias de Jesus. [...]. ⁽¹¹⁷⁾

Portanto, não há dúvida alguma de que Jesus teve irmãos, sim, mas é tema que merece um desenvolvimento maior que aqui não cabe, razão pela qual recomendamos o nosso ebook “**Jesus teve irmãos ou não?**” ⁽¹¹⁸⁾.



Dos comentários sobre o episódio de Jesus no horto de Getsêmani, agoniado por pressentir que sua

hora estava se aproximando, constante de **Os Quatro Evangelhos - Vol. 3**, destacamos o seguinte trecho:

(LUCAS, v. 43.) *“Apareceu-lhe então um anjo do céu a confortá-lo; e ele, presa de agonia, com mais instância orava”.*

Aos que admitem a divindade de Jesus, o Cristo, pergunta-se: Deus precisava de amparo? Não trazia ele *em si mesmo* a sua força?

Aos que negam as manifestações espíritas e consideram Jesus um homem como os outros, com uma veste de carne *igual às dos demais homens*, pergunta-se: **Como se há de admitir que um anjo do Senhor se tenha mostrado a Jesus homem e aos três apóstolos?** Não, os que negam as manifestações espíritas não podem admitir isso e desde então, se foi Jesus quem deu ciência dessa manifestação a seus discípulos, ele era um impostor. Como, porém, nada prova que o Mestre lhes tenha falado de tal coisa, aquela manifestação não passou de pura invencionice dos discípulos. Mas, com que fim a teriam estes inventado, uma vez que procuravam estabelecer uma divindade na qual, como o reconhecerá quem se coloque no ponto de vista dessa classe de contraditores, eles não podiam deixar de

crer?

Aos espíritas que acreditam nas manifestações, mas que pretendem, ou creem que o Mestre era um homem como qualquer outro, com uma veste de carne igual à deles, perguntaremos: **Como é que, podendo dar-se todos os fatos concernentes a Jesus, só o seu nascimento não podia deixar de ser um ato inteiramente humano?** Mas, neste caso, são *falsas* as revelações que o anjo fez a Maria e depois a José!

Se Jesus tivesse sido fruto de uma união humana, **falso seria o mistério que lhe cerca o nascimento**. Ora, admitir a *mentira*, a falsidade, com relação a este fato, fora deixar livre o campo para admiti-la em todos os outros casos. Atente o espírita nessa consequência e veja em que situação ela o coloca *diante dos que negam as manifestações espíritas*, dos que declaram fabulosa a obra evangélica, da qual só aceitam, caprichosamente, o que lhes convém à incredulidade admitir. **Abra o espírita os olhos à luz da nova revelação que vos trouxemos, da revelação da revelação**, que vem *cumprir* e não *destruir*, *explicar* e não *rejeitar*; que, pondo o *espírito* no lugar da letra, vem explicar aos homens, *em espírito* e *em verdade*, a *origem* e a *natureza de Jesus*, de que modo e em que *condições* se deu o seu aparecimento na Terra. ⁽¹¹⁹⁾ (itálico do

Observa-se a preocupação dos “Espíritos inspiradores” em validar os textos dos Evangelhos, questionando os que não acreditam neles como de pura inspiração divina, mas apenas produto de lavra humana, que foram escritos no período de cerca de 30 a 70 anos depois da morte de Jesus.

Já que eles têm os Evangelhos em tão alto conceito, será nele que encontraremos a “prova” de que Jesus era um homem comum. Vejamos o versículo 17 do cap. 20 de João: *“Jesus lhe diz; ‘Não me retenhas, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a **meus irmãos** e dize-lhes: Subo **a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus.**’”* ⁽¹²⁰⁾ Nem torcendo a interpretação se conseguirá fugir do fato de que Jesus ao dizer *“meu Pai e vosso Pai”* e *“meu Deus e vosso Deus”*, se colocou como um igual a nós.

Aliás, certamente, que tudo que diz respeito a ele não poderá ser privilégio, mas que está na lei de Deus. Foi Jesus mesmo quem disse: *“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim*

também **fará as obras que eu faço e as fará maiores** do que estas, [...].” (João 14,12)

“Se Jesus tivesse sido fruto de uma união humana, falso seria **o mistério** que lhe cerca o nascimento”, vemos nessa fala o uso do termo “mistério” muito a gosto dos teólogos cristãos, especialmente quando não conseguem uma explicação lógica para um determinado relato bíblico.

Por outro lado, mentira e falsidade é acreditar que a encarnação de Jesus tenha acontecido por algum fenômeno sobrenatural, o que colocaria as profecias a seu respeito, que acreditavam existir, em cheque para não dizer inverídicas. Assim, se Jesus não teve José como pai biológico, então ele não poderia ser biologicamente descendente de Davi, por consequente não seria o messias.

Entendemos que ao dizerem “*Abra o espírito os olhos à luz da nova revelação que vos trouxemos, da revelação da revelação*”, esses “Espíritos inspiradores”, pretensiosamente, se julgaram portadores de revelações maiores das que Allan Kardec recebeu.

Em **Os Quatro Evangelhos - Vol. 3**,
comenta-se a narrativa bíblica do “bom ladrão”:

MATEUS, Cap. XXVII, v. 44. – MARCOS, Cap. XV, v. 32. – LUCAS, Cap. XXIII, vv. 39-43

Palavras que Jesus dirigiu a um dos dois ladrões, ao que é chamado o bom ladrão.

MATEUS: V. 44. Os mesmos impropérios lhe dirigiam os dois ladrões que com ele haviam sido crucificados.

MARCOS: V. 32. Também os que com ele haviam sido crucificados lhe dirigiam palavras injuriosas.

LUCAS: V. 39. Um dos ladrões também crucificados blasfemava contra ele dizendo: Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós. – 40. Mas o outro, repreendendo-o, disse: Nem ao menos sofrendo o mesmo suplício temes a Deus mais do que os outros! – 41. Entretanto, nós o sofremos justamente, pois que recebemos o castigo que mereceram os nossos crimes, ao passo que este nenhum mal fez. – 42. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim quando chegares ao teu reino. – 43. Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.

N. 301. **Estes versículos se conciliam perfeitamente.** As narrativas de Mateus e de Marcos encontram na de Lucas o seu **complemento histórico**, do mesmo modo

que esta última, para estar completa, precisa que a precedam as duas outras. **A princípio, os dois ladrões**, ambos criminosos e maus, **fazem coro** com os príncipes dos sacerdotes, os anciãos, os escribas, os transeuntes e a multidão, nos ultrajes que lançavam a Jesus. **Depois, continuando um deles** a blasfemar contra este, pede-lhe que demonstre o seu poder por um milagre, que também os salve. *Se és o Cristo, disse, salva-te a ti mesmo e a nós.* ⁽¹²¹⁾ (itálico do original)

Claro, tinham que tentar explicar a incoerência dos textos dos Sinópticos, mas o curioso é que o autor do Evangelho Segundo João, apesar de mencionar os dois ladrões, não coloca na boca deles uma só palavra.

Essa de “*complemento histórico*” não funciona, porque no cristianismo primitivo não se tinham todos os Evangelhos em mãos, porquanto, foram escritos por autores anônimos em épocas diferentes: Marcos, por volta de 65-70 d.C.; Mateus e Lucas, aproximadamente em 80-85 d.C.; e, João, por volta de 90-95 d.C. ⁽¹²²⁾.

Vejamos Lucas 23, 43, pelo teor da **Bíblia de**

Jerusalém:

“Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso”.

Deslocando-se a vírgula para depois do termo “hoje”, temos:

“Em verdade, eu te digo hoje, estarás comigo no Paraíso”.

Perguntamos: Mudou ou não o sentido do frase?

Para que fique claro quanto à questão da pontuação nos manuscritos “originais”, é bom que se saiba o que, respectivamente, disseram os autores de ***Evangelhos Perdidos, A Bíblia Através dos Séculos*** e ***O Novo Testamento Interpretado: Versículo por Versículo - Vol. 3***:

[...] Um dos problemas com **textos gregos antigos** (o que incluiria todos os escritos cristãos mais primitivos, incluindo os do Novo Testamento) é que, **quando eram copiados, não se usavam marcas de pontuação**, não se fazia distinção entre minúsculas e maiúsculas e, o que é ainda mais estranho para leitores modernos, não

havia espaços de separação entre as palavras. [...]. ⁽¹²³⁾

[...] **Os manuscritos originais também não tinham sinais de pontuação.** Estes foram introduzidos na arte de escrever em época recente. É claro, pois, que a pontuação moderna não é inspirada, e por isso não dá, às vezes, sentido às palavras do original. ⁽¹²⁴⁾

Já que **os primeiros manuscritos do N.T. são sem pontuação sistemática,** editores e tradutores do texto devem inserir tais marcas de pontuação como parecem apropriadas à sintaxe e ao significado. [...]. ⁽¹²⁵⁾

Portanto, a colocação da vírgula, por exemplo, ficava ao arbítrio do tradutor, assim, entendemos, que ao deslocá-la não cometemos nenhuma heresia.

Por outro lado, não faz sentido Jesus ter afirmado “**hoje** *estarás comigo no paraíso*”, uma vez que ele demorou um certo tempo para “subir ao céu”, dessa forma o “bom ladrão” chegou no “paraíso” primeiro do que ele.

“Ide, pois, e ensinai a todos os povos,

batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, instruindo-os na observância de todas as coisas que vos tenho prescrito e ficai certos de que estarei convosco até à consumação dos séculos”.

Feito ***em nome do Pai***, o batismo invocava o Ser supremo que, no infinito e na eternidade, preside a todos os universos. ***Em nome do Filho***, chamava a atenção sobre aquele que vela pela sorte do vosso planeta, filho de Deus *pela sua pureza perfeita*, vosso Senhor pelo seu poder. ***Em nome do Espírito Santo***, constituía um apelo dirigido à inteligência secreta que procede do Criador e se vos manifesta, *por intermédio dos bons Espíritos*, nos efeitos espíritas, *ensinando-vos*, em espírito e em verdade, a justiça, o amor e a caridade, todas as virtudes e todos os deveres, de ordem material, de ordem moral e de ordem intelectual, inspirando-vos a prática desses deveres e virtudes, trazendo-vos a luz e a verdade, por inspiração e comunicação mediúnica. ⁽¹²⁶⁾ (itálico do original)

Por pouco os “Espíritos inspiradores” não sancionavam a crença na Trindade, ao referendarem o batismo apoiando-se em Mateus 28,19: *“Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do*

Filho e do Espírito Santo". Porém há sério problema com essa passagem bíblica, conforme veremos nestas três fontes:

1ª) Léon Denis (1846-1927), em **Cristianismo e Espiritismo**, afirmou que:

Depois da proclamação da divindade de Cristo, no século IV, depois da introdução, no sistema eclesiástico, do **dogma da Trindade, no século VII, muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas**, a fim de que exprimissem as novas doutrinas (Ver João I, 5,7). "Vimos, diz Leblois (147), na Biblioteca Nacional, na de Santa Genoveva, na do mosteiro de Saint-Gall, manuscritos em que **o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde foi intercalado no texto**, onde se encontra ainda". ⁽¹²⁷⁾

2ª) Em **Mentiras Fundamentais da Igreja Católica Como Bíblia Foi Manipulada**, de autoria de Pepe Rodríguez, encontramos essa informação:

[...] a Igreja, ao basear-se em Mt 28,19, para afirmar que é católica, "porque a missão que lhe foi atribuída por Cristo se refere à totalidade do género humano",

comete dois atropelos. Por um lado, baseia-se **num versículo que é uma interpolação, dado tratar-se de um versículo que foi posteriormente acrescentado ao texto original de Mateus**. E por outro, o que é mais importante, porque transforma o mandato “ide, então; ensinaí a todas as gentes...” num “ide para que todos se associem numa única Igreja e acreditem naquilo que lhes ensinaí”, transformação que revela um comportamento mais próprio de uma atitude imperialista do que propriamente universal.
(¹²⁸)

3ª) Em ***O Judaísmo e as Origens do Cristianismo, Vol. II***, David Flusser (1917-2000), historiador, foi professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, onde lecionou por mais de 50 anos, um estudioso da literatura clássica e talmúdica, conheceu nada menos que 26 idiomas, explica o seguinte:

De acordo com os manuscritos de Mateus que foram preservados, o Jesus ressuscitado ordenou aos seus discípulos batizar todas as nações “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. A fórmula trinitária franca, aqui, é de fato notável, mas já foi mostrado

que a ordem para batizar e a **fórmula trinitária faltam em todas as citações das passagens de Mateus nos escritos de Eusébio anteriores ao Concílio de Niceia.** O texto de **Eusébio de Mt 28:19-20 antes de Niceia era o seguinte: “Ide e tornai todas as nações discípulas em meu nome, ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei”.** Parece que Eusébio encontrou essa forma do texto nos códices da famosa biblioteca cristã em Cesareia. ⁽⁷⁵⁾ **Esse texto mais curto está completo e coerente.** Seu sentido é claro e tem seus méritos óbvios: diz que o Jesus ressuscitado ordenou que seus discípulos instruissem todas as nações em seu nome, o que significa que os discípulos deveriam ensinar a doutrina de seu mestre, depois de sua morte, tal como a receberam dele. ⁽¹²⁹⁾

Bem objetivamente, diremos que Mateus 28,19 é uma adulteração, uma vez que não consta nos Manuscritos mais antigos, em razão disso não deveria ter sido “sancionado” pelos “Espíritos inspiradores” para justificar nem o batismo e, ainda que sutilmente, a Trindade.

Aliás, a questão de ser uma adulteração não é um fato muito difícil de se constatar:

a) Consultando a passagem correspondente em Marcos (16,15-16), nela não encontramos nada parecido com o que foi dito no versículo 19, do capítulo 28 do Evangelho Segundo Mateus.

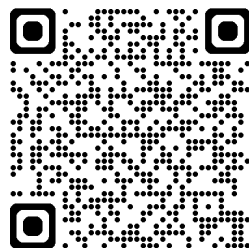
b) Em Atos dos Apóstolos, tido como de autoria de Lucas, e Romanos e Gálatas, cartas de Paulo, há registros de que batizavam “*em nome de Jesus*” e não da forma trinitária de Mateus 28,19. ⁽¹³⁰⁾

Como é que o tal de Mateus, que dita as mensagens a J.-B. Roustaing, demonstra desconhecer a adulteração na sua narrativa sobre a vida de Jesus, fica-nos a dúvida: Não seria esse Espírito um mistificador?

Em relação aos temas “Batismo” e “Trindade”, que não cabe nos alongarmos neles aqui, recomendamos aos interessados os



ebooks: **O Ritual do**
Batismo ⁽¹³¹⁾ e
Trindade - **O**
Mistério **Imposto**



Por Um Leigo e Anuído Pelos
Teólogos ⁽¹³²⁾, ambos estão disponíveis em nosso

site.

Em ***Os Quatro Evangelhos - Vol. 4***, os “Espíritos inspiradores” analisam João 13, 18-30, cujo título é “Jesus prediz a traição de Judas”. Desta análise destacamos:

Predizendo a traição de Judas, teve Jesus em vista chamar a atenção dos apóstolos, a fim de que, quando o fato ocorresse, ficassem impressionados e reconhecessem, por essa faculdade extra-humana da presciência do futuro, que ele era realmente o enviado de Deus. ⁽¹³³⁾
(itálico do original)

Então, para os “Espíritos inspiradores” a traição de Judas foi prevista por Jesus. Diremos: há controvérsias! Temos no relato da suposta traição de Judas apenas mais uma tentativa, entre muitas outras, de relacionar Jesus com alguma profecia do Antigo Testamento.

Também essa suposta profecia a respeito da traição de Judas não é profecia coisa alguma, mas um fato acontecido na época em que Davi era rei de Israel, como veremos. A fala atribuída a Jesus é esta:

“O que comigo põe a mão no prato, esse me entregará. Com efeito, o Filho do Homem vai, conforme está escrito a seu respeito, [...]” (Mateus 26,23-24).

A passagem que contem “conforme está escrito a seu respeito”, é o Salmo 41,10, no qual temos o rei Davi também reclamando sobre a traição de um amigo:

Salmo 41,2-14: *“Feliz quem pensa no fraco e no indigente, no dia da infelicidade lahweh o salva; lahweh o guarda, dá-lhe vida e felicidade na terra, e não o entrega à vontade dos seus inimigos! lahweh o sustenta no seu leito de dor, tu afofas a cama em que ele definha. Eu dizia: ‘lahweh, tem piedade de mim! Cura-me, porque eu pequei contra ti!’ Meus inimigos falam mal de mim: ‘Quando vai morrer e perecer o seu nome?’ Se alguém me visita, fala com fingimento, enche o coração de maldade e, ao sair, é disso que fala. Os que me odeiam cochicham juntos contra mim, e, junto a mim, consideram minha desgraça: ‘Caiu sobre ele uma praga do inferno, está deitado e nunca mais vai levantar!’ **Até meu amigo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou o calcanhar contra mim.** Tu, porém, lahweh, tem piedade de mim, levanta-*

me, e eu pagarei o que eles merecem. Nisto reconheço que te comprazes comigo: se meu inimigo não triunfar sobre mim. Quanto a mim, tu me manténs íntegro e me estabelececes em tua presença, para sempre. Bendito seja lahweh, o Deus de Israel, desde agora e para sempre! Amém! Amém!” ⁽¹³⁴⁾

Facilmente se conclui que o clamor de Davi sobre a traição de um amigo não é, como querem, uma profecia, mas acontecimento real que poderá ser encontrado na passagem 2 Samuel 15.12.31, que narra a traição de Aquitofel, amigo e conselheiro de Davi.

Imagine, caro leitor, qual foi o final trágico desse amigo traidor: Foi o de enforcar-se (2 Samuel 17,23), justamente como fizeram crer que Judas tenha feito. Porém, novamente, há controvérsias! De novo?, sim, de novo!

Em Mateus 27,5, diz que Judas foi se enforcar ⁽¹³⁵⁾, entretanto em Atos 1,18 afirma-se que ele pulou de um precipício “*caindo de cabeça para baixo, arrebentou pelo meio, derramando-se todas as suas entranhas*” ⁽¹³⁶⁾. Qual dos dois relatos é o verdadeiro?

Pode até ser que estejamos enganados, mas julgamos que essa traição de Judas se trata de uma invenção para ligar Jesus a uma suposta profecia. Em nosso artigo **A Traição de Judas: Uma História Mal Contada** ⁽¹³⁷⁾, explicamos isso.

Aliás, é bem interessante citar aqui algo que levantamos nele:

Início da transcrição

Percebemos que as narrativas possuem diversos fatos conflitantes entre si, deixando-nos na convicção que tudo não passa, na melhor das hipóteses, de um ajuste dos textos para se chegar a um objetivo pré-determinado, conforme já falávamos, desde o início. Para se ter uma ideia mais exata sobre isso, colocaremos a passagem Mateus 27,1-26, que, para tornar a explicação mais fácil de ser entendida, iremos dividi-la em três partes:

l) 1-2: *“De manhã cedo, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo convocaram um conselho contra Jesus, para o condenarem à morte. Eles o amarraram e o levaram, e o entregaram a Pilatos, o*

governador.”

II) 3-10: “Então Judas, o traidor, ao ver que Jesus fora condenado, sentiu remorso, e foi devolver as trinta moedas de prata aos chefes dos sacerdotes e anciãos, dizendo: ‘Pequei, entregando à morte sangue inocente’. Eles responderam: ‘E o que temos nós com isso? O problema é seu’. Judas jogou as moedas no santuário, saiu, e foi enforcar-se. Recolhendo as moedas, os chefes dos sacerdotes disseram: ‘É contra a Lei colocá-las no tesouro do Templo, porque é preço de sangue’. Então discutiram em conselho, e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, para aí fazer o cemitério dos estrangeiros. É por isso que esse campo até hoje é chamado de ‘Campo de Sangue’. Assim se cumpriu o que tinha dito o profeta Jeremias: ‘Eles pegaram as trinta moedas de prata – preço com que os israelitas o avaliaram – e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, conforme o Senhor me ordenou’.”

III) 11-26: “Jesus foi posto diante do governador, e este o interrogou: ‘Tu és o rei dos judeus?’ Jesus declarou: ‘É você que está dizendo isso’. E nada respondeu quando foi acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos. Então Pilatos perguntou: ‘Não estás ouvindo de quanta coisa eles te acusam?’ Mas Jesus não respondeu uma só palavra, e o governador ficou vivamente impressionado. Na festa da Páscoa, o governador costumava soltar o prisioneiro

que a multidão quisesse. [...]”

Para o que queremos colocar não é necessário citar toda a narrativa; assim, omitimos o restante da sequência dessa última (vv. 16-26), pois até aqui, no versículo 15, já encontramos o suficiente para entendermos e percebermos que os versículos de 3-10 nada têm a ver com o contexto geral daquilo relatado na passagem. Inclusive, no versículo 3 está dito que Judas viu que Jesus havia sido condenado, quando, no desenrolar do texto, esse fato ainda não havia acontecido, que só veio acontecer mais à frente. A quebra brusca na sequência dessa narrativa, não deixou de ser percebida pelo tradutor da *Bíblia do Peregrino*, conforme nos explica:

O episódio da morte de Judas interrompe estranhamente o curso do relato, como se a entrega de Jesus ao governador ultrapassasse suas previsões. Sabemos que a figura de Judas alimentou desde cedo fantasias legendárias. Lucas dá versão diferente (At 1,18-20). A morte violenta do perseguidor ou culpado é tema literário conhecido (p. ex. Absalão, 2Sm 18; Antíoco

Epífanês, 2Mc9; em versão poética vários oráculos proféticos, p. ex. Is 14; Ez 28). Antes de morrer, Judas acrescenta seu testemunho sobre a inocência de Jesus. Confessa o pecado, mas desespera do perdão... (*Bíblia do Peregrino*, p. 2385-2386)

Isso vem confirmar todas as nossas suspeitas de que tudo foi um calculado “arranjo” visando ajustar os textos às conveniências dos interessados para que eles tivessem referências às suas idiossincrasias. E, em relação ao assunto tratado, temos fortes suspeitas de que vários outros trechos foram intercalados às narrativas bíblicas, para amoldá-los a um propósito determinado. Podemos citar, como exemplo, Mateus 26,14-16; 21-25; 28,11-15; Marcos 10,10-12; 14,18-21; Lucas 22,3-6, 21-23; João 1,33; 11,12-16, para que você, caro leitor, faça uma análise mais aprofundada.

Fim da transcrição

Era de se esperar que os “Espíritos inspiradores” viessem a justificar os conflitos das narrativas a respeito da morte de Judas. Vejamos em

Os Quatro Evangelhos - Vol. 3, o que disseram eles:

Nos *Atos dos Apóstolos*, onde se diz que o campo foi adquirido por Judas com o preço do seu pecado, e que ele, **depois de o haver comprado, lá se enforcou, houve um erro de narração, devido aos comentários feitos a propósito dos fatos que Mateus relatara**, mas ainda não escrevera, e a propósito do lugar do suicídio de Judas e do sepultamento, aí, do seu cadáver. ⁽¹³⁸⁾ (itálico do original)

A questão que apresentamos é: Se a narrativa sobre a morte de Judas não representa fielmente os fatos, qual a certeza que poderemos ter quanto à veracidade de tudo quanto foi narrado nos Evangelhos? Às vezes temos a impressão que somente o que vem confirmar alguma crença dos “Espíritos inspiradores” que é verdadeiro.

Destacamos a afirmativa “**houve um erro de narração**”, embora já tenhamos citado, a seguir veremos num outro momento na obra de J.-B. Rousstaing:

[...] Os evangelistas, [...] **Médiuns historiadores inspirados, só disseram, sob a influência espírita, sob a inspiração mediúnica**, das quais não tinham consciência, o que deviam dizer, empregando, como o fazem os vossos médiuns, as palavras de que dispunham para relatar os fatos. [...]. ⁽¹³⁹⁾ (itálico do original)

Se “[...] os apóstolos possuíam, a assistência e o concurso dos Espíritos puros e dos Espíritos superiores [...]”, como dito ⁽¹⁴⁰⁾, também vale para o que eles narraram nos Evangelhos, pois “*só disseram sob influência espírita, sob a inspiração mediúnica*”, então, estamos diante de sérios apuros, uma vez que somos forçados a admitir que tais Espíritos se equivocaram, inspirando um relato que não corresponde aos fatos.

Acreditamos que algo grave em relação às explicações dadas pelos tais “Espíritos inspiradores”, nós encontraremos em **Os Quatro Evangelhos - Vol. 3**, que trata do tema “*Crucificação de Jesus e dos dois ladrões. Palavras por ele ditas como ensinamento e exemplo*”, onde temos nos itens “N. 298” e “N. 299”, respectivamente, as seguintes

afirmativas:

Foram os Judeus que, por vontade própria, o crucificaram, mas o ato material foram os Romanos que o executaram. A multidão reclamou a entrega de Jesus e Pilatos atendeu-a, *no sentido de* conceder que lhe fosse dada “morte”. E a turba, ávida de espetáculos daquela natureza, o acompanhara, bramindo e injuriando-o. Ele, porém, estava entregue aos soldados romanos, que eram os que tinham o encargo de executar a sentença proferida e que de fato a executaram. ⁽¹⁴¹⁾
(itálico do original)

Mantemos o que acabamos de dizer: **Foram os Judeus que, moralmente, condenaram a Jesus,** sendo Pôncio Pilatos quem materialmente proferiu contra ele a sentença de morte. Do mesmo modo, os Judeus, que o acompanharam ao Gólgota, foram os que presidiram ao seu suplício. Mas, **materialmente, foram os soldados romanos que executaram a sentença,** desempenhando o papel do carrasco quando executa a condenação à morte sentenciada pelo tribunal do júri. ⁽¹⁴²⁾

O grave aqui é colocar a culpa da crucificação de Jesus nas costas dos judeus, configurando um

“puro” antissemitismo. No site **Mundo Educação**, encontramos o seguinte esclarecimento para esse comportamento:

A palavra antissemitismo refere-se a **uma aversão** criada por certos setores da sociedade **contra povos de origem judaica**, que são povos da linhagem étnica semita. [...]. ⁽¹⁴³⁾

De **Os Quatro Evangelhos - Vol. 4**, destacamos:

CAPÍTULO XIX

Vv. 16-22

*Jesus é entregue aos Judeus. - É conduzido ao Calvário. - Crucificação. - **Inscrição feita por Pilatos e colocada no alto da cruz***

V. 16. Então Pilatos lhes entregou Jesus para ser crucificado. Eles, pois, o tomaram e levaram. - 17. E, carregando a sua cruz, veio ele ao lugar que se chama Calvário e em hebreu *Gólgota*; - 18, onde o crucificaram e com ele dois mais, um de um lado, outro de outro lado, e no meio Jesus. - 19. **Pilatos fez também uma inscrição, que mandou colocar no alto da cruz e na qual**

estavam escritas estas palavras: *Jesus Nazareno, rei dos Judeus*. – 20. Muitos Judeus leram esta inscrição, porquanto o lugar onde Jesus fora crucificado era próximo da cidade e a inscrição estava escrita em hebreu, em grego e em latim. – 21. Os príncipes dos sacerdotes disseram então a Pilatos: Não ponhas – rei dos Judeus, mas – que se disse rei dos Judeus. – 22. Pilatos lhes respondeu: O que escrevi, está escrito.

N. 62. Já explicamos, comentando os três primeiros Evangelhos, a significação destes fatos, com relação aos quais também não deveis isolar a narrativa de João das de Mateus, Marcos e Lucas, que **todas se explicam e completam mutuamente**.

Recusando modificar a inscrição, **que compusera por inspiração**, se bem que desta não tivesse consciência, Pilatos obedecia a um sentimento de orgulho, que lhe não consentia retroceder do que decidira. ⁽¹⁴⁴⁾ (itálico do original)

A afirmação de que as narrativas ou os Evangelhos “*se explicam e se completam mutuamente*” é insistente, acontece 23 vezes na obra de J.-B. Rostaing. Assunto que já tratamos, não retornaremos a ele.

Ao lado do parágrafo que consta a “N. 62”, se lê: “*A inscrição posta na cruz. Pilatos a compusera por inspiração*”, exatamente, aquilo que foi explicado. Os “dizeres” do letreiro foi inspirado? Meu Jesus, até onde irão com isso? Vejamos, em três fontes, o que os estudiosos dizem sobre esse ponto:

1ª) **A Última Semana: Um Relato Detalhado dos Dias Finais de Jesus.** Rio de Janeiro, autores Marcus J. Borg (1942-2015) e John Dominic Crossan:

A crucificação era uma das práticas de terrorismo imperial romano. [...] era sempre o mais pública possível – era uma forma calculada de intimidação social, e como tal precisava ser realmente pública. Suas vítimas eram penduradas como um alerta público. [...].

Como modelo de terrorismo público, em geral os postes verticais das cruzes ficavam permanentemente no lugar, perto de uma das portas da cidade ou em um local alto e destacado. Em geral **a vítima carregava ou arrastava a barra horizontal junto com a placa do crime**, a ser colocada em um dos postes no local da execução. [...] E frequentemente eram deixadas na cruz depois da morte, até que restasse pouco de

seus corpos até mesmo para um possível enterro. ⁽¹⁴⁵⁾

2ª) ***Como Jesus se Tornou Deus***, de Bart D. Ehrman:

De acordo com nossos relatos, o julgamento de Jesus diante de Pilatos foi curto e direto. Pilatos perguntou se era verdade que **ele era o rei dos judeus**. Quase com certeza **foi essa a verdadeira acusação lançada contra Jesus**. Isso é atestado de múltiplas formas por numerosos testemunhos independentes tanto do julgamento em si quando da **acusação escrita na placa pendurada com ele na cruz** (por exemplo, Marcos 15:2,26). [...] A acusação é especificamente que ele se nomeou “rei dos judeus”. ⁽¹⁴⁶⁾

3ª) ***Jesus Nazareno***, de Huberto Rohden (1893-1981), que disse:

Segundo **o costume da época**, achava-se **pregado sobre a cabeça de cada condenado um letreiro que indicava por que fora crucificado**. [...]. ⁽¹⁴⁷⁾

Nesta imagem representativa da crucificação romana (¹⁴⁸), se vê que na cruz era afixado um letreiro, um pouco acima da cabeça de cada condenado, com o motivo de sua condenação:



Como acreditar em Espíritos, que dizem ser superiores, se não sabem o básico quanto aos procedimentos dos romanos relativos à crucificação? Pior fica, pois eles mesmos afirmaram que Jesus “[...] *ficou submetido às leis que então regulavam as execuções pela crucificação*” (¹⁴⁹).

A inscrição que dizem ter sido inspirada a

Pilatos, na verdade, fazia parte da ritualística romana colocar um letreiro (ou placa) informando aos transeuntes o motivo da execução do condenado.

Funcionava como um exemplo: “Se fizer coisa semelhante, amanhã será você quem estará aqui.”

CAPÍTULO XIX

Vv. 23-27

As vestes. – A túnica. – A Virgem e João ao pé da cruz. – Palavras de Jesus a Maria e a João

V. 23. Os soldados, tendo-o crucificado, tomaram de suas vestes e as dividiram em quatro partes, uma para cada soldado. Tomaram também da túnica, mas, como não tivesse costura e fosse tecida de alto a baixo, – 24, disseram entre si: Não a rasguemos: deitemos sorte para ver quem a terá; a fim de **que se cumprisse esta palavra da Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes; deitaram sorte sobre a minha túnica**. E, efetivamente, os soldados assim fizeram. – 25. Entretanto, estavam junto à cruz a mãe de Jesus e a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cleofas, e Maria Madalena. – 26. Jesus, vendo sua mãe e ao lado dela **o discípulo a quem ele amava**, disse a sua mãe: Mulher, eis aí teu filho. – 27. Depois, disse ao discípulo: Eis aí

tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a tomou ao seu cuidado.

N. 63. Nenhuma importância tem o fato relativo à túnica, que, segundo o uso, era feita de um tecido de fabricação humana. A singularidade notada nela, pelos que entre si repartiram as vestes de Jesus, proveio de uma influência magneto-espírita, que os impediu de ver as costuras da fazenda, supondo-a inconsútil.

A narração evangélica diz porque isso se deu. Foi **“para que se cumprisse a palavra da Escritura”**.

O ato de Jesus recomendando **João a Maria: “Mulher, eis aí teu filho”** e recomendando **Maria a João: “Eis aí tua mãe”**, foi um último testemunho palpável da sua solicitude pelos encarnados e uma homenagem aos sentimentos que devem animar os filhos com relação aos pais; que devem ligar, por meio da adoção, os membros da grande família humana. ⁽¹⁵⁰⁾ (itálico do original)

A “profecia” que se tem como cumprida é o Salmo 22,19: *“Repartem entre si minhas vestes, e sobre minha túnica tiram sorte.”* ⁽¹⁵¹⁾

Segundo o **Houaiss**, Salmo significa:

1 cântico sagrado dos hebreus, acompanhado por instrumento de cordas ou de sopro 2 REL cada um dos 150 poemas líricos do Livro dos Salmos no Antigo Testamento, atribuídos, em sua maior parte, ao rei Davi (1015 a.C.-975 a.C.?), e que foram musicados para uso religioso 3 REL **oração em gênero poético**, cuja característica é o duplo ritmo, o das palavras e o das ideias, para ser **acompanhada pelo saltério**.

Diante disso, entendemos que um Salmo nada tem a ver com profecia, já que se trata de “*oração em gênero poético*”. Fato que fica bem claro com esta explicação para o Salmo 22, de autoria do profeta Davi, encontrada na ***Bíblia Sagrada - Vozes***:

Este **Salmo é uma das expressões mais profundas do sofrimento, nas orações bíblicas**. É composto de duas partes: lamentação individual (2.22) e cântico de ação de graças (23.32). **O salmista, abandonado e solitário em sua dor, privado da presença divina, apela ao Deus da santidade, lembrando-lhe as promessas relativas aos justos**. Depois de relatar seus sofrimentos morais e espirituais, alude, em

sucessão trágica, às dores físicas, aos tormentos corporais e ao terror da morte. Do extremo da dor passa à certeza da esperança: a salvação está assegurada e já está próxima, tanto assim que já pode convidar a comunidade dos fiéis a unir-se a ele no louvor a Deus, cujo desígnio de salvação se estende ao mundo inteiro e às gerações futuras. ⁽¹⁵²⁾

Que conclusão se pode tirar dessa explicação? Bem objetivamente, é que o teor do Salmo 22 se refere a Davi, que lamenta a sua própria sorte.

Portanto, não é uma profecia, como querem os autores dos Evangelhos, fato que os “Espíritos inspiradores” parecem não ter conhecimento ou quiçá ignoraram por conveniência.

Quanto à questão de a narrativa bíblica colocar João ao lado de Maria, pareceu-nos algo estranho, porquanto os autores de Mateus (25,56) e Marcos (14,50) afirmaram que todos os discípulos fugiram, abandonando Jesus quando de sua prisão. Isso é até compreensível, já que, grande parte deles, se trata de simples pescadores. Deveriam, certamente, estar morrendo de medo de também serem presos.

Outro complicador é que, novamente, Mateus (27,55-56) e Marcos (15,40) dão notícia que somente as mulheres acompanham de longe a execução de Jesus. Lucas (23,49) generaliza dizendo que *“todos os seus amigos, bem como as mulheres”*. E em João, lemos:

João 19,25-27: *“25. Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. 26. Jesus, então, vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: “Mulher, eis o teu filho!” 27. Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa.”* ⁽¹⁵³⁾

Percebe-se que no versículo 25 se tem a lista das mulheres, mas, estranhamente no versículo seguinte aparece *“o discípulo a quem [Jesus] amava”* perto de sua mãe, será que ele também não deveria ter sido mencionado no versículo 25? Teria sido isso um acréscimo? Mas quem teria sido esse discípulo a quem Jesus amava? A tradição identifica-o como João, segundo creem, o próprio autor desse Evangelho.

Será que Jesus, de fato, foi capaz de deixar a sua mãe aos cuidados de uma pessoa que não pertencia a seu círculo familiar, uma vez que ele teve irmãos e irmãs? O que se pode confirmar em Mateus 13,55-56:

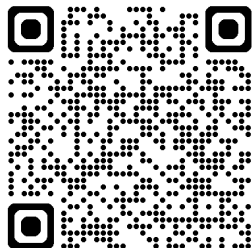
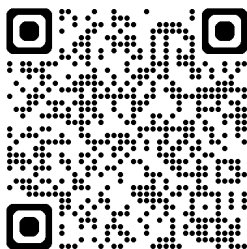
*“Não é ele o filho do carpinteiro? Não se chama a mãe dele Maria e os **seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas**? E as **suas irmãs** não vivem todas entre nós?”* ⁽¹⁵⁴⁾

Por outro lado, se todos os discípulos o abandonaram, qual foi a razão de se colocar um deles – supostamente João – ao pé da cruz? Não vemos nenhum sentido nisso.

Agora, vamos logicar um pouco: suponhamos que esse “discípulo amado” fosse Tiago, o irmão dele. O que Jesus falou à mãe – “Mulher, eis o teu filho!” – e a ele – “Eis a tua mãe!” – faria todo o sentido, não é mesmo?

Aos interessados
recomendamos os ebooks **Quem Era**

**o Tal de Discípulo
Amado Citado no**



Evangelho de João? ⁽¹⁵⁵⁾ e **Jesus Teve Irmãos ou Não?** ⁽¹⁵⁶⁾, ambos de nossa autoria.

CAPÍTULO XIX

Vv. 28-37

Palavras de Jesus. -- Jesus morre, no entender dos homens. - Ossos não quebrados. - Lado aberto

V. 28. Em seguida, sabendo Jesus que tudo estava cumprido, disse, a fim de que se cumprisse uma outra palavra da Escritura: Tenho sede. - 29. Como estivesse ali um vaso cheio de vinagre, os soldados ensoparam no vinagre uma esponja, ataram-na a um hissopo e lhe chegaram à boca. - 30. Jesus, tendo tomado o vinagre, disse: Tudo está consumado; e, deixando pender a cabeça, rendeu o Espírito. - 31. Os Judeus, para que os corpos não ficassem na cruz em dia de sábado, pois que estavam na véspera desse dia, na preparação para o sábado, que era dia de grande solenidade, pediram a Pilatos que lhes mandasse quebrar as pernas e tirá-los de lá. - 32. Vieram pois soldados que quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele fora crucificado. - 33. Depois, tendo vindo fazer o mesmo a Jesus, como vissem que já estava morto; não lhe quebraram as pernas. - 34. Um dos soldados, porém, lhe abriu o lado com uma lança e logo dali saíram

sangue e água. – 35. E aquele que o viu dá disso testemunho e o seu testemunho é verdadeiro. E ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis, – 36, porquanto estas coisas foram feitas para que se cumprisse esta palavra da Escritura: Não lhe quebrareis osso algum. – 37. E também diz a Escritura noutro lugar: Verão o que traspassaram.

N. 64. **Para que uma palavra da Escritura se cumprisse, Jesus diz: “Tenho sede”.** Aquele, a quem fora ordenado que quebrasse as pernas aos crucificados, não quebrou as de Jesus e um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança. Também tais coisas se deram, declara a narração evangélica, **para que se cumprisse estas outras palavras da Escritura: “Não lhe quebrareis osso algum; verão o que traspassaram”.**

Tudo se encadeia nas revelações sucessivas e progressivas, nos acontecimentos, bem como nos progressos da humanidade. **A Escritura é um laço que liga sempre o passado, o presente e o futuro, quanto ao ensino progressivo e gradual da verdade,** sempre relativa aos tempos e às necessidades de cada época e dada sempre na medida do que o homem pode suportar e compreender, debaixo do véu que a cobre e que se vai rasgando à proporção que o

Espírito se eleva.

Já dissemos, comentando os três primeiros Evangelhos: Jesus não bebeu o vinagre. E, a esse respeito, demos todas as explicações necessárias. ⁽¹⁵⁷⁾ (itálico do original)

Até mesmo quem tem pouco conhecimento dos Evangelhos nota a preocupação de seus autores em provar que tudo que Jesus falava ou fazia tinha como objetivo cumprir algo das ditas Escrituras.

Na passagem comentada, temos dois momentos. O primeiro, ou seja, “*Tenho sede!*”, podemos seguramente dizer que é pura invenção, porquanto, não há nenhum texto bíblico que se possa tirar essa locução para a tomar como profecia.

Com relação aos ossos não serem quebrados, a passagem relacionada como profecia é Salmo 34,20-21: “*Os males do justo são muitos, mas de todos eles lahweh o liberta; lahweh **guarda seus ossos todos, nenhum deles será quebrado.***”

Ora, o Salmo 34 é uma oração de agradecimento que Davi faz a Deus, por ter se livrado de Abimelec, que o perseguia. Davi para se

desembaraçar dele, fingiu-se de louco.

Especificamente a respeito dos vv. 12-23, do Salmo 34, na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, explicam o seguinte:

Grande catequese, centrada no *temor de Javé*. Trata-se de reconhecer que Deus é Deus, e que o homem não é Deus. Em seguida, **é preciso empenhar a própria vida na luta pela verdade e justiça**, para que todos possam viver dignamente. Essa é a luta que constrói a paz. **Nessa luta Javé toma partido dos justos, ouvindo o seu clamor, libertando-os e protegendo-os**. Por outro lado, Javé se posiciona contra os injustos, que são destruídos pelo próprio mal que produzem. ⁽¹⁵⁸⁾ (itálico do original)

Portanto, fica bem demonstrado que se trata de algo relacionado ao próprio salmista Davi.

Os “Espíritos inspiradores” ao dizerem que “*A Escritura é um laço que liga sempre o passado, o presente e o futuro, quanto ao ensino progressivo e gradual da verdade [...].*”

Estão assinando embaixo da crença de que a Bíblia é a “palavra de Deus”, por ser de revelação

divina.

Qualquer pessoa, livre das peias teológicas, sabe que, na Bíblia, a par da revelação divina contém a história política e religiosa do povo hebreu que nada tem de revelação, é óbvio.

Em ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, Allan Kardec, tratando especificamente de Moisés, esclarece que:

2. Há duas partes distintas na lei mosaica: a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo.

A Lei de Deus está formulada nos dez mandamentos [...].

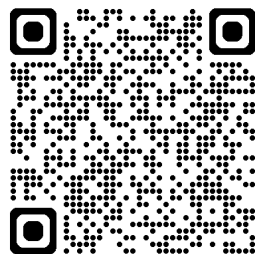
[...].

Essa Lei é de todos os tempos e de todos os países, e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés estabeleceu, obrigado a manter, pelo temor, um povo de seu naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito.

Para imprimir autoridade às suas leis, houve de Ihes atribuir origem divina, assim como fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. [...] É evidente que aquele que incluía, entre os seus mandamentos, este: “Não matareis; não fareis mal ao próximo”, não poderia contradizer-se, fazendo da exterminação um dever. As leis mosaicas, propriamente ditas, revestiam, pois, um caráter essencialmente transitório. ⁽¹⁵⁹⁾

Sem dúvida alguma, não temos como aceitar como leis divinas, por exemplo, certas atrocidades que Moisés permitia serem feitas aos povos inimigos: passar todos a fio de espada, incluindo, mulheres e crianças, basta consultar os cinco primeiros livros do Antigo Testamento que facilmente se verá isso.

No ebook **Falhas da Bíblia Inerrante** ⁽¹⁶⁰⁾, que recomendamos aos interessados no tema, apresentamos várias passagens que comprometem sobremaneira a inspiração divina de seus textos.



Quanto à afirmativa “*Já dissemos, comentando os três primeiros Evangelhos: Jesus não bebeu o*

vinagre. E, a esse respeito, demos todas as explicações necessárias." ela não é verdadeira, pois nesses volumes nada foi explicado sobre essa questão, trata-se, portanto, de uma informação equivocada.

A respeito da natureza do corpo de Jesus

Em princípio pode até parecer estranho, mas algumas transcrições de *Os Quatro Evangelhos* a respeito da gravidez de Maria serão aqui inseridas, pois elas estão, diretamente, relacionadas ao tema.

Da Introdução, transcrevemos esta referência a “obra da revelação”:

[...] ela traz um raio de luz nova para o conhecimento do Pai; esclarece *quem é o Filho*, dando aos homens ciência da origem e natureza espirituais de Jesus, de sua *verdadeira* genealogia, e *deste modo*, incidentemente, revelando a origem do espírito, a origem da alma, seus estádios, fins e destinos, por todo o infinito do espaço e do tempo; a posição espírita de Jesus em relação a Deus e ao nosso planeta; **a natureza extra-humana do corpo de que Jesus se revestiu para seu aparecimento e sua peregrinação na Terra**, como enviado de Deus entre os homens, estudando o modo pelo qual teriam ocorrido esse aparecimento e essa

peregrinação. [...]. ⁽¹⁶¹⁾ (itálico do original)

Bem no início, J.-B. Roustaing já informa de coisas que a obra sua tratará, entre elas destaca-se “*a natureza extra-humana do corpo de que Jesus se revestiu*”, abrindo campo para tê-lo como um agêneres.

Da mesma sorte que **a revelação hebraica, por intermédio de Moisés e dos profetas, continha promessas de revelações futuras que anunciavam o advento do Messias**, assim também a revelação evangélica, feita pelo Cristo, o Messias predito e prometido, encerra as promessas de revelações vindouras, cumpridas pelo “*Espírito da Verdade*”; isso, tanto para a era cristã, através dos apóstolos, sob o império *da letra* que oculta o *espírito*, quanto para a era nova, pelos Espíritos em missão, no espaço e na Terra, que vêm despojar da *letra* o *espírito* e progressivamente ensinar aos homens a verdade, assim preparando o advento de Jesus, Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade. ⁽¹⁶²⁾ (itálico do original)

Quem se der a oportunidade de pesquisar na

Bíblia verá que não há, nem em Moisés e nem nos profetas, nenhuma revelação relacionada ao futuro advento do Messias. Conforme já o dissemos todas as passagens bíblicas que apresentam como profecias, estão relacionadas a fatos da época em que foram feitas, nada para um futuro distante.

Isso era apenas uma crença cultural dos judeus, que foi incorporada pelas várias denominações cristãs. Isso demonstra que J.-B. Rousstaing, como muitos de nós espíritas, também se deixou levar por essa crença judaica.

A respeito desse tema, novamente indicamos aos interessados o nosso ebook **Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?** ⁽¹⁶³⁾.



Jesus-Cristo não foi um homem carnal, revestido dum corpo material humano, tal como o do homem de nosso planeta, porque: o corpo material humano só pode formar-se em obediência às leis naturais e invariáveis da reprodução, que regem, *em nosso planeta,* **a geração exclusivamente pelo concurso dos dois**

sexos; a vontade imutável de Deus jamais derroga as leis da Natureza, inalteráveis como essa vontade mesma, da qual emanam de toda a eternidade; consoante a revelação feita pelo anjo, ou Espírito superior, enviado por Deus a Maria e a José, revelação essa que não se pode nem se deve rejeitar porque não se possa compreender *segundo a letra*, mas que **se deve explicar e compreender segundo o espírito, em espírito e verdade, de acordo com as leis da Natureza, que regem os mundos superiores** e sua aplicação e conformação à nossa esfera, **o corpo que Jesus revestiu para surgir e passar na Terra**, ai cumprindo sua missão, não foi o fruto da concepção humana: **formou-se por obra estranha à geração humana, sem o concurso dos dois sexos, por uma operação extra-humana**, envolta – conforme a necessidade dos tempos, o nível das inteligências, os preconceitos e as tradições – na capa do *mistério, no véu da letra, que recobrem e ocultam o sentido* daquelas palavras do anjo, destinadas a servir à época e a preparar o porvir, trazendo consigo, espírito, a base e os elementos da revelação futura do *Espírito da Verdade*: “o que nele se gerou, o foi pelo Espírito Santo”. ⁽¹⁶⁴⁾ (itálico do original)

Jesus, como todo e qualquer Espírito puro que

venha encarnar na Terra, se sujeitou às leis Naturais em vigor nesse Planeta de provas e expiações. Não há a mínima excepcionalidade nas leis de Deus, cada planeta tem suas leis naturais correspondentes à matéria do fluido Cósmico Universal da qual foi criado.

Será que o nascimento “*extra-humano*” apresentado pelos “Espíritos inspiradores” não tem a ver com a concepção católica de que o sexo era pecado? Daí a necessidade de criar tal feito “milagroso” relacionado a concepção e o parto de Jesus.

Não foi Jesus um homem como nós ainda porque: a **concepção de Maria virgem** e, em consequência, **a gravidez e o parto dela, virgem, não poderiam ser, nem foram, reais**, pois contrariariam as leis da Natureza que regem a geração dos corpos da humanidade em nosso planeta, o que é impossível, uma vez que a vontade imutável de Deus jamais derroga nenhuma das leis da Natureza, inalteráveis como essa vontade mesma, da qual provêm de toda a eternidade; **DAÍ E NECESSARIAMENTE, aquela concepção, aquela gravidez, aquele parto não foram mais do que**

aparentes, graças a uma obra espírita que só pode ter ocorrido, e que só se deu, de conformidade com as leis da Natureza. ⁽¹⁶⁵⁾
(*itálico do original*)

A defesa da concepção, gravidez e parto de Maria fora das leis Naturais da Terra, dogmas da Igreja Católica, diga-se de passagem, está intimamente ligado à crença que “os inspiradores” de J.-B. Roustaing ainda mantinham sobre uma suposta profecia bíblica que apontaria para tudo isso.

Mas dizer que essas três fases da maternidade foram aparentes é ir longe demais, uma vez que estabelece toda uma cena teatral que envolveria o nascimento de Jesus.

Por outro lado, essa visão estabelece um sério conflito doutrinário. Em “Vocabulário espírita”, cap. XXXII de ***O Livro dos Médiuns***, lemos:

AGÊNERE (Do grego *a*, privativo, e *geine*, *geinomai*, gerar; **que não foi gerado.**) – Variedade de aparição tangível; **estado de certos Espíritos, quando temporariamente revestem as formas de uma pessoa viva**, a ponto de

produzirem completa ilusão. ⁽¹⁶⁶⁾

Então, a característica essencial de um agênera é não ter sido gerado, entretanto, quanto a Jesus fazem-no passar pelo processo comum a todo ser humano: concepção, períodos embrionário e fetal, adolescência e maturidade, que também conflita com revestir “temporariamente” as formas de uma pessoa viva, uma vez que, por tradição, se tem que ele viveu cerca de 33 anos.

É oportuno lembrar que no artigo “Os agêneres”, publicado na *Revista Espírita* 1859, mês de fevereiro, a certa altura, Allan Kardec, categoricamente afirma: “[...] O agênera não tem corpo vivo na Terra; somente seu perispírito toma forma palpável. [...]” ⁽¹⁶⁷⁾

Eis porque e com que fim **a revelação hebraica anunciou**, para “aquele em quem todas as nações da terra serão benditas”, primeiro, de modo preciso, uma origem humana, dizendo que ele sairia da posteridade de Abraão, da casa de David; depois, por intermédio dos profetas de Israel, mas **veladamente, sob a imprecisão e a obscuridade da letra,**

uma origem extra-humana, milagrosa, divina, falando “de um filho para a casa de David, à qual o Senhor mesmo daria um prodígio”, de um filho que **“uma virgem conceberia e pariria e a quem dariam o nome de Emmanuel”**, palavra esta cujo verdadeiro sentido permaneceu velado e que o Evangelista Mateus, por influência e inspiração espírita, revelou, acrescentando: “isto é, Deus conosco” (*quod est interpretatum nobiscum Deus*). ⁽¹⁶⁸⁾

Vejamos de perto a questão da profecia, para isso recorreremos ao nosso ebook ***Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?*** ⁽¹⁶⁹⁾, do qual transcrevemos:

Início da transcrição

2) Mateus 1,22-23: *“Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: 'Vejam: a virgem conceberá, e dará à luz um filho. Ele será chamado Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco'.”*

Profecia: **Isaías 7,14**: *“Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel.”*

Na análise dessa passagem do livro de Isaías, perceberemos que ela não diz respeito a Jesus. Mas, antes, para uma melhor compreensão e para que não paire dúvida alguma, temos que realçar o início desse versículo, já que ele é quase sempre subtraído quando justificam suas interpretações: *“Pois saibam que Javé lhes dará um sinal.”* Ora, devemos concluir disso que Deus daria um sinal a alguém; mas, quem e por quê?

Para saber as respostas, vamos recorrer às informações constantes da ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, em nota de rodapé, sobre esse episódio. Diz lá:

O reino do Norte (Efraim), cujo rei era Faceia, se aliou a Rason, rei de Aram, numa tentativa de se libertar do perigo assírio. Como o reino do Sul (Judá) não participou da coalizão entre o reino do Norte e Aram, estes dois temeram que Judá se tornasse aliado da Assíria; resolveram então atacar o reino do Sul, para destronar o rei Acáz e colocar no seu lugar o filho de Tabeel, rei de Tiro. Acáz teme o cerco e verifica a reserva de água da cidade. Isaías vai ao seu encontro e o tranquiliza, mostrando que não

haverá perigo, pois continua válida a promessa de que a dinastia de Davi será perene, desde que se coloque total confiança em Javé. **O sinal prometido a Acáz é o seu próprio filho, do qual a rainha (a jovem) está grávida.** Esse menino que está para nascer é o sinal de que Deus permanece no meio do seu povo (Emanuel = Deus conosco). ⁽¹⁷⁰⁾

Assim, pelo contexto bíblico e confirmado por essa nota, podemos observar que Deus promete um sinal ao rei Acáz e esse sinal é justamente o filho do rei que está por nascer. Fora disso é distorcer a interpretação do texto.

Além disso, o fato é próximo e não uma previsão para um acontecimento num futuro longínquo, já que querem atribuir essa profecia a Jesus. E mais; o nome Jesus significa “*Deus é salvação*”; obviamente, diferente de Emanuel que quer dizer “*Deus está conosco*”, que é o nome previsto na profecia, fato que o fanatismo cego não deixa muitos perceberem.

E continuando. Na explicação do verbete Emanuel, no ***Dicionário Bíblico Universal***,

lemos:

É o nome dado por Isaías a uma futura criança cujo nascimento será, para o rei Acaz, o “sinal” da assistência divina (Is 7,14-17). A interpretação deste oráculo deve estar ligada ao significado do nome e ao alcance que terá na conjuntura daquele momento. O reino de Judá é ameaçado pelos sírios e efraimitas aliados, que querem acertar contas com a dinastia reinante, a mesma dinastia que se beneficia das promessas feitas a Davi. Em vez de recorrer a essas promessas, Acaz apela para a Assíria. Isaías condena este modo de agir e proclama: Deus está presente; ele está “conosco”.

Qual será a criança cujo nascimento será portador de uma mensagem como esta? Como é ao rei, contemporâneo de Isaías, que o sinal será dado, **o nascimento anunciado deve ocorrer proximamente. Será Ezequias** – afirma-se muitas vezes, e com boas razões. Mas esta criança é descrita numa linguagem poético-mítica, concretamente irrealizável. O oráculo abre portanto uma perspectiva que vai além do rei em questão. Graças a este oráculo, os crentes, insatisfeitos com os reis históricos, esperarão por uma personagem que finalmente satisfará a esperança deles. Mateus e os cristãos posteriores a ele

reconhecem em Jesus aquele que realiza plenamente o anúncio de Isaías (Mt 1,23).
(¹⁷¹)

Vê-se, portanto, que essa profecia realmente não se refere a Jesus, conforme ficou bem claro na explicação. Como não ficaram satisfeitos com Ezequias, a quem se referia esta profecia, foram postergando para uma época seguinte, até que, finalmente, a encaixaram na pessoa de Jesus.

Querem passar por cima do contexto histórico, atropelando os acontecimentos da época, para trazer para os dias de hoje aquilo que eles desejam que os outros acreditem piamente.

Bart D. Ehrman, em ***Como Jesus se Tornou Deus***, afirma o seguinte:

[...] de acordo com Mateus, o motivo para a mãe de Jesus ser virgem é que isso cumpriria o que fora dito por um porta-voz de Deus há muitos séculos, quando o **profeta Isaías escreveu nas escrituras judaicas: “Uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu**

nome Emanuel” (Is 7:14). Mateus cita o verso e o apresenta como motivo para a concepção incomum de Jesus – era para cumprir a profecia (Mt 1:23).

Com frequência, foi observado que **Isaías na verdade não profetiza que o messias nascerá de uma virgem.** Se você lê Isaías em seu contexto literário próprio, fica claro que **o autor não está falando em absoluto do messias. A situação é bem diferente e se passa no século VIII a.C., em uma época de calamidade. Isaías está falando ao rei de Judá, Acáz,** que está muito perturbado, e com motivo; os dois reinos ao norte de Judá – Israel e Síria – atacaram a capital, Jerusalém, para forçá-lo a juntar-se a eles em uma aliança contra a Assíria, a potência mundial em ascensão. Ele teme que os dois adversários do norte devastem seu país. **Isaías, o profeta, diz a ele que isso não acontecerá. Uma moça (não uma virgem) concebeu e dará à luz um filho que se chamará Emanuel, que significa “Deus é conosco”.** Que Deus é “com” o povo de Judá ficará evidente, pois, antes que a criança tenha idade suficiente para saber a diferença entre bem e mal, os dois reinos que estão atacando Jerusalém serão dispersos e os bons tempos estarão de volta para Acáz e sua gente. É a isso que Isaías se refere. ⁽¹⁷²⁾

Portanto, temos aí o exegeta Bart D. Ehrman corroborando a interpretação equivocada de Isaías 7,14.

Fim da transcrição

Em ***Os Quatro Evangelhos - Vol. 4***, lemos:

Foi, consequentemente, para que chegassem a saber que a gravidez e o parto de Maria, os quais, se reais houvessem sido, **teriam exigido o concurso dos dois sexos**, de acordo com as leis imutáveis de geração dos corpos e de reprodução na Terra, foram *apenas aparentes*, por isso que resultaram de uma operação, de uma obra do Espírito Santo, isto é: *dos Espíritos do Senhor*, de uma obra, portanto, *puramente espírita*, mas realizada em condições tais, que aquela gravidez e aquele parto fossem, **como cumpria que sucedesse**, considerados *reais* por Maria. Foi, pois, ainda, para que pudessem vir a saber e compreender que a paternidade e a maternidade humanas de José e de Maria, tidas pelos homens como reais enquanto durou a missão terrena de Jesus, conforme também **importava que sucedesse**, eram, do mesmo modo, *apenas aparentes*. ⁽¹⁷³⁾
(itálico do original)

A questão de concurso de dois sexos não é ponto que nos leva a conceito católico, pois para se manter Maria como virgem, a gravidez dela não poderia ocorrer pelo processo natural e normal a todo ser humano na Terra: resultante de uma relação sexual.

As expressões “*como cumpria que sucedesse*” e “*importava que sucedesse*” nada mais são que referências a supostas profecias a respeito de Jesus, como vimos, não há uma só passagem no Antigo Testamento que efetivamente tenha o Mestre como personagem.

Voltando à análise dos trechos de **Os Quatro Evangelhos - Vol. 1**, sigamos em frente.

Não vos espanteis de que o leite fosse assim restituído à massa do sangue. Não admitis que o químico possa, pela síntese, compor e, pela análise, decompor, à sua vontade, um líquido qualquer, restituindo a cada parte heterogênea a natureza que lhe é própria? – Pois admiti igualmente que a ação fluídica dos Espíritos superiores, que conhecem todos os segredos da vossa organização e da vossa vida humana, possa decompor

assim o leite formado e restituir cada uma de suas partes componentes à fonte de origem.

Que os incrédulos encolham os ombros desdenhosamente, nem por isso os fatos serão menos reais. E a experiência já adquirida, por efeito dos trabalhos de síntese e análise executados pela química sobre a matéria, não basta para vos explicar o fato, que se tornará evidente pela experiência, que tereis em breve, da propriedade dos fluidos?

[...].

Não vos espanteis tampouco de que **Maria** tivesse leite, uma vez que não sofrera a maternidade humana e **era virgem**. ⁽¹⁷⁴⁾

Sabendo do questionamento que, certamente, apareceria já preparam a resposta taxando de incrédulos os que não acreditariam nessa mirabolante história do leite materno de Maria voltar a seu sangue.

Sempre a preocupação de manter Maria na condição de virgem, demonstrando, como já vimos, acreditarem numa suposta profecia de Isaías, na qual a palavra jovem foi traduzida por virgem, conceito,

eminentemente católico.

A gravidez de Maria foi obra do Espírito Santo, porque foi obra dos Espíritos do Senhor e, como tal, aparente e fluídica, de maneira a produzir ilusão, a fazer crer numa gravidez real.

Houve aí um efeito de magnetismo espiritual. Sabeis qual a ação dos fluidos espirituais sobre o homem. Podeis avaliá-la pelo poder dos fluidos humanos bem dirigidos.

Os Espíritos prepostos à preparação do aparecimento do Messias na terra reuniram em torno de Maria fluidos apropriados, que lhe operaram a distensão do abdômen e o intumesceram. Ainda pela ação dos fluidos empregados, **o mês-truo parou durante o tempo preciso de uma gestação,** contribuindo esse fato para a **aparência da gravidez**, pela intumescência e pelos incômodos ocasionados. **Maria**, sob a inspiração de seu guia e diante desses resultados, que *para ela* eram o cumprimento da anúnciação que lhe fizera o anjo ou Espírito enviado, **acreditou na realidade do seu estado.**

Nessa crença nada há de surpreendente. Aos hospícios se têm recolhido não poucas

vítimas da vossa ciência, as quais se acreditavam prestes a dar nascimento a um ser, quando não passavam de joguete de ilusões provocadas por Espíritos obsessores. Em tais casos, **nenhuma aparência de gravidez havia aos olhos dos homens e, no entanto, os obsessores as faziam experimentar todos os sintomas da gravidez e parto.**

Assim, só aparência de gestação houve em Maria. A gravidez foi apenas aparente, fluídica, sendo a intumescência do ventre produzida por uma ação fluídica, efeito do magnetismo espiritual.

Seu parto foi igualmente *obra do Espírito Santo*, porque também foi *obra dos Espíritos do Senhor* e só se deu na aparência, tal como a gravidez, por isso mesmo que resultava desta, que fora simplesmente *aparente*. **Tanto quanto da gravidez, Maria teve a ilusão do parto,** na medida do que era necessário, a fim de que acreditasse, como devia acontecer, um nascimento real. ⁽¹⁷⁵⁾ (itálico do original)

Sinceramente, mas a forte impressão que nos ficou, ao ler esse trecho, foi a de que os “Espíritos inspiradores” engendraram um plano mirabolante pelo qual a virgindade de Maria fosse preservada. Na sequência, lemos:

Deveis compreender essa influência recordando-vos da ação e dos efeitos que, por meio do magnetismo humano, o magnetizador exerce e produz sobre o magnetizado, assim como da ação e dos efeitos que, mediante o magnetismo espiritual, os Espíritos exercem e produzem sobre o homem.

O magnetizador pode, como sabeis, pela ação da sua vontade e com o auxílio dos fluidos humanos bem dirigidos, **levar o paciente**, em estado de sonambulismo, a experimentar todas as sensações e impressões, **a ver e acreditar em tudo quanto ele queira que o mesmo paciente veja e acredite**, ao ponto de conseguir que este se impressione com uma ficção, como se fora uma realidade. Pode ainda produzir no paciente todas as aparências de um sofrimento qualquer, fazê-lo mesmo passar por esse sofrimento e por fim livrá-lo dele. ⁽¹⁷⁶⁾ (itálico do original)

Os Espíritos prepostos à preparação do aparecimento do Messias na terra, **colocando Maria, pela ação do magnetismo espiritual**, sob a influência magneto-espírita, a puseram, por efeito dessa influência, no **estado de um sonâmbulo que vê e acredita, sente e experimenta o que se quer que ele veja e acredite, sinta e experimente**. Nesse estado, Maria se achou em condições

idênticas às dos indivíduos, ainda raros entre vós, de que há pouco falávamos. ⁽¹⁷⁷⁾ (itálico do original)

No momento em que Jesus apareceu, exatamente como houvera aparecido por efeito de um nascimento real, sob o aspecto de uma criancinha, cessou a influência magneto-espírita. E Maria, iludida pela carne, sob a influência das impressões recebidas pela matéria, que conservara o sinal do compromisso que seu Espírito assumira, tomou nos braços o menino, como se o parto fora real, crente assim de que ele era fruto de suas entranhas, por *obra do Espírito Santo*. ⁽¹⁷⁸⁾ (itálico do original)

O “Espírito Santo”, envolvido no caso da gravidez de Maria, foi promovido à função de um competente hipnotizador (ou seria ilusionista)? As coisas chegaram a tal ponto que mais coisas estranhas são criadas para justificar a questão do corpo fluídico de Jesus. Até onde irão com isso?

LUCAS, Cap. II, v. 21-24

Circuncisão. – Purificação

V. 21. **Decorridos os oito dias** ao cabo dos quais **tinha o menino de ser circuncidado**, foi ele chamado Jesus, que

era o nome que o anjo lhe dera antes de ser concebido no seio de sua mãe. – 22. E, passado o tempo da purificação de Maria, **segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor**, – 23, de acordo com o que está escrito na lei: “Todo primogênito será consagrado ao Senhor”, – 24, e para oferecerem ao sacrifício que era devido, conforme à mesma lei, duas rolas ou dois filhotes de pombos. ⁽¹⁷⁹⁾ (itálico do original)

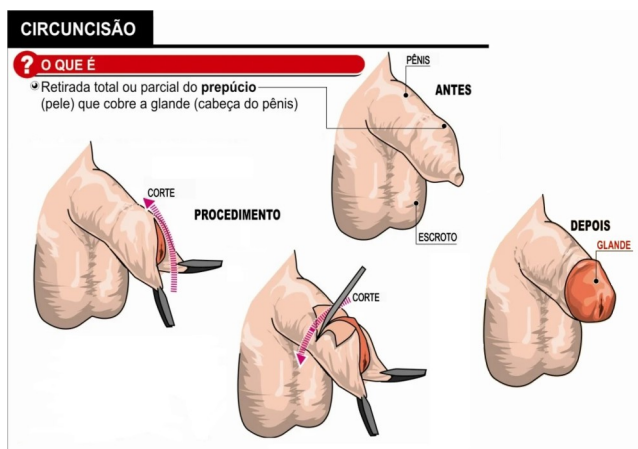
Inusitado é o início dos comentários, pois induzem ao crente seguir “cordeiramente” as orientações de seus líderes:

N. 40. Estes fatos constituem **uma lição para os que se revoltam contra o jugo que a religião impõe**, para os que querem destruir a lei em vez de a cumprirem, [...].

Vedes que os “pais” de Jesus se conformam com a lei estabelecida e a ela submetem o “recém-nascido”. ⁽¹⁸⁰⁾

Os “Espíritos inspiradores” concentraram seus comentários nesse ponto, sem mencionar o fato principal que é o procedimento cirúrgico da circuncisão de Jesus. Para se ter uma compreensão

sobre essa cirurgia vamos “desenhar”, trazendo esta imagem (¹⁸¹), que muito bem a esclarece:



Allan Kardec, acertadamente, afirmou que “*Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão.*” (¹⁸²)

Não temos dúvida alguma de que esse procedimento cirúrgico, se fosse num corpo fluídico não faria “correr sangue”, como, por exemplo, se vê nesta imagem (¹⁸³):



Esse silêncio dos “Espíritos inspiradores” nos induz a concluir que não tiveram como explicar a circuncisão num corpo fluídico. Diante disso, saíram pela tangente, concentrando-se em outro assunto.

R. N. Champlin e J. M. Bentes, autores da ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 1***, informam:

No Talmude, coletânea de comentários rabínicos, muitas prescrições são estabelecidas, regulando o ato da circuncisão. Podia ser realizada a circuncisão até, mesmo em dia de sábado, se isso coincidisse com o oitavo dia após o nascimento da criança. Conforme dizem os judeus, **a circuncisão consiste dos seguintes passos:** a. O “milah”, ou seja, a

amputação do prepúcio; b. o “periah”, em que a glândula é descoberta, e c. o **“metizitzah”, em que o fluxo de sangue é estancado**. Bênçãos apropriadas eram recitadas antes e depois da circuncisão da criança, após o que o menino recebia o seu nome próprio. **A cerimônia da circuncisão usualmente é acompanhada por uma refeição festiva, em que uma ação de graças especial é recitada, em alusão ao acontecimento.** [...]. ⁽¹⁸⁴⁾

Destaque para a última fase do procedimento da circuncisão o “metizitzah”, em que o fluxo de sangue, como consequência da amputação do prepúcio, era estancado.

Também se percebe que esse ritual religioso era um acontecimento social importante, em que parentes e amigos se reuniam para uma refeição festiva.

Então, se Jesus tivesse, de fato, um corpo fluídico como eles, insistentemente pregam, no momento da circuncisão isso seria revelado aos pais da criança e a todos que acompanhavam o ritual. Porquanto, tão singular situação de amputar o “prepúcio fluídico” num “pênis fluídico”, sem que

ocorresse sangramento, seria visto com um fenômeno extraordinário.

É certo, que tal ocorrência teria se espalhado qual rastilho de pólvora entre o povo, e, obviamente, Jesus seria considerado um ser especial, talvez uma espécie de semideus.

Tal procedimento cirúrgico só pode ser feito em corpo carnal, fato que resultaria no fluxo de sangue. Ah!, sim, inventarão como justificativa se tratar de “sangue fluídico”. Tudo é válido para se manter uma crença.

Em ***Os Quatro Evangelhos - Vol. 4***, lemos o seguinte parágrafo:

A circuncisão era um **uso seguido pelos patriarcas**, mas voluntariamente, como medida de precaução. Moisés a tornou obrigatória, fazendo de sua prática uma lei religiosa. ⁽¹⁸⁵⁾

Ainda que veladamente, os teólogos sempre nos passaram a informação de que o ritual da circuncisão foi implantado por Deus no tempo do

patriarca Abraão (Gênesis 17,10-11), acredita-se que ele tenha vivido entre os séculos XXI e XVIII a.C. ⁽¹⁸⁶⁾, como se a sua origem fosse entre o povo hebreu.

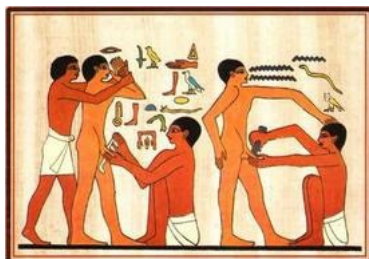
Mas, levando-se em conta informações sobre o povo egípcio, diremos não é bem isso:

Para os egípcios os sacerdotes do templo se circuncidavam como sinal de afiliação a Rá,

o Sol Criador,

[...] **Há imagens egípcias de mais de 5000 anos onde está registrado o ato da circuncisão** em jovens egípcios.

Heródoto, o historiador grego acreditava que os próprios egípcios haviam inventado o rito. ⁽¹⁸⁷⁾



Não custa lembrar que a cultura egípcia é bem anterior à hebraica.

Tudo, na vida “humana” de Jesus, foi apenas aparente, mas se passou em condições tais que, para os homens, houve ilusão, assim como para Maria e José,

devendo todos *acreditar* na sua “humanidade”, quando, entretanto, ele tão somente revestira e revestia um perispírito tangível, conforme já vos explicamos, um corpo meramente perispirítico, como tal, inacessível às exigências, às necessidades da vossa existência material.

Quando Maria, sendo Jesus, na aparência, pequenino, lhe dava o seio – o **leite era desviado pelos Espíritos superiores** que o cercavam, de um modo bem simples: **em vez de ser sorvido pelo “menino”, que dele não precisava, era restituído à massa do sangue por uma ação fluídica**, que se exercia sobre Maria, inconsciente dela. ⁽¹⁸⁸⁾ (itálico do original)

São bem criativos em suas explicações, pena que a maioria delas é apenas sofisma. Veja bem, caro leitor, se o filho de Maria não se alimentava de leite, conseqüentemente, não fazia “xixi” nem tão pouco “cocô”, certo?

Ora, tais fatos não ficariam escondidos de forma alguma, o povo ficaria sabendo disso e Jesus seria elevado à categoria de um ser superior já que não fazia as necessidades fisiológicas comum a todos os humanos. Acreditamos que não seria de

todo improvável, que alguns o julgassem um “ET”, que desembarcou de um “OVNI” que, sorrateiramente, pousou em algum lugar aqui na Terra.

N. 49. Como pôde Jesus parecer aos homens um menino recém-nascido e desenvolver-se, crescer, qual criança terrena, e sucessivamente percorrer, na aparência, as fases do desenvolvimento da infância, da adolescência e da idade viril em a nossa humanidade?

Esta é uma questão que podíeis resolver, sem a formulardes.

O perispírito que servia de invólucro a Jesus se desenvolvia aos olhos dos homens, de maneira a lhes dar a ilusão do crescimento humano. Não se vos disse já que o perispírito não é da mesma natureza do vosso corpo?

Qual impossibilidade vedes em que, *aos olhos dos homens*, o perispírito revista aparentemente as mesmas propriedades que tem o vosso corpo e em que os fluidos que o compõem sejam igualmente adstritos a se desenvolverem e aumentarem?

Para vos darmos explicação a este respeito, teríamos que entrar em minúcias acerca da natureza dos

fluidos e isso ainda não é possível.

Mas, porque haveis de achar impossível que os fluidos, reunidos sob a ação da vontade de Jesus, tenham seguido marcha progressiva de aparente dilatação, *aos olhos humanos?* ⁽¹⁸⁹⁾ (itálico do original)

Após o sofisma inicial, os “Espíritos inspiradores” arrematam *“Para vos darmos explicação a este respeito, teríamos que entrar em minúcias acerca da natureza dos fluidos e isso ainda não é possível.”* Ou seja, simplesmente disseram: fim de papo.

O nosso questionamento é: supondo Jesus um ser não carnal, por que motivo teve que seguir todo o processo de crescimento de um ser humano comum? Entendemos que, em relação a Jesus, tudo se passou conforme as leis da Natureza, porque conforme os mesmos “Espíritos Inspiradores” disseram *“As leis naturais são imutáveis, como imutável é a vontade de Deus que as formulou desde toda a eternidade. Deus, portanto, nunca as derroga.”* ⁽¹⁹⁰⁾

Em **Os Quatro Evangelhos - Vol. 4,**

encontramos a narrativa e os comentários dos “Espíritos inspiradores” a respeito da Bodas de Caná:

Capítulo II

Vv. 1-11

Bodas de Caná. – Fato considerado milagroso

V. 1. Três dias depois, celebraram-se umas bodas em Caná da Galileia, a que esteve presente a mãe de Jesus. – 2. Este, com seus discípulos, também foi convidado para as bodas. – 3. Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. – 4. Respondeu-lhe Jesus: Que há de comum entre mim e ti, mulher? Ainda não é chegada a minha hora. – 5. Disse sua mãe aos que serviam: Fazei tudo o que ele vos disser. – 6. Ora, havia ali seis talhas de pedra destinadas às purificações que eram de uso entre os Judeus, cada uma com a capacidade de duas ou três metretas ⁽¹⁹¹⁾. – 7. Disse-lhes Jesus: Enchei de água as talhas. Encheram-nas até à borda. – 8. Feito isso, disse ele: Agora, tirai do que está nelas e levai ao arquitriclino ⁽¹⁹²⁾. Assim fizeram. – 9. Tanto que provou da água mudada em vinho, o arquitriclino, não sabendo donde este viera (o que sabiam os criados, que haviam tirado das talhas a água), chamou o noivo, – 10, e disse: **Todo homem serve primeiro o bom vinho; só depois que os**

convidados têm bebido bastante, lhes apresenta o inferior; tu, ao contrário, conservaste guardado até agora o vinho bom. – 11. Com este, realizado em Caná de Galileia, deu Jesus começo aos seus milagres, manifestou a sua glória e seus discípulos creram nele.

N. 6. Já conheceis bastante, de modo geral, **os efeitos magnéticos, para compreenderdes a perfeita naturalidade** desse fato que foi considerado um *“milagre”*. Não ignorais que **Jesus dispunha de grande poder sobre os fluidos**. Pois bem, o que houve ali foi o resultado de uma ação magnética exercida por ele. **A água não se transformou em vinho, como o supôs e espalhou o vulgo ignorante das causas do fenômeno produzido. Por efeito daquela ação magnética, a água tomou, para o paladar dos convivas, o sabor do vinho, o sabor que Jesus lhe impôs.**

Não vos admireis de que, **assim magnetizada, apresentando o sabor de vinho, a água tenha sido tomada por vinho legítimo** e que o fato, como consequência da ignorância em que todos estavam das causas e dos meios pelos quais se produzira, haja dado lugar à crença, que se espalhou, de que um *“milagre”* ali se operara, de que a água fora mudada em vinho. Quando a Jesus foi observado que não

havia mais vinho o festim estava a terminar e já o dia declinara bastante. Os vasos, com que os que serviam tiravam das talhas o líquido, eram uma espécie de ânforas de barro. Foi de uma delas que o arquitriclino, ou mordomo, provou o líquido que lhe apresentaram e foi em vasos mais ou menos idênticos a esses, quanto à forma e à matéria de que eram fabricados, que o líquido circulou entre os convivas. Jesus impôs a estes a sua vontade, por meio de uma ação magnética. Já não é do vosso conhecimento o efeito do magnetismo, quer humano, quer espiritual, sobre o homem? ⁽¹⁹³⁾ (itálico do original)

Em ***Bíblia, volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos***, o tradutor Frederico Lourenço faz esta curiosa observação:

[...] Seja qual for o motivo da falta de vinho, parece evidente que, na lógica narrativa de João, ele tem mesmo de faltar para que Jesus o providencie, superando assim as habilidades de Elias (1 Reis 17,1-6) e de Eliseu (2 Reis 4,1-7) na provisão de azeite e igualando o deus Dionísio na tragédia Bacantes de Eurípedes (vv. 704-7), que opera também o milagre da transformação de água em vinho. [...]. ⁽¹⁹⁴⁾

Se ocorreu de fato o milagre, é bem interessante essas informações de Lourenço. Porém, essa narrativa podem ter outra interpretação.

Em **A Gênese**, cap. XV – Milagres de Jesus, por exemplo, Allan Kardec explica a transformação da água em vinho da seguinte forma:

Se bem que o fato se possa explicar, até certo ponto, por uma ação fluídica que houvesse mudado as propriedades da água, dando-lhe o sabor de vinho, conforme atestam numerosos exemplos oferecidos pelo magnetismo, essa hipótese é pouco provável, considerando-se que, em tal caso, tendo do vinho unicamente o sabor, a água teria conservado a sua coloração, o que não deixaria de ser notado. É mais racional que se veja aí uma daquelas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como a do filho pródigo, a do festim das bodas, do mau rico, da figueira que secou, e tantas outras, que, todavia, se apresentam com caráter de fatos ocorridos. Provavelmente, durante as refeições, Ele terá aludido ao vinho e à água, tirando de ambos um ensinamento. O que justifica esta opinião são as palavras que o mordomo lhe dirige a respeito: “Toda gente serve em primeiro lugar o vinho bom e, depois que todos o têm bebido muito, serve o menos fino; tu, porém, reservaste

até agora o bom vinho.”

Entre duas hipóteses, deve-se preferir a mais racional; e **os espíritos não são tão crédulos a ponto de só verem manifestações por toda parte, nem tão absolutos em suas opiniões que pretendam explicar tudo por meio dos fluidos.** ⁽¹⁹⁵⁾

Esse relato bíblico, narrado no Evangelho Segundo João, não é um episódio fático, uma vez que se trata apenas de uma parábola, tomada pelos “Espíritos inspiradores” como uma realidade. Questionaram-no apenas quanto a não ser um fenômeno sobrenatural – um milagre –, mas uma ação magnética realizada por Jesus, portanto, como um efeito natural.

Aliás, se tivesse ocorrido tal como na narrativa, fatalmente seria divulgado entre a população, pois o veriam como um fenômeno extraordinário, entretanto, os autores dos Evangelhos sinóticos demonstraram desconhecê-lo, pois não o registraram.

No seguinte parágrafo, vejamos que argumento apresentamos em nosso texto **O Antigo**

Testamento foi Revogado por Jesus? ⁽¹⁹⁶⁾, ao analisar o versículo 10 dessa passagem bíblica:

Mas qual é o verdadeiro sentido dessa passagem? Nós o encontraremos naquilo que a pessoa encarregada da festa disse para o noivo: *“Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora”*. Considerando que, com esse primeiro ato público, Jesus inicia a sua missão, podemos dizer que o “vinho bom guardado até agora” são os ensinamentos de Jesus, superiores aos recebidos anteriormente, por meio de Moisés que seria simbolicamente o vinho de pior qualidade, até mesmo porque, e sem querer desmerecê-los, a humanidade daquela época não estava preparada para receber vinho (ensinamento) de melhor qualidade, se assim podemos nos expressar.

Para se explicar o versículo não podemos fugir da lógica, apresentando explicações dogmáticas,

que, na verdade, nada explicam.

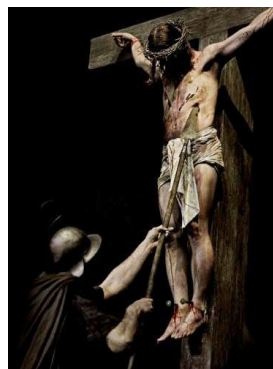
Em **Os Quatro Evangelhos - Vol. 3**, são elucidadas as passagens evangélicas que narram os acontecimentos ligados à flagelação, coroa de espinhos, Jesus carregando a cruz e a sua crucificação (¹⁹⁷), mas nada tocaram as respeito do seu corpo fluído, como se não tivessem argumentos para esclarecer tudo isso.

Um fato acontecido quando Jesus ainda estava pregado na cruz é relatado em **Os Quatro Evangelhos - Vol. 4**:

Um dos soldados, diz a narração evangélica, **varou o lado do corpo de Jesus com uma lança e logo dali saíram sangue e água**. Do ponto de vista em que vos mostramos Jesus, fazendo-vos a revelação, *em espírito e verdade*, da sua origem e da sua natureza extra-humana, da sua posição espírita com relação a Deus e ao planeta terreno, esse fato nada tem de espantoso. Jesus que, *no entender dos homens*, estava morto, **deixara na cruz o seu corpo fluídico em estado de tangibilidade** e com todas as aparências da morte humana, conservando reunidos, pela ação da sua potente vontade, os

elementos que o constituíam. Aquele sangue e aquela água que lhe saíram do lado, logo após o lançamento, foram um efeito fluídico, idêntico, na aparência, *para os olhares dos homens*, ao efeito material que o golpe produziria num corpo humano. ⁽¹⁹⁸⁾ (itálico do original)

Segundo o que entendemos e também vimos em Allan Kardec, um corpo fluídico não está sujeito a ser ferido por instrumento algum, assim a flagelação, ser pregado na cruz e a lança que lhe foi enfiada em um dos flancos ⁽¹⁹⁹⁾ são fatos inexplicáveis.



Porém, caso o corpo de Jesus tenha sido carnal, é nisso que acreditamos, tudo isso foi possível sem que houvesse alguma teatralização. Sobre a “revelação” dele ter deixado na cruz o seu corpo fluídico, comentaremos após a próxima transcrição.

Quanto à morte de Jesus, destacamos o seguinte trecho de **Os Quatro Evangelhos - Vol. 3:**

No Gólgota, ninguém lhe arrancou, ou tirou a vida. Ele *por si mesmo* a deixou, no momento em que **seu Espírito, retomando a sua inteira liberdade, abandonou na cruz o invólucro que revestira, de natureza perispirítica,** tangível com a aparência do corpo humano. E, “*de acordo com o mandamento que recebera de seu pai*”, ele a retomou para reaparecer, operando o que se chamou a sua “ressurreição”, e concluir a missão terrena que descera a desempenhar.

Deixou-a, *por si mesmo*, definitivamente, quando, terminada aquela missão, realizou o fenômeno conhecido pelo nome de *ascensão*, despindo-se em definitivo daquele invólucro, restituindo os elementos fluídicos que o compunham às regiões a que haviam sido tomados. Puro de toda falta, nenhuma expiação precisava sofrer, nada tinha que lamentar. Ele, o *justo*, voltava à pátria como juiz e não como acusado. ⁽²⁰⁰⁾ (itálico do original)

Ao comentarem sobre as palavras de Jesus antes de sua morte, os “Espíritos inspiradores” disseram que:

As *palavras* que o divino modelo pronunciou, no momento em que **deixando**

na cruz o invólucro perispírico tangível, que trazia a aparência do corpo humano, retomou a sua plena liberdade espiritual [...]. ⁽²⁰¹⁾ (itálico do original)

Nessa transcrição voltam a afirmar que o seu Espírito abandonou o perispírito, mas como? Se perispírito é parte integrante do Espírito, não há como abandoná-lo, se abandonou algo é sinal que foi corpo carnal, não resta dúvida alguma quanto a isso.

Para confirmar, trazemos de **O Livro dos Espíritos**, a seguinte questão:

186. *Haverá mundos em que **o Espírito**, deixando de revestir corpos materiais, **só tenha por envoltório o perispírito**?*

“Sim, e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse **o estado dos Espíritos puros**.” ⁽²⁰²⁾ (itálico do original)

Allan Kardec, em **O Livro dos Médiuns**, é bem taxativo ao dizer que:

[...] qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre

revestido de um envoltório, ou perispírito, [...] o perispírito faz parte integrante do Espírito, como o corpo o faz parte integrante do homem. [...]. ⁽²⁰³⁾

Do cap. I – Caráter da revelação espírita de **A Gênese**, destacamos o item 39:

O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do **perispírito**, suscitado desde a Antiguidade por Paulo sob o nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma, após a destruição do corpo tangível. **Sabe-se hoje que esse envoltório é inseparável da alma**, forma um dos elementos constitutivos do ser humano, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa porção de afecções que se ligam à Fisiologia, assim como à Psicologia. ⁽²⁰⁴⁾ (itálico do original)

Portanto, não resta dúvida de que o perispírito sendo parte integrante da alma, torne inseparável dela.

Em **Os Quatro Evangelhos - Vol. 3**, sobre a descida do corpo da cruz e sua colocação no sepulcro, narradas em Mateus 27,57-61; Marcos 15,42-47 e Lucas 23,50-56, dizem, apenas que “N. 305. *São fatos históricos que dispensam comentários. O corpo de Jesus é deposto no sepulcro e os acontecimentos vão continuar o seu curso.*” ⁽²⁰⁵⁾

Na sequência, tratam dos acontecimentos no domingo de manhã, quando mulheres visitam o túmulo.

MATEUS, Cap. XXVIII, vv. 1-15. – MARCOS, Cap. XVI, vv. 1-11. – LUCAS, Cap. XXIV, vv. 1-12

Visita de Maria Madalena e das outras mulheres ao sepulcro. – A pedra que lhe fechava a entrada é encontrada com os selos partidos e derribada. – Aparição dos anjos às mulheres. – Narrativa que os guardas fazem, do que se passara, aos príncipes dos sacerdotes. – Estes subornam os guardas. – Aparição de Jesus a Maria e às outras mulheres. – Narrativa que estas fazem aos discípulos. – Pedro e João, à vista do que elas contam, visitam o sepulcro.

(cita os trechos dos Evangelhos mencionados)

N. 307. **As narrativas de Mateus, Marcos e Lucas, confrontadas com a de João** (Cap. XX, vv. 1-18), da qual **não devem ser separadas, se completam reciprocamente**. Debaixo da influência espírita, cada evangelista conservava a independência da natureza que lhe era peculiar. Eis como se explica que, escrevendo eles de acordo com as versões correntes e por inspiração, **de um lado varie quanto à forma, embora permaneça o fundo sempre o mesmo, a narração de fatos que ocorreram sob suas vistas e, de outro lado, que o que haja de incompleto ou de omissos em a narração de um seja mencionado, sob a ação mediúnica, nas dos outros**. É *nesse sentido* que cada evangelista teve a sua parte na narrativa.

Daí resulta que, **coordenando e pondo em concordância as dos quatro, os fatos vêm a ficar estabelecidos de modo integral**, assim no conjunto, que nas minúcias.

Ao que todos então acreditavam, como cumpria que acontecesse (os motivos já os temos exposto), Jesus se achava revestido de um invólucro material humano, *tal qual os vossos*, de sorte que, *também na opinião de todos*, ele sofrera morte real, como *a sofreis*. ⁽²⁰⁶⁾ [continua] (itálico do original)

O teólogo São Jerônimo (c.347-420), considerado como Doutor da Igreja (Católica), teria dito: *“A verdade não pode existir em coisas que divergem.”*, cai muito bem para desmascarar o sofisma utilizado pelos “Espíritos inspiradores” para justificar as divergências entre as narrativas dos Evangelhos quanto aos fatos acontecidos no domingo de manhã. A seguir, nós as evidenciaremos.

307. [continuação]

A **presença das mulheres** no sepulcro era esperada e o embalsamamento do corpo, sobre o qual iam derramar perfumes, tinha que se efetuar logo que despontasse o sol do primeiro dia da semana por vir. (Marcos, XVI, v. 1; Lucas, XXIII, vv. 55-56).

Passado o dia de sábado, **Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de Salomé, Joana e as outras** que com elas andavam juntas partiram alta madrugada, quando o dia mal começava a alvorecer e chegaram ao sepulcro ao nascer do sol, levando os aromas que haviam comprado e preparado para o embalsamamento do corpo de Jesus. (Mateus, XXVIII, v. 1; Marcos, XVI, vv. 1.2; Lucas, XXIII, vv. 55-56 e XXIV, v. 1). ⁽²⁰⁷⁾ (continua)

Será necessário transcrevemos os trechos dos quatro Evangelhos, para evidenciar as divergências:

Mateus 28,1-3: *“Depois do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver a sepultura. De repente houve um grande tremor de terra: **o anjo do Senhor** desceu do céu e, aproximando-se, **retirou a pedra**, e sentou-se nela. Sua aparência era como a de um relâmpago, e **suas vestes eram brancas como a neve.**”*

Marcos 16,1-5: *“Quando o sábado passou, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram perfumes para ungir o corpo de Jesus. E bem cedo no primeiro dia da semana, ao nascer do sol, elas foram ao túmulo. E diziam entre si: 'Quem vai tirar para nós a pedra da entrada do túmulo?' Era uma pedra muito grande. Mas, quando olharam, viram que **a pedra já havia sido tirada**. Então entraram no túmulo e viram **um jovem**, sentado do lado direito, **vestido de branco**. E ficaram muito assustadas.”*

Lucas 24,1-4: *“No primeiro dia da semana, bem de madrugada, as mulheres foram ao túmulo de Jesus, levando os perfumes que haviam preparado. **Encontraram a pedra do túmulo removida**. Mas ao entrar, não*

*encontraram o corpo do Senhor Jesus, e ficaram sem saber o que estava acontecendo. Nisso, **dois homens, com roupas brilhantes**, pararam perto delas.”*

*João 20,1.11-12: “No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus bem de madrugada, quando ainda estava escuro. Ela viu que a **pedra tinha sido retirada do túmulo**. Maria tinha ficado fora, chorando junto ao túmulo. Enquanto ainda chorava, inclinou-se e olhou para dentro do túmulo. Viu **então dois anjos vestidos de branco**, sentados onde o corpo de Jesus tinha sido colocado, um na cabeceira e outro nos pés.”*

Temos estes três questionamentos a apresentar:

1º) Afinal, quais mulheres foram ao túmulo?

Mateus: Maria Madalena e outra Maria;

Marcos: Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé;

Lucas: mulheres sem especificar;

João: Maria Madalena.

2º) Afinal, quem retirou a pedra do sepulcro?

Mateus: o anjo retirou a pedra;

Marcos: a pedra já havia sido retirada, não diz por quem;

Lucas: encontraram a pedra removida, sem dizer quem a retirou;

João: a pedra havia sido retirada, ninguém foi apontado como responsável.

3º) Afinal, foram vistos um ou dois anjos, um ou dois homens?

Mateus: um anjo com vestes brancas como a neve;

Marcos: um jovem vestido de branco;

Lucas: dois homens com roupas brilhantes;

João: dois anjos vestidos de branco.

Concordância? De que concordância falam se há conflitos que põe por terra as hipóteses dos autores serem ou terem sido inspirados. Essa é a verdade que dói.

307. (continuação dez parágrafos à frente)

É o que refere Marcos, na sua narração incompleta pela omissão dos pormenores, nestes termos: “Jesus, que ressuscitara de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual expulsara sete demônios”. (Marcos, XVI, v. 8).

Tendo ido levar a notícia dessa aparição de Jesus aos que com ele haviam andado, então aflitos e chorosos (Marcos, XVI, v. 10), Maria Madalena, que se separara das outras mulheres para correr em busca de Pedro e de João, as encontrara de novo. E eis que Jesus lhes surgiu pela frente e disse: Salve! Elas se aproximaram dele, abraçaram-se lhe aos pés e o adoraram. ⁽²⁰⁸⁾

Essa referência a Marcos 16,10 é bem problemática, diante dessas informações que encontramos nas fontes:

1ª) ***Bíblia Sagrada - Edição Pastoral:***

Este trecho difere muito do livro até aqui; por isso **é considerado obra de outro autor**. Os cristãos da primeira geração provavelmente **quiseram completar o livro de Marcos com um resumo das aparições de Jesus e uma apresentação global da missão da Igreja**. Parece que se inspiraram no último

capítulo de Mateus (28,18-20), em Lucas (24,10-53), em João (20,11-23) e no início do livro Atos dos Apóstolos (1,4-14). ⁽²⁰⁹⁾

2ª) **Bíblia Shedd:**

Este trecho não consta em alguns dos melhores manuscritos da antiguidade. Há, também, indicações de que não foi escrito por Marcos. Se Marcos não foi o autor, não se sabe quem teria composto estes vv baseando-se em Mt 28.9-10; Jo 20.11-18; Lc 24.13-35; Mt 28.16-20; Lc 24.36-49; Jo 20.19-23; At 1.6-8. Apesar disso, porém, ainda não é decisiva a hipótese da não inspiração do trecho. O motivo, por outro lado, é claro: dar uma conclusão adequada ao evangelho que talvez tivesse sido mutilada e perdida, com o passar do tempo. ⁽²¹⁰⁾

3ª) **Bíblia de Jerusalém:**

O trecho final de Mc (vv. 9-20) faz parte das Escrituras inspiradas; é tido como canônico. **Isso não significa necessariamente que foi escrito por Mc.** De fato, **põe-se em dúvida que esse trecho pertença à redação do segundo evangelho.** As dificuldades começam na tradição manuscrita. **Muitos mss, entre**

eles o do Vat. e o Sin., omitem o final atual. Em lugar da conclusão comum, um ms tem um final mais breve, que dá continuidade ao v. 8: “Elas narraram brevemente aos companheiros de Pedro o que lhes tinha sido anunciado. Depois, o mesmo Jesus os encarregou de levar, do Oriente ao Ocidente, a sagrada e incorruptível mensagem da salvação eterna”. Quatro mss dão em seguida os dois finais, o breve e o longo. Por último, um dos mss que trazem o final longo intercala entre os vv. 14 e 15 o seguinte trecho: “E aqueles que alegaram em sua defesa: 'Este tempo de iniquidade e de incredulidade está sob o domínio de Satanás, que não permite que quem está debaixo do jugo dos espíritos imundos apreenda a verdade e o poder de Deus, revela, pois, desde agora, a tua justiça'. Foi o que disseram a Cristo, e ele lhes respondeu: 'O fim do tempo do poder de Satanás está no auge; e, entretanto, outros acontecimentos terríveis se aproximam. E eu fui entregue à morte por aqueles que pecaram, a fim de que se convertessem à verdade, e para que não pequem mais, a fim de que recebam a herança da glória de justiça espiritual e incorruptível que está no céu...” A tradição patrística dá também testemunho de certa hesitação. – Acrescentemos que, entre os vv. 8 e 9, existe, nessa narrativa, solução de continuidade. Além disso é difícil admitir que o segundo evangelho, na sua primeira

redação, terminasse bruscamente no v. 8. Donde a suposição de que o final primitivo desapareceu por alguma causa por nós desconhecida e de que o atual fecho foi escrito para preencher a lacuna. Apresenta-se como um breve resumo das aparições do Cristo ressuscita do, cuja redação é sensivelmente diversa da que Marcos habitualmente usa, concreta e pitoresca. Contudo, o final que hoje possuímos era conhecido, já no séc. II por Taciano e santo Ireneu, e teve guarida na imensa maioria dos mss gregos e outros. **Se não se pode provar ter sido Mc o seu autor**, permanece o fato de que ele constitui, nas palavras de Swete, “uma autêntica relíquia da primeira geração crista”. ⁽²¹¹⁾

4ª) ***Bíblia Sagrada - Ave-Maria:***

A passagem 9-20 **falta nos manuscritos mais antigos**. Não é provavelmente de Marcos. ⁽²¹²⁾

5ª) ***Bíblia do Peregrino:***

Outros membros da comunidade pensaram que ainda havia muito a dizer. Lançando mão de várias tradições, acrescentaram os vv. 9 a 20. ⁽²¹³⁾

6ª) ***Bíblia Sagrada - Santuário:***

Primitivamente o Evangelho de Mc terminava aqui [Marcos 16,8], deixando os leitores na expectativa da vinha do Senhor ressuscitado. **O que se segue é um resumo feito depois de terem sido escritos os outros Evangelhos.** Contudo tal resumo é inspirado como todo o outro texto. ⁽²¹⁴⁾

7ª) ***A Linhagem do Santo Graal: a Descendência Oculta de Jesus Revelada:***

[...] o Evangelho de Marcos original não incluía detalhes dos eventos da Ressurreição e sua sequência; terminava simplesmente com as mulheres fugindo do sepulcro vazio. **Os doze versículos finais da Marcos 16, como publicados hoje, foram deliberadamente acrescentados numa data posterior.** (114)

114. ***No século IV d.C., quando o Novo Testamento foi compilado pela primeira vez, os manuscritos do Evangelho de Marcos terminavam no que é hoje o Capítulo 16, versículo 8, antes da narrativa dos eventos da Ressurreição. Esses manuscritos mais curtos fazem parte do Codex Vaticanus e do Codex Sinaiticus. Ver Baigent,***

Leigh e Lincoln, The Holy Blood and the Holy Grail, cap. 12, p. 282-3; notas, p. 432. ⁽²¹⁵⁾
(itálico do original)

8ª) ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia foi Manipulada:***

A imensa importância histórica deste Evangelho [Marcos], o segundo cânone católico, reside no facto de ser, de entre os canónicos, o documento mais antigo sobre a vida e a obra de Jesus. Não podemos, no entanto, esquecer-nos de que o seu final foi cortado depois de Mc 16, 8, ignorando nós quanto texto falta e qual seria o seu conteúdo. O fragmento onde se relata a aparição de Jesus a Madalena e aos discípulos, **o chamado “fim do Evangelho” (Mc 16, 9-20), foi posteriormente acrescentado por um cronista que se teria baseado em dados que figuram em Mateus e nos Actos de Lucas.** ⁽²¹⁶⁾

9ª) ***Quem escreveu a Bíblia?: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são:***

O homem no túmulo instrui as mulheres a procurarem os discípulos e dizer a eles que

Jesus os seguirá à Galileia e que eles deverão encontrá-lo lá. Mas, em vez de transmitir aos discípulos a mensagem, “elas saíram do sepulcro e fugiram [...]. E a ninguém disseram coisa alguma por causa do medo...” **(16,8) E é onde o evangelho termina.** Definitivamente, há uma ressurreição de Jesus. Mas os discípulos nunca souberam disso, e não há um relato do encontro de Jesus com qualquer deles.

Esse fim é brilhante. Ele faz com que os leitores parem de repente e digam: “O quê? Como as mulheres puderam não contar a ninguém? Como pôde ninguém saber da ressurreição de Jesus? Como Jesus não apareceu a ninguém depois? É assim? Termina desse jeito? Como pode terminar assim?”

Os escribas acharam o mesmo. **E diferentes escribas acrescentaram diferentes finais ao evangelho.** O final que se tornou mais popular na Idade Média foi encontrado nos manuscritos usados pelos tradutores da versão do rei James de 1611, de modo que se tornou muito conhecido pelos leitores da Bíblia inglesa. **Em 12 versículos adicionais,** as mulheres (ou pelo menos Maria Madalena) vão contar aos discípulos, que então veem Jesus e se convencem de que ele foi elevado. **É nesses versículos que encontramos as famosas palavras de Jesus** de que aqueles que acreditam nele conseguirão

falar línguas estrangeiras, pegar em serpentes e beber veneno sem sofrer dano algum.

No entanto, **Jesus nunca disse essas palavras, e Marcos nunca alegou que ele dissera. Elas foram acrescentadas a Marcos por um escriba posterior e copiadas ao longo dos anos. É uma história inventada, que foi colocada na Bíblia por um copista que falsificou o texto.** ⁽²¹⁷⁾

10ª) **Ressurreição e O Autêntico Evangelho de Jesus:** ⁽²¹⁸⁾:

Os códices mais antigos do Evangelho de Marcos, o Sinaítico e o Vaticano (século IV d.C.), assim como a antiga tradução sinaítica siríaca (século IV/V d.C.), **terminam abruptamente no capítulo 16, versículo 8.** Este é o assim chamado final curto de Marcos. O final longo (Mc 16,9-19), [é] uma revisão posterior da narrativa, [...]. ⁽²¹⁹⁾

Como a conclusão mais longa de Marcos (Mc 16,9-20) não figura no Sinaíticus e no Vaticanus, isto é, nos manuscritos mais antigos e confiáveis do Novo Testamento, a sua autenticidade é geralmente rejeitada

pelos estudiosos. Os conteúdos desse trecho duplicam em grande medida os ditos atestados em outras partes dos Evangelhos genuínos. [...].” (220)

Analizando com maior atenção veremos que no trecho de Marcos 16,1-8, resumidamente temos: Maria Madalena e mais duas mulheres no domingo de manhã vão ao túmulo para embalsamar o corpo de Jesus. Chegando lá, encontram-no aberto, e um jovem vestido de branco, descrição provavelmente de um anjo, lhes diz que Jesus não estava aí, havia ressuscitado, que fossem dizer a seus discípulos e a Pedro que o veriam na Galileia. Elas, simplesmente fugiram e, por medo, não contaram nada a ninguém.

O trecho Marcos 16,2-20 inicia justamente dando conta de que, no domingo de manhã, Jesus havia aparecera a Maria Madalena, portanto, conflita com o que foi narrado no trecho anterior.

Eis a prova cabal de que os “Espíritos inspiradores”, de fato, não são os verdadeiros autores dos Evangelhos, pois caso fossem, não teriam sancionado Marcos 16,10 como constante do original, uma vez que foi acrescentado algum depois.

Pelas informações acima, certamente após o século IV d.C.

E, especificamente, quanto à ressurreição, vejamos, ainda nesse volume 3 de **Os Quatro Evangelhos**, estas considerações:

Qual foi a “ressurreição” de Jesus? Como se deu? De que modo se operaram, por meio e em consequência dessa “ressurreição”, as sucessivas aparições do Mestre às mulheres e aos discípulos?

A revelação nova, que vos trazemos, dá solução a esse problema, até hoje incompreensível e insolúvel para os homens. E, com essa solução, iluminadas *pelo espírito* as trevas *da letra*, ela apresenta, numa luminosa harmonia, todos os fatos evangélicos, desde o instante em que o anjo anunciou a Maria e a José o aparecimento de Jesus na Terra, até a época da sua chamada ascensão, época em que, terminada a sua missão terrena, ele desapareceu definitivamente das vistas humanas.

A presença de Jesus entre vós, durante todo aquele lapso de tempo, foi, com relação a vós outros, uma aparição espírita, visto que, pelas **suas condições fluídicas**, completamente fora dos moldes da vossa organização, **seu corpo era harmônico com a sua natureza**

espiritual, mas também relativamente harmônico com a vossa esfera, a fim de lhe ser possível manter-se longo tempo sobre a Terra no desempenho da missão com que a ela baixara.

O corpo, aparentemente humano, de natureza perispírica, mas tangível, que Jesus deixara na cruz e que José de Arimateia depositou no sepulcro, aí ficou até ao momento em que os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, na presença e com o auxílio dos soldados romanos que eles ali haviam posto como guardas, selaram a pedra que lhe fechava a entrada.

Selada a pedra, **Jesus, fazendo cessar a tangibilidade, chamou ao espaço aquele corpo aparente no estado fluídico e lhe conservou os princípios constitutivos prontos a se reunirem à sua vontade**, tal como se dera muitas vezes, conforme o temos explicado, sempre que o supunham no deserto, na solidão, no monte a orar, quando a realidade é que nessas ocasiões seu Espírito pairava por sobre o vosso universo, regulando, com sabedoria, todas as coisas e provendo à execução das ordens do Soberano Senhor.

Foi *assim* que **o corpo de Jesus, que não era um corpo humano material como os vossos, mas fluídico, de natureza perispírica**, desapareceu do sepulcro, estando chumbada a pedra que o

fechava, de modo que não *mais* se achava lá quando se deu a deslocação e o derribamento da pedra.

Para aparecer, sucessivamente, primeiro a Maria Madalena, *depois* a esta e às outras mulheres, em seguida aos dois discípulos que iam a caminho da aldeia de Emaús e ainda aos dez apóstolos, de uma feita, e, de outra, aos onze, **Jesus retomou aquele corpo de natureza perispirítica**, que, *para os homens*, constituía a sua vida, vida que ele podia deixar e retomar à *sua vontade*, atuando sobre os seus princípios constitutivos, aos quais aquela mesma vontade imprimia as aparências necessárias a servir ao presente e a *preparar* o futuro.

[...].

Em se atribuindo a Jesus um corpo terrestre, material, humano *como* os vossos e uma morte real, *como a sofreis*, nada, com efeito, pode ser e nada é admissível, *quer* se considere corporal a “ressurreição”, operando-se pela volta do Espírito a um cadáver humano, *quer* seja considerada uma simples aparição do Espírito que irrevogavelmente deixou, pela morte, o seu corpo terreno e perecível, *como são os vossos*. ⁽²²¹⁾ (itálico do original)

O que significa “*Jesus retomou aquele corpo de natureza perispirítica*”? Não é o perispírito parte

integrante do Espírito? Assim, não se tem como abandoná-lo para, posteriormente, o retomar.

Não há dúvida alguma, de que o corpo ressurreto é sim fluídico, porém, para os “Espíritos inspiradores” ele foi dessa forma todo o tempo de vida de Jesus.

E esta hipótese da parte dos Espíritos: – Se o corpo de Jesus tivesse sido um corpo terrestre – e se os anjos ou espíritos superiores tivessem podido torná-lo invisível, levá-lo e o tivessem levado – no momento mesmo em que a pedra foi erguida e derrubada, **seria a priori, inadmissível e falsa**; ela deve, com efeito, ser *afastada* como tal, – em presença da revelação feita pelo anjo a Maria, depois a José; revelação que então seria mentirosa, que não o pode ser, emanando de um enviado de Deus, e que deve ser interpretada, *explicada segundo o espírito que vivifica, em espírito e em verdade*, segundo o curso de leis da natureza e não rejeitada. (Ver *supra*, 3º Volume, Págs. 417-418; – 1º Volume, Págs. 153 a 168; 191 a 208; 242 a 248; 282 a 307; 338 a 374; – 4º Volume, Págs. 82 a 86; 104 a 107; 111 a 119) ⁽²²²⁾ (itálico do original)

Quanto à defesa de que o corpo de Jesus, quando vivo, foi, de fato, um “corpo terrestre” isso é algo que o Codificador deixa bem claro, partindo da lógica e do bom senso, sem o fanatismo piegas dos autores de *Os Quatro Evangelhos*.

E em relação ao desaparecimento do corpo Allan Kardec, em **A Gênese**, cap. XV, item 67, levantou a hipótese de que:

[...] sendo descartada a suposição de um rapto clandestino, poder-se-ia encontrar, por analogia, **uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno dos transportes e da invisibilidade** [...]. ⁽²²³⁾

Na opinião de J.-B. Roustaing isso é inadmissível e falso. Bem vemos que Allan Kardec se enganou ao dizer: “Vê-se que, embora iniciado recentemente, o Sr. J.-B. Roustaing **passou a mestre** em assunto de apreciação.” ⁽²²⁴⁾

Infelizmente, o nobre advogado julgou saber bem mais do que o responsável pela elaboração de toda a Codificação espírita, percebe-se que, como se diz popularmente, “*quis ser mais realista que o rei*”.

Em **Os Quatro Evangelhos - Vol. 4**, vamos encontrar a explicação sobre o desaparecimento do corpo de Jesus:

[...] Já vos mostramos, [...] que o corpo estava na gruta quando os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, com os soldados romanos destacados para montarem guarda ao sepulcro, foram selar, chumbando-a, a pedra que lhe fechava a entrada; — que **o desaparecimento do corpo**, por efeito de uma “ressurreição”, *em espírito e verdade e de acordo com as leis da natureza*, **não é possível nem explicável, senão conformemente à revelação que vos foi e é agora enviada por Deus** e que vos temos feito em nome e da parte do Mestre, sobre **a sua origem e a sua natureza estranhas à humanidade do vosso planeta**, sobre a *natureza* do corpo que ele tomou, sobre a constituição desse corpo e as condições em que se formou, a fim de ele aparecer na Terra e estar entre os homens, **corpo que, repetimo-lo mais uma vez, com a aparência de um corpo humano, era fluídico, de natureza perispirítica**, tornado tangível, para ser percebido pelos homens, de maneira tal que houvesse, da parte destes, ilusão completa, como devia acontecer, e sabeis já porquê e com que fim. Era um corpo compatível, harmônico *com a natureza espiritual* de Jesus, formado

segundo as leis que presidem à formação dos corpos nos mundos superiores, mas apropriadas essas leis ao *vosso planeta*, aos fluidos nele ambientes e que servem para a formação dos seres humanos. Era, pois, um corpo também relativamente de harmonia *com esse planeta*. ⁽²²⁵⁾ (itálico do original)

Como o desaparecimento do corpo de Jesus somente é explicável diante da “nova revelação”? Isso não seria presunção dos “Espíritos inspiradores”? Para tentar entender o que teria ocorrido, segundo suas explicações, é preciso que recorramos ao ***Os Quatro Evangelhos - Vol. 1***, no qual lemos:

[...] Pelo que respeita ao **corpo dos Espíritos superiores, a morte não passa de uma desagregação da matéria que envolve o Espírito**. Dizemos *matéria*, porque os fluidos que o perispírito assimilou a fim de operar a encarnação ou incorporação, de fato, para o Espírito, são *matéria*. *Considerada a sutileza dos sentidos de tais Espíritos, essa desagregação se aproxima muito da decomposição; para eles, as matérias que compõem o corpo, ainda que não mais sujeitas ao apodrecimento, se dissolvem*

visivelmente. Cada um dos princípios constitutivos do corpo fluídico se separa completamente e volta ao meio donde saíra e que de novo o atrai. ⁽²²⁶⁾
(itálico do original)

Se, como dito, a morte dos Espíritos superiores não passa de desagregação da matéria do perispírito, voltando os elementos, que a compõem, à sua origem, é por aí que deveríamos entender a causa do desaparecimento do corpo de Jesus, segundo o que revelaram os “Espíritos inspiradores”.

Encontramos algo importante na **Revista Espírita 1858**, mês de maio, no artigo “Teoria das manifestações físicas”:

Haveria, assim, em nós, **duas espécies de matéria: uma grosseira**, que constitui o envoltório exterior, **outra sutil e indestrutível**. *A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação da primeira*, da que a alma abandona; **a outra se libera e segue a alma que acha, desse modo, ter sempre um envoltório; é o que chamamos perispírito**. Essa matéria sutil, extraída, por assim dizer, de todas as partes do corpo ao qual estava ligada durante a vida, dele conserva a impressão; ora, eis por

que os Espíritos se veem e por que nos
aparecem tais quais eram quando vivos.
[...]. (²²⁷) (itálico do original)

Então, fica bem claro que a desagregação é em
relação à matéria do corpo físico, não do perispírito,
como afirmado pelos “Espíritos inspiradores”.

A superioridade da Natureza de Jesus

Nesse capítulo, veremos a posição final do Codificador a respeito da obra *Os Quatro Evangelhos*, que, conforme vimos, tinha por objetivo final desvendar a natureza de Jesus, uma vez que J.-B. Roustaing considerava que *“tudo permaneceu obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão, no tocante à revelação sobre a origem e a natureza espirituais de Jesus”* (228).

Mas, antes de adentrar no tema, traremos de **A Gênese**, cap. XIV – Os fluídos, tópico “Aparições. Transfigurações”, os itens 35 e 36, que muito nos ajudará no entendimento do seja um agênere:

35. No seu estado normal, o perispírito é invisível para nós; como, porém, é formado de matéria etérea, o **Espírito pode**, em certos casos, por ato da sua vontade, fazê-lo passar por uma modificação molecular que o **torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as aparições**, que não se dão, do mesmo modo que os

outros fenômenos, fora das leis da natureza. Nada tem esse de mais extraordinário do que o do vapor que, invisível quando muito rarefeito, se torna visível quando condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispirítico, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; de outras vezes, mais claramente definida; de outras, enfim, tem todas as aparências da matéria tangível. **Pode mesmo chegar até a tangibilidade real, a ponto de o observador se enganar sobre a natureza do ser que tem diante de si.**

As aparições vaporosas são frequentes, sendo a forma sob a qual se apresentam muitos indivíduos, depois de terem morrido, às pessoas que lhes são afeiçoadas. **As aparições tangíveis são mais raras**, se bem haja delas numerosos exemplos, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer dar-se a conhecer, imprimirá ao seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo. ⁽²²⁹⁾

36. É de notar-se que as aparições tangíveis só têm da matéria carnal as aparências, sem, contudo, terem as suas qualidades. Em virtude da natureza fluídica que as caracteriza, não podem ter a mesma coesão da matéria, porque, na realidade, elas não possuem carne. Formam-se instantaneamente e desaparecem do

mesmo modo ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. ⁽²³⁰⁾

Os seres que se apresentam nessas condições não nascem nem morrem como os outros homens. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba de onde vêm, como vieram, nem para onde vão. **Ninguém os poderia matar, nem prender, nem encarcerar, visto que não têm corpo carnal. Os golpes que porventura se lhes desferissem atingiriam somente o vácuo.**

Tal o caráter dos agêneres, ⁽²³¹⁾ com os quais se pode conversar e trocar ideias, sem suspeitar da sua natureza, mas que **não demoram longo tempo entre os homens e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.** ⁽²³²⁾

Além disso, **os agêneres denotam sempre, em suas atitudes, qualquer coisa de estranho** e de insólito que lembra ao mesmo tempo a materialidade e a espiritualidade: neles, o olhar é simultaneamente vaporoso e penetrante, não possuindo a nitidez do olhar através dos olhos de carne; a linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, nada tem do brilho e da volubilidade da linguagem humana; a aproximação deles causa uma sensação particular e indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de temor, e quem com eles se põe em contato, embora os tome por

indivíduos quais todos os outros, é levado a dizer involuntariamente: Ali está uma criatura singular. ⁽²³³⁾ ⁽²³⁴⁾ (itálico do original)

Nada aqui descrito sobre os agêneres se enquadra em Jesus, pior fica com relação ao “*não demoram muito tempo entre os homens*” e “*ninguém os poderia matar, nem prender, nem encarcerar*”.

O tradutor Evandro Noletto, cita o livro de Tobias como exemplo de agêneres. Como é um relato bíblico bem curioso, vejamo-lo:

Tobias 5,4-17: *“Tobias saiu para procurar um guia experiente que o acompanhasse até a Média. Quando saiu encontrou-se com o anjo Rafael, parado; mas não sabia que era um anjo de Deus. Perguntou-lhe: – De onde és, bom homem? Ele respondeu: – Sou um israelita, teu compatriota, e vim aqui à procura de trabalho. Tobias lhe perguntou: – Sabes por onde se vai à Média?” Rafael lhe disse; – ‘Sim. Estive lá muitas vezes e conheço muito bem todos os caminhos. Fui à Média com frequência, parando na casa de Gabael, o nosso compatriota, que vive em Rages, na Média. Rages fica a dois dias inteiros de viagem [...]*

Então, Tobias lhe disse: – Espere-me aqui, bom homem, enquanto vou dizê-lo a meu pai. [...] Tobias saiu para chamá-lo: – Bom homem, meu pai está te chamando. Quando entrou, Tobit se adiantou para saudá-lo. [...] lhe perguntou: – Amigo, de que família e de que tribo és? [...]. Rafael respondeu: 'Sou Azarias, filho do ilustre Ananias, teu compatriota. Então Tobit lhe disse: 'Seja bem-vindo, amigo! [...].” (235)

Antes de “desaparecer”, o anjo Rafael confessa a Tobias:

Tobias 12,15-21: “Eu sou Rafael, um dos sete anjos que estão a serviço de Deus e têm acesso junto ao Senhor da glória. Os dois homens se assustaram e, temerosos, caíram com o rosto por terra. Rafael lhes disse: – Não temais. Paz! [...] Minha presença entre vós não foi devida a mim, mas à vontade de Deus. [...] Embora me vísseis comer, eu não comia; era pura aparência. [...]. O anjo desapareceu. Quando se puseram de pé, não o viram mais.” (236)

Rafael apareceu com a aparência de homem adulto, e não foi anos a fio servindo a Tobias, desapareceu depois de um certo tempo, que não conseguimos precisar. Algo que ele fez é confessar que “fingia” comer.

A diferenciação do corpo de Jesus quando ele estava vivo e após sua morte é bem definida por Allan Kardec, conforme será visto.

Em **A Gênese**, no capítulo XV – Os milagres do Evangelho, encontramos, no item 2, o seguinte parágrafo, em que Allan Kardec fala de Jesus:

Sem nada prejudicar sobre a natureza de Cristo, cujo exame não está no objetivo dessa obra, e **considerando-o, por hipótese, apenas um Espírito superior, não se pode deixar de reconhecer nele um de ordem mais elevada**, e colocado, por suas virtudes, bem acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que tem produzido, sua encarnação neste mundo só poderia ser uma dessas missões que são confiadas aos mensageiros diretos da divindade, para cumprimento de seus desígnios. [...].

Como homem, tinha a organização dos seres carnis. Mas, como Espírito puro, destacado da matéria, devia viver a vida espiritual mais que a vida corporal, da qual não tinha absolutamente as fraquezas. Sua superioridade sobre os homens não resultava das qualidades particulares do seu corpo, mas de seu Espírito, que dominava a matéria de maneira absoluta, e de seu perispírito extraído da parte mais

quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, nº 9). Sua alma devia estar ligada ao corpo por laços estritamente indispensáveis; constantemente desembaraçado, deveria lhe dar dupla vista não apenas permanente mas de uma penetração excepcional e bem superior à que se vê entre os homens comuns. [...]. ⁽²³⁷⁾

Veja bem, caro leitor, que, já de início, o Mestre de Lyon evidencia que Jesus é um Espírito puro e além disso não usa de meias palavras para expor seu pensamento de que ele *“como homem, tinha a organização dos seres carnaís”*.

Ora, a tese defendida na obra de J.-B. Roustaing é a de que Jesus possuía, não um corpo carnal, mas somente um corpo fluídico, o que é, inevitavelmente, contrário àquilo que disse o Codificador do Espiritismo.

Nesse mesmo capítulo, no tópico “Transfiguração”, temos no 2º parágrafo do item 44:

De todas faculdades que se revelaram em Jesus, **não existe nenhuma que esteja em desacordo com as condições da humanidade e que não se não**

encontre entre o comum dos homens, porque elas são da natureza. Mas, pela **superioridade de sua essência moral** e de suas qualidades fluídicas, elas atingiam nele proporções acima do comum. Ele nos representava, a par de seu envoltório carnal, **o estado dos Espíritos puros.** ⁽²³⁸⁾

Portanto, nada em Jesus era fruto de algo sobrenatural, tudo nele se dava conforme as leis naturais que rege tudo e todos.

Um pouco mais à frente, ainda nesse mesmo capítulo, quando, especificamente, no tópico “Desaparecimento do corpo de Jesus” Allan Kardec tece explicações quanto a essa ocorrência, entendemos que, incontestavelmente, é uma clara e objetiva refutação ao que consta da obra de J.-B. Roustaing:

64. O desaparecimento do corpo de Jesus após a sua morte tem sido objeto de numerosos comentários. Ele é atestado pelos quatro evangelistas, segundo a narrativa das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia e não o encontraram lá. **Alguns viram nesse desaparecimento um fato miraculoso,** outros supuseram uma remoção

clandestina.

Conforme outra opinião, Jesus não teria se revestido de um corpo carnal, mas somente de um corpo fluídico. Ele não teria sido, durante toda a sua vida, mais que uma aparição tangível, em outra palavra, uma espécie de *agênere*. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais da sua vida teriam sido apenas uma aparência. É assim, dizem, que seu corpo, retornando a seu estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro, e é com esse mesmo corpo que ele teria se mostrado depois da sua morte.

Sem dúvida, tal fato não é radicalmente impossível de acordo com o que sabemos hoje sobre as propriedades dos fluidos. Porém, seria, ao menos, completamente excepcional e em oposição inequívoca com as características dos *agêneres* (cap. XIV, nº 36). A questão é então saber se uma tal hipótese é admissível, se ela é confirmada ou contestada pelos fatos.

65. A permanência de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. **No primeiro período, após o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa com sua mãe nas condições comuns da vida.** ⁽²³⁹⁾ Após o nascimento até a sua morte tudo, nos seus atos, em sua linguagem e **nas diversas circunstâncias da sua**

vida, apresenta as características inequívocas da corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica que se produziram nele são acidentais e nada anormais, já que se explicam pelas propriedades do perispírito, e se encontram em diferentes em outros indivíduos. **Após a sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico.** A diferença entre os dois estados é tal forma marcante que não é possível compará-los.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita e que diferem essencialmente das propriedades dos fluidos etéreos. A desorganização aí se opera pela ruptura da **coesão molecular.** Um instrumento cortante, penetrando no corpo material, divide os seus tecidos. Se os órgãos essenciais à vida forem atingidos, seu funcionamento cessa e a morte se segue, isto é, a morte do corpo. **Essa coesão, não existindo nos corpos fluídicos,** a vida não repousa no funcionamento de órgãos especiais, e nele não se produzem desordens análogas. Um instrumento cortante ou qualquer outro aí penetra como em um vapor, sem nele causar qualquer lesão. Eis por que **esse tipo de corpos não pode morrer e por que os seres fluídicos designados sob o nome de agêneres, não podem ser destruídos.**

Após o suplício de Jesus, seu corpo

ficou inerte e sem vida. Ele foi sepultado como os corpos comuns e cada um pôde vê-lo e tocá-lo. Após a ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morre outra vez; corpo se eleva, desvanece e desaparece sem deixar nenhum traço, **prova evidente de que esse corpo era de outra natureza, diferente daquele que permaneceu na cruz; de onde é preciso concluir que se Jesus pôde morrer é que tinha um corpo carnal.**

Por consequência de suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas que se repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Não é o corpo que sofre, é o Espírito que recebe a repercussão das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Em um corpo privado de Espírito, a sensação é absolutamente nula. Pela mesma razão, **o Espírito que não tenha corpo material não pode experimentar os sofrimentos que são o resultado da alteração da matéria; de onde é preciso igualmente concluir que, se Jesus sofreu materialmente, o que não se pode duvidar é que ele tinha um corpo material, de uma natureza semelhante à de todo mundo.** ⁽²⁴⁰⁾ (itálico do original)

Fica bem claro para Allan Kardec o fato de que Jesus, quando encarnado, possuía um corpo carnal e

não fluídico como, milhões de vezes, se defende na obra de J.-B. Roustaing.

Para o Codificador, Jesus manifestou-se sim num corpo fluídico, mas isso somente ocorreu após sua morte, quando o seu Espírito separando-se do corpo físico, estava envolto nele, ou seja, revestia-se do perispírito – corpo fluídico –, já que, como dito, é parte integrante do Espírito.

66. Aos fatos materiais vêm se ajuntar considerações morais todo-poderosas. **Se Jesus tivesse estado durante sua vida nas condições dos seres fluídicos, não teria experimentado nem a dor nem nenhuma necessidade do corpo.** Supor que ele fosse assim é tirar-lhe todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que ele escolheu, como exemplo de resignação. **Se tudo nele fosse apenas aparência, todos os atos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para afastar o cálice de seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo até seu último brado no momento de render o Espírito teria sido apenas um vão simulacro, para enganar quanto a sua natureza e fazer crer no sacrifício ilusório de sua vida, uma farsa indigna**

de um simples honesto homem, e com mais forte razão de um ser tão superior.

Ou seja, ele teria abusado da boa-fé de seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas desse sistema. Consequências que não inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de elevá-lo.

Jesus, pois, teve, como todo mundo, um corpo carnal e um corpo fluídico, demonstrados pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que marcaram sua vida. ⁽²⁴¹⁾

Allan Kardec evidencia as consequências morais que surgiriam caso o corpo de Jesus fosse fluídico: *“uma farsa indigna de um simples homem honesto, e com mais forte razão de um ser tão superior”*.

Portanto, conforme o nosso entendimento, não há como conciliar a obra *Os Quatro Evangelhos* de J.-B. Roustaing, com o que é desenvolvido na Codificação Espírita, especialmente no que diz respeito do corpo de Jesus.

O item 67, constante da 4ª edição francesa de *A Gênese* ⁽²⁴²⁾, será tratado no capítulo *“Cartas de*

Kardec” e “A Gênese – 5ª ed.”, por merecer considerações mais específicas.

E, finalmente, Allan Kardec apresenta a possível origem dessa ideia de corpo fluídico:

68. Essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No século 4, Apolinário de Laodiceia, chefe da seita dos **apolinaristas**, pretendia que Jesus nunca tinha tido um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível* que descera do céu no seio da Santa Virgem e não teria nascido dela; que, assim, Jesus não era nato, não tinha sofrido e não estava morto, senão em aparência. Os apolinaristas foram excomungados no Concílio de Alexandria em 360; no de Roma em 374, e no de Constantinopla, em 381. ⁽²⁴³⁾ (itálico do original)

E na obra **Catálogo Racional**, o Codificador completa a informação incluindo os docetistas:

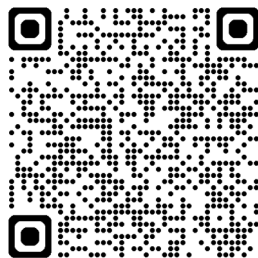
A teoria defendida nesta obra sobre a natureza fluídica do corpo de Jesus, que teria nascido e sofrido apenas aparentemente **é a mesma dos Docetistas () e dos Apolinaristas dos primeiros séculos da era cristã.** [...]. ⁽²⁴⁴⁾

(itálico do original)

Teriam os “Espíritos inspiradores” de J.-B. Rousstaing pertencido a uma dessas duas correntes dos primeiros séculos da Era Cristã?

Docetista é um adepto docetismo que, segundo o *Dicionário Priberam*, significa: “*Doutrina herética dos séculos II e III, que negava a existência do corpo de Jesus Cristo, admitindo apenas a existência do espírito.*” ⁽²⁴⁵⁾

Aos interessados nesse tema recomendamos o nosso ebook **O Desaparecimento do Corpo de Jesus do Sepulcro**, publicado em nosso site ⁽²⁴⁶⁾.



Como e por que ocorre a reencarnação

As explicações dos “Espíritos inspiradores” a respeito da reencarnação não ficam muito claras; sinceramente nós as achamos bem confusas. Faremos nossos comentários dentro daquilo que entendemos dos textos da obra de J.-B. Roustaing.

No Prefácio de ***Os Quatro Evangelhos - Vol. 1***, lemos:

[...] Mostra esse Criador Incrriado, Ser dos seres, determinando que, sob a direção e vigilância dos Espíritos prepostos e para o necessário desenvolvimento e progresso, **passem as essências espirituais pelos reinos: mineral, vegetal e animal, até aos limites do reino humano**, isto é, até ao período preparatório do estado de Espírito formado. Depois de ter este transposto esse período preparatório e, ainda, no estado de inocência, de simplicidade e de ignorância, o Criador o investe da consciência de suas faculdades e de seus atos, do tão precioso e perigoso dom do livre arbítrio, da razão, elevando-o,

assim, ao estado de *Espírito*, de ser pensante autônomo. [...]. ⁽²⁴⁷⁾ (itálico do original)

Não listaremos, mas, nesse volume, repetidas vezes os “Espíritos inspiradores” da obra reafirmam que o princípio inteligente teria também passado pelos reinos mineral, vegetal e animal. ⁽²⁴⁸⁾

Na Codificação, podemos perfeitamente certificar que o princípio inteligente passou pelo reino animal, mas em nenhum momento nela são citados o reino mineral ou o vegetal.

Em **A Gênese**, no Cap. XI – Gênese espiritual, no tópico “União do princípio espiritual e da matéria”, Allan Kardec explica:

Como a matéria tinha que ser o objeto da atividade do Espírito para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse agir, e é por isso que ele teve que habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Devendo ela ser, por sua vez, o motivo do trabalho, **Deus, em vez de uni-lo à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todos os impulsos**

da sua vontade e de se prestar a todos os seus movimentos. ⁽²⁴⁹⁾

Julgamos que, com isso que foi dito, não nos permitiria inferir que o princípio inteligente tenha estagiado no reino mineral.

Assim, na obra de J.-B. Roustaing, produzida somente pela médium Émilie Collignon (1820-1902) ⁽²⁵⁰⁾, se vai além do que os Espíritos superiores revelaram a Allan Kardec, inclusive contradizendo o que foi dito nessa transcrição.

Neste quadro fizemos o resumo da evolução do princípio inteligente, que bem reflete o *“tudo na natureza se encadeia”*:

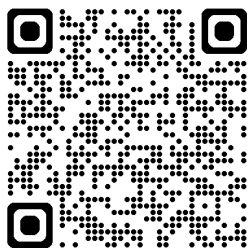
Questão 585, LE	Reinos			
Classes	Mineral	Vegetal	Animal	Hominal
Orgânico	–	–	–	I. E.
	–	–	I. I.	I. I.
	–	V.	V.	V.
Inorgânico	M. I.	M. I.	M. I.	M. I.
 M. I. = Matéria Inerte (força mecânica) V. = Vitalidade (vida orgânica) I. I. = Inteligência Instintiva I. E. = inteligência Especial				
KARDEC, A. <i>O Livro dos Espíritos</i> . FEB, 2013, p. 269.				

Esse tema, como todos sabemos, é muito polêmico no meio espírita, porém, desenvolvê-lo aqui não faz sentido.

Aos interessados no tema indicamos de nossa autoria: 1) o livro impresso:

Alma dos Animais:

Estágio Anterior da Alma



Humana? ⁽²⁵¹⁾; 2) o

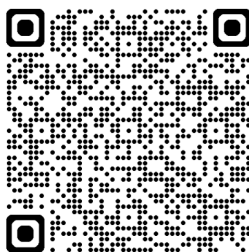
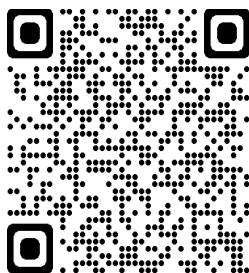
ebook: **A Alma Dorme no Mineral?**

⁽²⁵²⁾; e 3) o artigo:

“Do Átomo ao Arcanjo” Significa

Que o Princípio Inteligente

Estagiou no Reino Mineral? ⁽²⁵³⁾.



Na sequência da transcrição anterior, temos a seguinte fala:

[...] É, então, **o Espírito** uma criatura livre e responsável, chamada, na consciência, independência e liberdade de suas faculdades e de seus atos, a eleger seu caminho, sob a influência amiga dos conselhos e advertências de seus Guias. Do Espírito impenderá, ou falir e, por conseguinte, **ser humanizado, submeter-**

se, nas condições adequadas ao grau de culpabilidade e às necessidades de desenvolvimento e de progresso, **à encarnação humana**, seja nos planetas primitivos, seja em outros mundos; **ou seguir, simples e gradativamente, a via do progresso**, obediente sempre à voz e aos conselhos dos Guias, até atingir o ponto culminante da perfeição, quando **se tornará Espírito puro, Espírito não falido, de perfeita e imácula pureza**. Todos, porém – **quer Espíritos falidos e purificados pela reencarnação**, de início, expiatória, e depois, enfim, gloriosa, **quer Espíritos não falidos, que se hajam mantido puros** na via do progresso, de perfeita e imácula pureza –, **iguais na origem, partidos do mesmo ponto**, se reencontrarão no ápice da perfeição, porquanto a cada qual terá sido concedido conforme suas obras: por *nenhuma* de Suas criaturas tem Deus preferência, e *nenhuma* delas há que ser deserdada. ⁽²⁵⁴⁾ (itálico do original)

Que os Espíritos têm a mesma origem, é ponto pacífico, tanto quanto todos devem passar pela fieira das reencarnações para que possam evoluir e assim tornar-se um Espírito puro. Mas o que vem a ser “*Do Espírito impenderá, ou falir e, por conseguinte, ser*

humanizado”? Seria os Espíritos “falidos”, dos quais falam, que estarão sujeitos à reencarnação? É o que nos parece, pois é dito que *“Todos, porém – quer Espíritos falidos e purificados pela reencarnação”* sem aqui mencionar os *“não falidos”*. Com o *“quer Espíritos não falidos, que se hajam mantido puros”* tem-se a ideia de que seriam exatamente aqueles que *“seguiram em linha reta”*, rumo à perfeição, sem que tenham “caído” no ciclo de reencarnações.

Dentro dessa perspectiva será a reencarnação um castigo, porém, entendemos que sendo o erro parte do aprendizado, não faz sentido sermos castigados porque erramos. Podemos, por justiça, sermos punidos, se é que Deus pune alguém, quando aprendemos a fazer o certo e insistimos em continuar fazendo o errado.

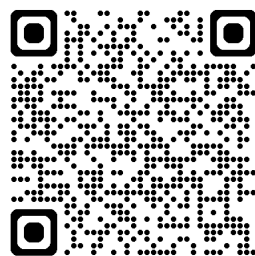
Sob a influência atrativa dos fluidos em geral, os do perispírito variam incessantemente, acompanhando a marcha progressiva do Espírito cujo envoltório formam, até que o mesmo Espírito tenha atingido a perfeição e **isso se dá quer se trate de um que permaneceu sempre puro, quer de um que haja falido**. De acordo com as suas tendências e com o

grau do seu progresso, o Espírito assimila constantemente os fluidos que mais em relação estejam com a sua inteligência e com as suas necessidades espirituais. ⁽²⁵⁵⁾

Pela ótica dos “Espíritos inspiradores” existem Espíritos que sempre permaneceram puros? Como assim? Foram criados puros? Mas não têm todos a mesma origem: simples e ignorantes?

Ora, não faz sentido o “*quer de um que haja falido*”, pois aí teríamos que admitir algo parecido com a “*queda dos anjos*”.

Se essa for a ideia está com cheiro de sacristia, pois os católicos defendem essa tese. O que não sabem é que ela não tem o menor sentido, pois as passagens que tomam como base para justificar a tal “queda dos anjos”, nada tem a ver com isso. Vejamos este trecho do nosso ebook **SEB - Anjos e Demônios** ⁽²⁵⁶⁾, da série Espiritismo na Bíblia:



Início da transcrição

Vamos analisar as duas passagens

mencionadas, que tratariam da queda dos anjos:

1ª) **Ezequiel 28,11-19**, que, na **Bíblia de Jerusalém**, recebe o título **“A queda do rei de Tiro”**:

*“A palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, **pronuncia um lamento contra o rei de Tiro** e dize: Assim diz o Senhor lahweh: **Tu eras um modelo de perfeição, cheio de sabedoria, de uma beleza perfeita.** Estavas no Éden, jardim de Deus. [...] Fiz de ti **o querubim protetor de asas abertas**; estavas no monte santo de Deus e movias-te por entre pedras de fogo. Desde o dia da tua criação foste íntegro em todos os teus caminhos até o dia em que se achou maldade em ti. **Em virtude do teu comércio intenso te encheste de violência e caíste em pecado.** Então **te lancei do monte de Deus como um profano e te exterminei, ó querubim protetor, dentre as pedras de fogo. O teu coração se exaltou com tua beleza.** Perverteste a tua sabedoria por causa do teu esplendor. **Assim te atirei por***

terra e fiz de ti um espetáculo à vista dos reis. [...] fiz sair fogo do meio de ti, um fogo que te devorasse. Reduzi-te a cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que te contemplavam. Todos os que te conhecem dentre os povos estão apavorados por causa de ti. Um motivo de espanto te tornaste e deixaste de existir para sempre.”

Quem é o personagem principal do relato? O rei de Tiro, é a resposta óbvia. É a ele que Deus recomenda ao profeta Ezequiel pronunciar um lamento, portanto, nada de anjo rebelde, como o fanatismo enxerga.

2ª) **Isaías 14,12-14**, na **Bíblia de Jerusalém**, onde esse trecho está inserido, tem o título de “A morte do rei da Babilônia”, em cujo início é determinado ao profeta Isaías fazer “esta sátira a respeito do rei da Babilônia”:

“Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de

Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.”

Não podemos tirar esse relato do seu contexto, pois só assim entenderemos de quem se está falando. Algo fora do contexto, serve a qualquer pretexto. Vejamos os versículos iniciais desse capítulo:

Isaías 14,3-4: *“No dia em que Deus vier a dar-te descanso do teu trabalho, das tuas angustias e da dura servidão com que te fizeram servir, então **proferirás este motejo contra o rei de Babilônia**, e dirás: Como cessou o opressor! Como acabou a tirania!”*

Na **Bíblia Shedd**, em nota, explicam-nos duas expressões de Isaías 14,12:

Caíste do céu. A referência imediata **se aplica ao império da Babilônia** rebaixado depois de se exaltar. Não se deixará de perceber aqui uma aplicação a Satanás que, ao se exaltar contra Deus, foi rebaixado até o inferno.

Estrela da manhã. Heb hêlél “glorioso”, “luzente”, que **alguns interpretam como nome próprio. “Lúcifer”**, o assim considerado nome original do diabo. ⁽²⁵⁷⁾

Nada, portanto, do que querem atribuir ao passo.

Fim da transcrição

Os “Espíritos inspiradores”, se não todas as vezes, quase sempre estão em apoio aos textos bíblicos, pelo motivo de não nos ter relevado a inconsistência ou impropriedade de muitos deles. Isso sim que seria uma verdadeira “*revelação da revelação*”.

Entre os que se transviam, Espíritos há que, no curso do seu desenvolvimento e por vezes mesmo ao ensaiarem os primeiros passos, teimam em fazer mau uso do livre arbítrio e **se tornam obstinadamente orgulhosos, presunçosos, invejosos, indóceis aos seus guias, contra os quais se revoltam.**

Esses Espíritos presunçosos e revoltados, **cujas queda** os leva às condições mais materiais da humanidade, **são então humanizados**, isto é, para

serem domados e progredirem sob a opressão da carne, **encarnam em mundos primitivos**, ainda virgens do aparecimento do homem, mas **preparados e prontos para essas encarnações. Encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de “corpos”**. Os elementos dessas substâncias se encontram esparsos na imensidade e, pela ação dos Espíritos prepostos a tal missão, se congregam no meio cósmico do planeta onde a encarnação se há de operar. São substâncias destinadas também a progredir, a desenvolver-se por meio da procriação, nas condições estabelecidas para a execução da lei natural e imutável de reprodução em *tal caso*. ⁽²⁵⁸⁾ (itálico do original)

Entre as causas que levaram os Espíritos a transviarem, que tem plena semelhança com a tradição relativa ao motivo de alguns anjos terem decaído, temos o fato de serem: orgulhosos, presunçosos e invejosos. Os Espíritos uma vez caídos, serão “*humanizados*” em mundos primitivos.

É difícil para nós, acreditar que eles “*Encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de ‘corpos’.*”, porquanto, seria

um acinte à bondade de Deus e um total desprezo ao corpo que Ele destinou para a primeira encarnação humana.

Vemos uma contradição nessa história, se como afirmam o Espírito passou pelo reino animal e o progresso é paulatino, então ele encarnará em um corpo bem semelhante a um usado nesse reino, porém, jamais como dito, ou seja, de serem substâncias humanas que não são corpos. Mais à frente explicam sobre isso, mas por acharmos mais apropriado o local, falaremos aqui:

[...] Quais as condições dessas substâncias humanas?

São corpos rudimentares. O homem aporta a essas terras no estado de esboço, como tudo que se forma nas terras primitivas. **O macho e a fêmea não são nem desenvolvidos, nem fortes, nem inteligentes.**

Mal se arrastando nos seus grosseiros invólucros, vivem, como os animais, do que encontram no solo e lhes convenha. As árvores e o terreno produzem abundantemente para a nutrição de cada espécie. Os animais carnívoros não os caçam. A providência do Senhor vela pela

conservação de todos. **Seus únicos instintos são os da alimentação e os da reprodução.** As gerações se sucedem desenvolvendo-se. As formas se vão alongando e tornando aptas a prover às necessidades que se multiplicam. Mas, não é nossa tarefa traçar aqui a história da Criação.

O Espírito vai habitar corpos formados de substâncias contidas nas matérias constitutivas do planeta. Esses corpos não são aparelhados como os vossos, porém os elementos que os compõem se acham dispostos por maneira que o Espírito os possa usar e aperfeiçoar.

Não poderíamos compará-los melhor do que a **criptógamos carnudos.** Podeis formar ideia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios. São massa, quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja, ou antes desliza, tendo os membros, por assim dizer, em estado latente.

Eis, oh! homem, a tua origem, o teu ponto de partida, quando o orgulho, a inveja, o ateísmo, surgindo mesmo no centro da luz, a indocilidade e a revolta te fizeram falir em condições que exigem a primitiva encarnação humana. Não desvies horrorizado o olhar, antes bendize do Senhor

que te permite elevar os olhos para ele e entrever a imagem da perfeição nos Espíritos radiosos que o cercam. ⁽²⁵⁹⁾

Vamos recorrer a Herculano Pires, para a explicação desta transcrição, que, em **O Verbo e a Carne**, diz:

Essa é a revelação da revelação. **Roustaing copia e desfigura Kardec** acrescentando aos seus ensinamentos os maiores absurdos. Note-se que **essas criaturas estranhas, em forma de larvas e lesmas**, são encarnações de espíritos humanos que haviam atingido alta evolução sem passar pela encarnação humana. Depois de desenvolverem a razão em alto grau e de haverem colaborado com Deus nos processos da Criação, chegando mesmo a orientar criaturas humanas, voltam à condição de **criptógamos carnudos**.

Mas por que falam os reveladores em substâncias humanas? Porque não simplificam as coisas dizendo simplesmente que **esses espíritos decaídos vão encarnar-se em lesmas**? Porque é preciso enganar os espíritistas que aceitam Kardec e sabem que **a evolução espiritual é irreversível, que o espírito humanizado não pode regredir ao plano animal**. É o

mesmo processo de sofisma, de tapeação, usado na questão do corpo aparente de Jesus, quando falam em **encarnação fluídica** para escaparem ao anátema de João contra os que dizem que o Cristo não veio em carne. **As substâncias humanas dos criptógamos carnudos são uma invenção absurda e tola.** E tanta gente a defender essas bobagens dentro do Espiritismo!

Mas o que são criptógamos carnudos? Por que esse nome estranho? Tudo tem a sua razão na máquina infernal do ilogismo roustanguista, embora seja sempre a anti-razão que entra em cena. Apreciemos o assunto à luz da razão para tentar esclarecê-lo.

A palavra criptógamos é empregada cientificamente para designar certas plantas cujos órgãos reprodutores não aparecem, são ocultos. A origem do termo é grega: **kryptos**, que quer dizer oculto, e **gamos**, que quer dizer casamento, união. Assim, criptógamo é um exemplar de espécie vegetal que tem os seus órgãos reprodutores escondidos. Os “reveladores” roustanguistas acrescentaram a palavra carnudo para adaptar a designação ao reino animal. Assim, **criptógamo carnudo** seria uma espécie de animal (mas não animal porque formado de substâncias humanas) **em que se encarnam espíritos humanos** que regrediram ao plano vegetal e animal.

Atenção para isto: quando dizemos que eles regrediram ao plano vegetal e animal não estamos forçando a interpretação. Cientificamente os animais semelhantes a plantas estão localizados na linha divisória dos reinos vegetal e animal, são desenvolvimento de plantas. Se existissem esses **criptógamos carnudos** a Ciência os catalogaria como formas de passagem dos criptógamos vegetais para o reino animal.

Temos assim a teoria da Metempsicose, tão seguramente refutada pela lógica de Kardec, devolvida ao meio espírita pelo ilogismo roustinguista. Bastaria esse triste episódio, colhido no caldeirão diabólico dos absurdos de “Os Quatro Evangelhos”, para nos provar, sem a menor sombra de dúvida, que essa obra é de autoria das trevas e que a sua finalidade é confundir os espiritistas pouco habituados a passar as coisas pelo crivo da razão. Mais do que isto, porém, o objetivo evidente é o de ridicularizar o Espiritismo para dele afastar as pessoas de bom senso. ⁽²⁶⁰⁾ (sublinhado identifica grifo do original)

Se considerarmos que *“criptógamo carnudo seria uma espécie de animal”*, como disse Herculano Pires, estaremos diante de um flagrante conflito com o Codificador, uma vez que ele deixou bem claro que

“[...] o Espiritismo jamais admitiu a ideia da alma humana retrogradando na animalidade [...]” ⁽²⁶¹⁾

Aproveitamos para recomendar essa obra de Júlio Abreu Filho (1893-1971) e José Herculano Pires, em que analisam a obra de J.-B. Roustaing.

Após a queda e antes de encarnar, o Espírito, pelas suas tendências naturais, tem composto o seu perispírito, conservando os fluidos, que ele para tal fim assimilou, a influência que lhes é própria. No curso da encarnação, esses fluidos mudam de natureza, de acordo sempre com os progressos ou as faltas do Espírito. **Se a encarnação produz uma melhoria no estado moral**, os fluidos que constituem o perispírito experimentam uma correspondente melhora. E, para nos servirmos de uma comparação humana, a rapariga do povo despindo suas roupas grosseiras para vestir os trajes de noiva. ⁽²⁶²⁾

Da afirmação *“após a queda e antes de encarnar”*, facilmente se conclui que haveria uma possibilidade de progresso somente na condição de Espírito. O objetivo da reencarnação é o *“melhoramento progressivo da Humanidade”* ⁽²⁶³⁾.

Para atingirem essa perfeição, aos **Espíritos que se mantiveram puros na infância**, na fase de instrução e ao longo da senda do progresso, **cumpre** também que, dirigidos pelos seus guias, **percorram**, na medida e na conformidade da elevação alcançada, todas as esferas, as terras primitivas, os mundos inferiores e superiores de todos os graus, **as inúmeras moradas dos que, por terem falido, sofrem as encarnações e reencarnações sucessivas, tanto materiais como fluídicas em suas diversas gradações**, até que, tornada nula sobre eles a influência da matéria, tenham entrada na categoria dos Espíritos puros. Esse percurso, porém, aqueles Espíritos o executam sempre na qualidade de Espíritos, porquanto, seus estudos se fazem no espaço, no grande livro do universo.

Os que faliram, para chegarem à perfeição, também são obrigados a percorrer, na medida e na conformidade da elevação de cada um, todos os mundos que os Espíritos puros habitam, assim como os que servem de habitação aos encarnados, em todos os graus da escala espírita.

Com relação aos mundos que os encarnados habitam, bastam àqueles Espíritos os estudos humanos; o dos outros mundos eles o fazem no estado de erraticidade que se segue a cada encarnação. Cumpre-lhes nesse estado

percorrer todas as camadas de ar e de globos que flutuam no espaço, aprendendo aqui, ali ensinando, elevando-se sempre às regiões superiores. ⁽²⁶⁴⁾

Não faz o menor sentido que *“os Espíritos que se mantiveram puros na infância”*, supondo-os existirem é claro, também tenham que percorrer todas as esferas, as terras primitivas, os mundos inferiores e superiores de todos os graus, como devem fazer os Espíritos falidos. Percorre os Espíritos puros como encarnados ou na condição de Espíritos? Pelo que acreditam, como Espíritos, mas qual será o objetivo disso?

Outros, por nem sempre compreenderem a ação poderosa de Deus, não admitem que haja uma hierarquia espiritual e acusam de injustiça aquele que os criou, porquanto é Deus quem cria, não o esqueçais. Esses **os que caem pela inveja.**

Até o ateísmo – por mais impossível que pareça – até o ateísmo não raro se manifesta naqueles pobres cegos colocados no centro mesmo da luz. E nunca, como aí, o ateísmo nasce tão diretamente do orgulho. Não vendo aquele de quem tudo emana, negam-lhe a existência e se consideram a

base e a cúpula do edifício. **Nesse caso, sobretudo nesse caso, mais severo é o castigo.** É um dos casos de primitiva encarnação humana. Preciso se torna que os culpados sintam, no seu interesse, o peso da mão cuja existência não quiseram reconhecer.

Qualquer que seja a causa da queda, orgulho, inveja ou ateísmo, os que caem, tornando-se por isso Espíritos de trevas, **são precipitados nos tenebrosos lugares da encarnação humana,** conforme ao grau de culpabilidade, nas condições impostas pela necessidade de expiar e progredir. ⁽²⁶⁵⁾ (itálico do original)

Novamente, temos a ideia de queda, à semelhança da crença em anjos decaídos, sobre a qual já falamos. E também se percebe a reencarnação como castigo.

N. 59. Que é o que devemos pensar da opinião que se formula assim: “Do mesmo modo que, para o Espírito em estado de formação, a materialização nos reinos mineral e vegetal e nas espécies intermediárias e igualmente a encarnação no reino animal e nas espécies intermediárias é uma necessidade e não um castigo resultante de falta cometida, [...] a

encarnação, primeiro, em terras primitivas, depois, nos mundos inferiores e superiores, até que haja atingido a perfeição, **é uma necessidade e não um castigo?**"

Não; **a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo**, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa.

O Espírito não é humanizado, também já o explicamos, antes que a primeira falta o tenha sujeitado à encarnação humana. Só então ele é preparado, como igualmente já o mostramos, para lhe sofrer as consequências. ⁽²⁶⁶⁾

Não arredam o pé da ideia de que a reencarnação é um castigo, quando em **O Céu e o Inferno**, Allan Kardec deixou bem claro que:

8. A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade recíproca dos homens entre si. *A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades.* [...].

9. Uma só existência corpórea é claramente insuficiente para que o Espírito possa adquirir todo o bem que lhe falta e de se desfazer de todo o mal

que traz em si. Como poderia o selvagem, por exemplo, numa única encarnação, alcançar o nível moral e intelectual do mais adiantado europeu? [...]. ⁽²⁶⁷⁾ (itálico do original)

Os “Espíritos inspiradores” apesar de afirmarem não ser a reencarnação uma necessidade, parecem abrir exceções. Ao explicarem quando a encarnação é uma necessidade, dizem:

A encarnação é *uma necessidade* para o Espírito no estado de formação, é indispensável ao seu progresso, ao seu desenvolvimento, como meio de lhe proporcionar e ampliar progressivamente a consciência de ser, o que ele não logrará senão pelo contato com a matéria. É a união desses dois princípios que dá lugar ao desenvolvimento intelectual.

A encarnação é *uma necessidade* até ao momento em que; alcançando um certo ponto de desenvolvimento intelectual, o Espírito está apto a receber o precioso dom, mas tão perigoso, do livre arbítrio.

Já o explicamos (N. 56) e repetimos:

Um único é, originariamente, o ponto de partida para todos os Espíritos: – formação primitiva e rudimentar pela

quinta-essência dos fluidos, substância tão sutil que dela, por nenhuma expressão, podem as vossas inteligências limitadas fazer ideia, quinta-essência que a vontade de Deus anima para lhe dar *o ser* e que **constitui a essência espiritual (princípio de inteligência)** destinada a tornar-se, por uma progressão contínua, Espírito, Espírito formado, isto é, inteligência independente, dotada de livre arbítrio, consciente de sua vontade, de suas faculdades e de seus atos.

Segue-se a encarnação, ou melhor, a co-materialização dessa essência espiritual mediante a sua união íntima com a matéria inerte, ***primeiramente no reino mineral*** e nas espécies intermediárias que participam do mineral e do vegetal, **depois no reino vegetal** e nas espécies intermediárias que participam do vegetal e do animal. *Desse modo*, numa contínua marcha progressiva, se opera o seu desenvolvimento, que a prepara e conduz às raias da consciência da vida.

Em seguida vem a encarnação no reino animal, *depois* nas espécies intermediárias que, do ponto de vista do invólucro material, participam do animal e do homem, adquirindo assim aquela essência (Espírito em estado de formação), sempre em progressão contínua, a consciência da vida ativa exterior, da vida de relação. o desenvolvimento intelectual

que a levará aos limites do período preparatório que precede o recebimento do livre arbítrio, da vida moral, independente e responsável, característica do livre pensador. ⁽²⁶⁸⁾ (itálico do original)

Ao que tudo indica a encarnação é uma necessidade para todos os Espíritos que têm a mesma origem, até chegarem ao estágio da encarnação no reino mineral. Então, na verdade, não seria Espírito, mas o princípio inteligente, que criado evolui até o reino animal. Ao passar para a fase seguinte, “vive” na condição de Espírito que somente se encarna por castigo. Isso se conseguimos captar o “pensamento” confuso deles.

A muitos **Espíritos acontece falir** (já o dissemos). Porque quase todos fazem mau uso do livre arbítrio. Alguns, porém, dóceis aos incumbidos de os guiar e desenvolver, seguem simples e gradualmente pelo caminho que lhes é indicado para progredirem.

Os primeiros **sofrem uma punição, um castigo** que teriam podido evitar. É para experimentarem as consequências da falta cometida, que, como já explicamos, **uma vez preparados a ser humanizados,**

eles caem na encarnação humana, conforme ao grau de culpabilidade e nas condições apropriadas às exigências da expiação e do progresso, *ou* em terras primitivas, *ou* em mundos já habitados por Espíritos que faliram anteriormente.

A encarnação humana, em princípio, é apenas consequente à primeira falta, àquela que deu causa à queda. A reencarnação é a pena da reincidência, da recaída, pois que todas as vossas existências são solidárias entre si. O Espírito reencarnado traz consigo a pena secreta em que incorreu na sua encarnação precedente.

Os Espíritos que, dóceis a seus guias, não se transviam, continuam a progredir no estado fluídico.

Os que faliram e os que se mantiveram puros trabalham, uns e outros, com a sua atividade e com a sua inteligência, pelo seu próprio adiantamento, desempenhando missão providencial na grande unidade da criação, onde, para todos os Espíritos, tudo é reciprocidade e solidariedade, tendo por fim a elevação de todos a Deus, segundo as leis gerais do progresso e mediante a sabedoria, a ciência e o amor. ⁽²⁶⁹⁾ (itálico do original)

Os Espíritos que faliram “*sofrem uma punição, um castigo*” e “*uma vez preparados a ser*

humanizados, eles caem na encarnação humana.” E explicitando mais um pouco, afirmam que “a encarnação humana é consequente da primeira falta, àquela que deu causa à queda”. Aqui temos a encarnação como castigo e uma referência à queda.

Mas, não percais de vista que **todos os Espíritos, tanto os que faliram como os que não faliram**, isto é, como os que, dóceis a seus guias, **atingem a perfeição**; que todos, **iguais na origem, no ponto de partida, iguais vêm a ser no ponto de chegada**, por isso que igual é em todos a pureza, desde que se tornaram Espíritos puros, seguindo embora caminhos diversos, diversidade essa de caminhos proveniente da circunstância de ter sido dado a cada um segundo as suas obras. ⁽²⁷⁰⁾ (itálico do original)

Somente nesses dois pontos mencionados – ponto de partida e de chegada –, é que se alinham ao que temos na Codificação Espírita, através de Allan Kardec.

Por outro lado, o princípio da não retrogradação do Espírito é ponto pacífico. Em *O Livro dos Espíritos*, por exemplo, ele é mencionado

nas questões 118, 178-a e 612 (²⁷¹). Assim, quem advoga o contrário, como é o caso dos “Espíritos inspiradores”, está, flagrantemente, pregando tese antidoutrinária.

Na *Revista Espírita* encontramos alguns trechos que também falam da não retrogradação do Espírito:

1) ***Revista Espírita 1860***, mês de fevereiro:

Allan Kardec comentando uma comunicação enviada de Lyon, diz:

Uma longa e profunda discussão se inicia a este respeito. Ela se resume assim: O Espírito pode decair como posição, mas não sob o aspecto das aptidões adquiridas. O **princípio da não retrogradação** deve-se entender do progresso intelectual e moral; quer dizer, que o Espírito não pode perder o que adquiriu em inteligência e moralidade, e não retorna mais ao estado de infância do Espírito; em outros termos, que ele não se torna nem mais ignorante nem pior do que era; o que não impede de estar reencarnado numa posição inferior mais penosa, e entre outros Espíritos mais ignorantes que ele, se desmereceu. Um Espírito muito atrasado que se encarnasse entre um povo civilizado

aí estaria deslocado e não poderia sustentar sua classe; retornando entre os selvagens, numa nova existência, não fará, portanto, senão retomar o lugar que deixara muito cedo; mas as ideias que houvera adquirido, durante sua estada entre os homens mais esclarecidos, não estarão perdidas para ele. Deve ocorrer o mesmo com os homens que irão concorrer para a formação de um mundo novo. Encontrando-se deslocados na Terra melhorada, irão para um mundo em relação com o seu estado moral. ⁽²⁷²⁾

2) **Revista Espírita 1862**, mês de janeiro:

Trecho do artigo “Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos”:

[...] A palavra *anjo* está no mesmo caso; é empregada indiferentemente no bom ou mau costume, uma vez que se costuma dizer: os bons e os maus anjos, o anjo das luzes e o anjo das trevas; de onde se segue que, em sua acepção geral, significa simplesmente Espírito. Evidentemente, é neste último sentido que é preciso entendê-lo falando dos *anjos decaídos* e dos *anjos rebeldes*. Segundo a Doutrina Espírita, de acordo nisto com vários teólogos, os anjos não são seres privilegiados de criação, isentos, por um favor especial, do trabalho

imposto aos outros, mas Espíritos chegados à perfeição por seus esforços e seus méritos. **Se os anjos fossem seres criados perfeitos, a rebelião contra Deus sendo um sinal de inferioridade, os que se revoltaram não podiam ser anjos.** A Doutrina nos diz também que os Espíritos progridem, mas **que não retrogradam nunca**, porque não podem jamais perder as qualidades que adquiriram; ora, a rebelião, da parte de seres perfeitos, seria uma retrogradação, ao passo que ela se concebe da parte de seres ainda atrasados. ⁽²⁷³⁾ (itálico do original)

3) **Revista Espírita 1863**, mês de junho:

Transcrevemos do artigo “Princípio da Não-Retrogradação dos Espíritos” ⁽²⁷⁴⁾:

Tendo sido levantadas, várias vezes, questões sobre o princípio da não-retrogradação dos Espíritos, princípio diversamente interpretado, iremos tentar resolvê-las. O Espiritismo quer ser claro para todo o mundo, e não deixar aos seus futuros filhos nenhum assunto de querelas de palavras, por isso todos os pontos suscetíveis de interpretação serão sucessivamente elucidados.

Os Espíritos não retrogradam, nesse

sentido de que não perdem nada do progresso realizado; podem ficar momentaneamente estacionados; mas **de bons, não podem se tornar maus, nem de sábios, ignorantes.** Tal é o princípio geral, que não se aplica senão ao estado moral, e não à situação material, que de boa pode se tornar má, se o Espírito a mereceu.

Citemos uma comparação. Suponhamos um homem do mundo, instruído, mas culpado de um crime que o conduziu às galés; certamente, há para ele uma grande queda como posição social e como bem-estar material; à estima e à consideração sucederam o desprezo e a abjeção; e, no entanto, nada perdeu quanto ao desenvolvimento da inteligência; levará à prisão suas faculdades, seus talentos, seus conhecimentos; é um homem caído, e **é assim que é preciso entender os Espíritos decaídos.** Deus pode, pois, ao cabo de um certo tempo de prova, retirar, de um mundo onde não terão progredido moralmente, aqueles que o terão *desconhecido*, que terão sido rebeldes às suas leis, para enviá-los para expiar seus erros e seu endurecimento num mundo inferior, entre os seres ainda menos avançados; lá serão o que eram antes, moral e intelectualmente, mas numa condição tornada infinitamente mais penosa, pela própria natureza do globo, e sobretudo pelo meio no qual se encontrarão;

estarão, em uma palavra, na posição de um homem civilizado forçado a viver entre os selvagens, ou de um homem bem-educado condenado à sociedade dos forçados. Perderam sua posição, suas vantagens, mas não retrogradaram ao seu estado primitivo; de homens adultos não se tornaram crianças; **eis o que é preciso entender pela não-retrogradação.** Não tendo aproveitado o tempo, é para eles um trabalho a recomençar; Deus, em sua bondade, não quer deixá-los mais por muito tempo entre os bons, dos quais perturbariam a paz; por isso envia-os entre os homens que terão por missão fazer avançar, comunicando-lhes o que sabem; por esse trabalho eles mesmos poderão avançar e resgatar tudo, expiando suas faltas passadas, como o escravo que amontoa, pouco a pouco, o que comprar com a sua liberdade; mas, como o escravo, muitos não amontoam senão o dinheiro em lugar de amontoar as virtudes, as únicas que podem pagar seu resgate.

Tal é até este dia a situação de nossa Terra, mundo de expiação e de prova, onde a raça adâmica, raça inteligente, foi exilada entre as raças primitivas inferiores, que a habitavam antes dela. Tal é razão pela qual há tanta amargura neste mundo, amarguras que estão longe de sentirem no mesmo grau dos povos selvagens. **Há certamente retrogradação do Espírito nesse**

sentido que recua seu adiantamento, mas não do ponto de vista de suas aquisições, em razão das quais e do desenvolvimento de sua inteligência, sua decaída social lhe é mais penosa; é assim que o homem do mundo sofre mais num meio abjeto do que aquele que sempre viveu na lama.

Segundo um sistema, que tem alguma coisa de especial à primeira vista, **os Espíritos não teriam sido criados para serem encarnados, e a encarnação não seria senão o resultado de suas faltas**. Esse sistema cai por esta consideração de que, **se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens sobre a Terra nem sobre os outros mundos**; ora, como a presença do homem é necessária para a melhoria material dos mundos; que ele concorre pela sua inteligência e sua atividade à obra geral, é um dos órgãos essenciais da criação. **Deus não podia subordinar o cumprimento dessa parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas**, a menos que não contasse para isso sobre um número sempre suficiente de culpados para alimentar de obreiros os mundos criados e a criar. O bom senso repele tal pensamento.

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que, para cumprir sua missão providencial, **trabalha em seu próprio adiantamento pela**

atividade e a inteligência que lhe é preciso empregar para prover à sua vida e ao seu bem-estar; mas a encarnação se torna uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que deve, é constrangido a recomençar sua tarefa e multiplica suas existências corpóreas penosas pela sua própria falta. Um escolar não chega a colar seus graus senão depois de ter passado pela fieira de todas as classes; são essas classes uma punição? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu adiantamento; mas se, por sua preguiça, é obrigado a repeti-las, aí está a punição; poder passar algumas delas é um mérito. Portanto, o que é verdade é que a encarnação sobre a Terra é uma punição para muitos daqueles que a habitam, porque teriam podido evitá-la, ao passo que, talvez, a dobraram, triplicaram, centuplicaram por sua falta, retardando assim sua entrada nos mundos melhores. **O que é falso é admitir em princípio a encarnação como um castigo.** ⁽²⁷⁵⁾ (itálico do original)

A impressão que se tem é que algumas ideias constantes da obra de J.-B. Roustaing já circulavam entre os espíritas, uma vez que Allan Kardec as citam. Até parece que ao dizer “*os Espíritos não teriam sido criados para serem encarnados, e a*

encarnação não seria senão o resultado de suas faltas” estava se dirigindo ao nobre advogado de Bordeaux.

Para finalizar, destacamos estes dois trechos de falas do Codificador: “[...] *[os Espíritos] não são seres degredados, mas crianças em crescimento*” ⁽²⁷⁶⁾ e “*A encarnação não é, em absoluto, normalmente uma punição para o Espírito, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de ele progredir.*” ⁽²⁷⁷⁾ Nada a acrescentar.

Mme. Collignon em “Cartas de Kardec” e “A Gênese - 5ª edição”

O site *Autores Espíritos Clássicos*, disponibilizou parte do acervo que a FEAL (Fundação Espírita André Luiz) recebeu de familiares de Canuto de Abreu (1892-1980) contendo documentos relativos à Codificação, que guardara por muito tempo. Atualmente, eles estão sendo digitalizados e disponibilizados ao público pelo site da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJR), através do *Projeto Allan Kardec (Coleções de Manuscritos Allan Kardec)* ⁽²⁷⁸⁾.

Assim, estamos tendo a possibilidade de ver inúmeras cartas de Allan Kardec escritas de próprio punho. Do site ***Autores Espíritos Clássicos***, destacaremos a que foi enviada a Mme. Collignon, na data de **31 de dezembro de 1863**, da qual transcrevemos o seguinte trecho:

Quanto à Morte de Jesus, a Senhora teve

perfeitamente razão de não crer autêntica essa história. Há entretanto mais verdade nessa maneira de encarar a questão do que na **teoria de que é evidentemente falsa**. Não me seria possível entrar, neste momento e por meio de correspondência, numa **explicação completa dessa questão, que será ulteriormente tratada**, quando vier o seu tempo, com todos os desenvolvimentos que ela comporta. Eu a induzo a ter paciência, virtude que lhe deve ser fácil. Para este momento há coisas mais essenciais que devem preocupar os verdadeiros Espíritos, é fazer compreender a parte moral do Espiritismo, pois não é a revelação de tal ou qual fato que tornará melhores os homens. **Certas revelações prematuras teriam mesmo inconvenientes**; é por isso que os Espíritos aguardam o momento oportuno antes de fazê-las. Fique segura duma coisa: quando eles não estão de acordo sobre certos pontos é que o momento de esclarecê-los ainda não veio; veja, ao contrário, que há concordância para todas as verdades fundamentais cujo conhecimento é essencial. A questão que a preocupa não é desse número; como outras, ela virá a seu tempo. ⁽²⁷⁹⁾ (sublinhado é de Allan Kardec)

J.-B. Roustaing informa que, em dezembro de

1861 em seu contato com a médium, recebeu dos “Espíritos inspiradores” a “missão” de trazer “a revelação da revelação” ⁽²⁸⁰⁾ e que “em maio de 1865 todo os materiais estavam preparados, tanto a respeito dos Evangelhos, como dos Mandamentos” ⁽²⁸¹⁾, sem, entretanto, precisar em que data o trabalho foi iniciado, suspeitamos que tenha começado no início de 1862.

Então, temos que a carta de Allan Kardec à Mme. Collignon, ocorreu exatamente no período em que a médium estava psicografando o texto da obra *Os Quatro Evangelhos*, fato que é para nós um ponto importantíssimo.

Ora, nessa missiva, “o chefe do Espiritismo”, expressão utilizada por J.-B. Roustaing ⁽²⁸²⁾, foi incisivo em dizer que a médium tinha razão em não crer autêntica a história quanto à morte de Jesus, dizendo ser uma teoria evidentemente falsa.

O Codificador trata essa questão como “revelações prematuras e inconvenientes”, apontando o fato de que outros Espíritos nada revelaram sobre o tema. Consequentemente, não

passou pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos.

Diante disso, percebemos que, em junho de 1866, ao anunciar *Os Quatro Evangelhos*, na *Revista Espírita 1866* ⁽²⁸³⁾, Allan Kardec foi até caridoso com J.-B. Roustaing, não expondo a sua verdadeira opinião sobre essa fatídica obra.

O escritor Wilson Garcia, em *Ponto Final – O Reencontro do Espiritismo com Allan Kardec*, trata muito bem dessa questão de J.-B. Roustaing, razão pela qual nós a recomendamos, apresenta uma informação sobre Mme. Collignon ⁽²⁸⁴⁾, que vem apoiar o que o Codificador disse a ela na carta.

Vamos transcrever diretamente do livro ***Jean Baptiste Roustaing: Apóstolo do Espiritismo***, fonte citada por Garcia:

[...] Acompanhemos o que escreveu sobre este assunto o **Sr. René Caillé, um dos adeptos mais esclarecidos de Roustaing:**

“Esta senhora foi, desde então, **o único Médium que serviu à grande Revelação**. Ela não emitiu nenhuma opinião que lhe

fosse pessoal, muito ao contrário, porque **a ideia do Cristo agênera, encarnado somente como Espírito e por via exclusiva de tangibilidade, lhe repugnava à razão.** Entretanto, a Sra. Collignon resistia, **recusava-se, por assim dizer, em servir de instrumento aos Espíritos que começava a ver como impostores,** e que, entretanto, ao contrário, eram Espíritos elevados, vindos nos tempos preditos para revelar o que ficara oculto até então. **A Sra. Collignon cria e crê ainda, parece, que a Encarnação do Cristo foi análoga àquela de todos os homens de nosso Planeta e não pôde compreender a necessidade de uma derrogação na regra geral da encarnação dos missionários da Humanidade.** Relata-nos o Sr. Guérin, o amigo e fiel discípulo de Roustaing, que ‘aconteciam muitas vezes, durante **os ditados medianímicos,** que o pensamento dos inspiradores desse trabalho, verdadeiramente providencial, **ficava como que paralisado** em sua livre manifestação, **por causa dessa hostilidade pessoal da Médium em aceitar essa nova teoria,** contraditória com aquela que era o objeto de suas preferências’. [...]” (285)

Essas informações, a nosso ver, exige a

médium Mme. Collignon da responsabilidade do conteúdo da obra, uma vez que ela era contrária à tese de Jesus ter sido um agêner, a ponto de oferecer resistência à recepção do que ditavam os tais “Espíritos inspiradores”, infelizmente visto como superiores por J.-B. Roustaing.

A médium é autêntica, como também o é o resultado de sua psicografia, mas isso, necessariamente, não significa que os “Espíritos inspiradores” sejam, de fato, aqueles personagens que dizem que são. Bem o disse Allan Kardec, em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**:

[...] também é sabido que os Espíritos enganadores não têm escrúpulo em tomar nomes que não lhes pertencem, a fim de tornarem aceitas as suas utopias. [...]. ⁽²⁸⁶⁾

Acrescente-se a favor da médium o fato de Allan Kardec ter publicado mensagens recebidas através de sua mediunidade, como também ter feito menção a dois livros publicados por ela:

a) *Revista Espírita*: jun/1862 – *O Espiritismo filosófico*, de Bernardin ⁽²⁸⁷⁾ ⁽²⁸⁸⁾; *Meu testamento*,

autor não identificado ⁽²⁸⁹⁾ nov/1863 – *Tendo Moisés proibido de se evocarem os mortos, é permitido fazê-lo?*, de Siméon, por Mathieu ⁽²⁹⁰⁾

b) *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. X – Bem-aventurados os que são misericordiosos, parte relativa à Instrução dos Espíritos, no tópico “A indulgência”: item 16, assinada por José, Espírito protetor (Bordeaux 1863) ⁽²⁹¹⁾ e item 18, assinada por Dufètre, bispo de Nevers (Bordeaux) ⁽²⁹²⁾.

c) Considerações de Allan Kardec sobre os dois livros de Émilie Collignon:

1º) *A Educação Maternal (Conselho às mães de família)*, publicado na **Revista Espírita 1864**, no mês de abril:

Este opúsculo é o produto de instruções mediúnicas, formando um conjunto completo, ditadas à senhora Collignon, de Bordeaux, por um Espírito que assina *Étienne*, e que é desconhecido do médium. Essas instruções, publicadas primitivamente em artigos destacados pelo jornal *lê Sauveur*, foram reunidas em corpo de brochura.

Estamos felizes em poder dar uma aprovação sem reserva a esse trabalho, tão

recomendável pela forma quanto pelo fundo; estilo simples, claro, conciso, sem ênfase nem palavras de enchimento vazias de sentido, pensamentos profundos, de uma lógica irrepreensível, **está bem ali a linguagem de um Espírito elevado**, e não esse estilo verboso dos Espíritos que creem compensar o vazio das ideias pela abundância das palavras. **Não tememos dar-lhe estes elogios, porque sabemos que a senhora Collignon não os tomará para ela, e que seu amor-próprio** por isso não será de nenhum modo superexcitado, do mesmo modo que ela não se formalizaria com a crítica mais severa.

Nesse escrito, a educação é encarada em seu verdadeiro ponto de vista sob o aspecto do desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, considerada desde o berço até o seu estabelecimento no mundo. **As mães espíritas, melhor do que todas as outras, apreciarão a sabedoria dos conselhos que ela encerra, e é por isso que nós a recomendamos como uma obra digna de toda a sua atenção.** ⁽²⁹³⁾
(itálico do original)

Destacamos “*estilo simples, claro, conciso, sem ênfase nem palavras de enchimento vazias de sentido, pensamentos profundos, de uma lógica irrepreensível,*” para o comparar com o que

anteriormente vimos na **Revista Espírita 1866** Allan Kardec falando a respeito de *Os Quatro Evangelhos*, novamente transcrevemos:

Se o fundo de um livro é o principal, **a forma não é de se desdenhar**, e entra também por alguma coisa no sucesso. **Achamos que certas partes são desenvolvidas muito longamente, sem proveito para a clareza.** Na nossa opinião, se, **limitando-se ao estrito necessário, ter-se-ia podido reduzir a obra em dois**, ou mesmo em um único volume, teria ganhado em popularidade. ⁽²⁹⁴⁾

2º) *Conversas Familiares Sobre o Espiritismo*, publicado na **Revista Espírita 1865**, no mês de maio, parece-nos ter sido elaborado em 1864, porquanto o seu teor foi divulgado no periódico *La Lumière* a partir de 07 de abril de 1864 até 15 de março de 1865:

Fazemo-nos um prazer e um dever lembrar, à atenção dos nossos leitores, essa brochura, que não fizemos senão anunciar em nosso último número ⁽²⁹⁵⁾, e que **inscrevemos com prazer entre os livros recomendados. É uma exposição**

completa, embora sumária, dos princípios verdadeiros da Doutrina, numa linguagem familiar, ao alcance de todo mundo, e sob uma forma atraente. **Fazer análise dessa produção, seria fazer a de *O Livro dos Espíritos e dos Médiuns*.** Não é, pois, como contendo ideias novas, que recomendamos esse opúsculo, mas como um meio de propagar a Doutrina.

ALLAN KARDEC. ⁽²⁹⁶⁾

Se não estivemos enganados as mensagens e os livros surgiram exatamente no período em que os “Espíritos inspiradores” assistiam a J.-B. Roustaing, em razão disso não podemos responsabilizar a médium por nada que contém *Os Quatro Evangelhos*, pois o teor desses seus livros existem coisas exatamente contrárias a tal de “*revelação da revelação*”. Esperamos que seu nome seja reabilitado, pois foi vista como tendo uma “*mediunidade suspeita e medíocre*”. ⁽²⁹⁷⁾

Recomendamos aos interessados o tópico “A médium Collignon, de *Os Quatro Evangelhos*, na verdade era fiel a Kardec” do cap. 1. O Legado Definitivo de Allan Kardec, da Segunda Parte – As leis

da alma segundo o Espiritismo do livro *Nem Céu Nem Inferno: As Leis da Alma Segundo o Espiritismo*, autoria de Paulo Henrique de Figueiredo e Lucas Sampaio. ⁽²⁹⁸⁾

Recentemente instaurou-se mais uma polêmica no meio espírita. A “bola da vez” é a questão das edições de *A Gênese*. A 5ª edição francesa é mais usada. Entretanto, ficou comprovado que sua publicação não ocorreu quando Allan Kardec estava vivo. Duas correntes surgiram: uma que defende se tratar de adulteração da 4ª edição e a outra que mesmo não tendo sido publicada pelo Codificador suas alterações são de autoria dele.

Não vamos entrar nessa “briga”, mas ao que tudo indica, diante de novos elementos descobertos, essa última corrente é que tem razão. Atualmente é a ela que nos alinhamos.

No tópico “Desaparecimento do corpo de Jesus”, constatamos ter ocorrido a supressão do item 67 da 4ª edição (FEAL), que não aparece na 5ª edição (FEB). Ficamos sem entender o motivo disso, pois ao ser retirado, esse tópico ficou sem a opinião do Codificador sobre o que poderia ter ocorrido com

o corpo de Jesus, como também qual a obra doutrinária em que buscou fundamento para ela.

Não podemos deixar de ver a possibilidade do próprio Codificador ter achado desnecessário. Mas apenas para deixar registrado, informamos que é no item 67, suprimido na 5ª edição de **A Gênese**, que o Codificador dá suas explicações sobre o que poderia ter ocorrido com o corpo de Jesus:

67. A que se reduziu o corpo carnal? É um problema cuja solução não se pode deduzir, até nova ordem, salvo por hipóteses, pela falta de elementos suficientes para assegurar uma convicção. Essa solução, aliás, é de uma importância secundária e não acrescentaria nada aos méritos de Cristo nem aos fatos que atestam, de uma maneira muito categórica, sua superioridade e sua missão divina.

Não pode, pois, haver sobre o modo como esse desaparecimento aconteceu, mais que opiniões pessoais, que teriam valor apenas se fossem confirmadas por uma lógica rigorosa, assim como pelo ensino geral dos Espíritos. Ora, até o presente, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção desse duplo controle. ⁽²⁹⁹⁾

Se os espíritos ainda não resolveram a

questão pela unanimidade dos seus ensinamentos, é que, sem dúvida, o momento da resolução ainda não chegou, ou que ainda faltam conhecimentos com a ajuda dos quais possamos resolvê-la por si própria. Entretanto, sendo descartada a suposição de um rapto clandestino, **poder-se-ia encontrar, por analogia, uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno dos transportes e da invisibilidade.** (*O Livro dos Médiuns*, caps. IV e V.) ⁽³⁰⁰⁾

Em resumo o pensamento do Codificador é *“não pode haver [...] mais que opiniões pessoais”*, arrematando *“se os Espíritos ainda não resolveram a questão [...] é que, sem dúvida, o momento da resolução ainda não chegou, ou que ainda nos faltam conhecimento.”* E acrescenta *“uma explicação provável [é] na teoria do duplo fenômeno dos transportes e da invisibilidade”*.

J.-B. Roustaing veio para coadjuvar Allan Kardec?

Para alguns confrades essa pergunta poderá não fazer nenhum sentido, porém, fará aos seguidores de Jean Baptiste Roustaing que o têm como um missionário, cuja obra seria *“como um desenvolvimento da filosofia religiosa cujos princípios foram estabelecidos nas obras de Allan Kardec.”* ⁽³⁰¹⁾

Tudo isso é produto desta informação que o Espírito Humberto de Campos fez constar em ***Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho***, cuja primeira edição ocorreu no ano de 1938. Vejamos o que foi dito nos três parágrafos iniciais do capítulo XXII – Bezerra de Menezes:

O século XIX, que surgira com as últimas agitações provocadas no mundo pela Revolução Francesa, estava destinado a presenciar extraordinários acontecimentos.

No seu transcurso, cumprir-se-ia a

promessa de Jesus, que, segundo os ensinamentos do seu Evangelho, derramaria as claridades divinas do seu coração sobre toda a carne, para que o Consolador reorganizasse as energias das criaturas, a caminho das profundas transições do século XX.

Mal não haviam terminado as atividades bélicas da triste missão de Bonaparte e já o espaço se movimentava, no sentido de renovar os surtos de progresso das coletividades. Assembleias espirituais, reunindo os gênios inspiradores de todas as pátrias do orbe, eram levadas a efeito, nas luzes do infinito, para a designação de missionários das novas revelações. **Em uma de tais assembleias**, presidida pelo coração misericordioso e augusto do Cordeiro, **fora destacado um dos grandes discípulos do Senhor**, para vir à Terra com a tarefa de organizar e compilar ensinamentos que seriam revelados, oferecendo um método de observação a todos os estudiosos do tempo. Foi assim que **Allan Kardec**, a 3 de outubro de 1804, via a luz da atmosfera terrestre, na cidade de Lião. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, **contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuvá-lo, nas individualidades de**

João-Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de **Léon Denis**, que efetuaria o desdobramento filosófico; de **Gabriel Delanne**, que apresentaria a estrada científica e de **Camille Flammarion**, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardequiana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos. ⁽³⁰²⁾

Julgamos que a citação do nome de J.-B. Roustaing resultou em surgir um maior número de seus seguidores, fortalecendo debates calorosos entre os que não lhes compartilhavam as ideias.

Em 1973, os escritores Júlio Abreu Filho e José Herculano Pires publicaram a obra *O Verbo e a Carne*, na qual, veementemente, combatem a obra de J.-B. Roustaing, apresentando a seus leitores vários pontos questionáveis dela.

É de Júlio Abreu Filho o alerta sobre “*uma curiosa mudança de posição*” do Espírito Humberto de Campos ⁽³⁰³⁾, em relação a essa obra psicografada por Chico Xavier. Vamos encontrá-lo no cap. 21 – O grande missionário, de ***Crônicas de Além-túmulo***,

do qual transcrevemos o seguinte trecho que deve ser comparado com o consta da obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*:

Quando Jesus desceu um dia à Terra para oferecer às criaturas a dádiva da sua vida e do seu amor, seus passos foram precedidos pelos de João Batista, que aceitara a dolorosa tarefa de precursor, experimentando todos os martírios no deserto. O Consolador prometido à Terra pelo coração misericordioso do Divino Mestre, e que é o Espiritismo, teve o sacrifício de Allan Kardec - o precursor da sua gloriosa disseminação no peito atormentado das criaturas humanas. Seu retiro não foi a terra brava e estéril da Judeia, mas o deserto de sentimentos das cidades tumultuosas; no burburinho das atividades dos homens, no turbilhão das suas lutas, ele experimentou na alma, muitas vezes, o fel do apodo e do insulto dos malevolentes e dos ingratos. Mas, sua obra aí ficou como o roteiro maravilhoso do país abençoado da redenção. Espíritos eminentes foram ao mapa de suas atividades para conhecerem melhor o caminho. **Flammarion** se embriaga no perfume ignorado dessas terras misteriosas do novo conhecimento, descobertas pela sua operosidade de instrumento do Senhor, e apresenta ao mundo as suas novas teorias

cosmológicas, enchendo a fria matemática astronômica de singular beleza e suave poesia. Sua obra - "*Lês Forces Naturelles Inconnues*" **é um caminho aberto às indagações científicas** que teriam mais tarde, com Richet, amplos desenvolvimentos. **Gabriel Delanne e Léon Denis** se inflamam de entusiasmo diante das obras do mestre e **ensaia a filosofia espiritualista, inaugurando uma nova época para o pensamento religioso**, alargando as perspectivas infinitas da ciência universal. ⁽³⁰⁴⁾

Assim, diante da flagrante contradição no que foi dito nessas duas obras, não há como, pacificamente, aceitar que J.-B. Roustaing teve a missão de coadjuvar Allan Kardec, até mesmo porque tudo o que vimos da sua obra não condiz com a revelação Espírita.

Das quinze obras ⁽³⁰⁵⁾ da lavra de Humberto de Campos/Irmão X, somente a *Brasil, Coração do Mundo Pátria do Evangelho* cita o nome de J.-B. Roustaing, muito estranho isso, não acha caro leitor?

Na obra **O Verbo e a Carne**, Herculano Pires cita um poema de Guerra Junqueiro psicografado por

Jorge Rizzini (1924-2008), que não podemos deixar de transcrevê-lo:

“OS QUATRO EVANGELHOS”

poema de Guerra Junqueiro recebido
pelo médium Jorge Rizzini

No século passado existia na França
Um célebre jurista às Leis tanto leal,
Que ao ver mendigar na praça uma criança
Mostrava-lhe, depressa, o Código Penal.

Na Corte Imperial era ele temido;
Temiam-no, até, os grandes magistrados.
E o mestre do Direito impôs o seu partido
E, por fim, comandou a Ordem dos
Advogados!

Mais realista que o rei, Jean Baptiste Roustaing
Pedia aos tribunais impiedade aos réus,
À Lei de Talião para os crimes de sangue,
E invocava Moisés e a Justiça dos Céus!

Certo dia, porém, uma antiga cliente,
Senhora piedosa afeita à caridade,
Deu-lhe de Allan Kardec o livro mais recente,
Um livro que mostrava a Divina Verdade.

Essa obra continha um celeste tufão
Nas páginas de luz, em seus puros conceitos,

E varreu de Roustaing o fel do coração!
E varreu-lhe da mente os velhos preconceitos!

E, nessa mesma noite o arguto doutor
Leu-a mais uma vez em fundas reflexões,
E dizia, baixinho: “- Esta obra é um primor!
Explica as Leis de Deus e explica as
provações!”

E o arguto jurista em sua residência
Depressa organizou da fina sociedade
Um grupo de fiéis, mas sem experiência,
A fim de comprovar do volume a verdade.

A médium Collignon então à luz das velas
Em transe revelou à vesga comitiva:
“- A partir de hoje sois de Cristo as sentinelas.
Quem vos fala é Moisés! Minha luz é
ostensiva!

“Por ordem de Jesus iremos restaurar
O santo Evangelho, as verdades de Deus;
Roustaing, filho meu, ireis colaborar
Com Lucas e João, com Marcos e Mateus!

“Vós sois uma alma nobre e conheceis culturas
A ponto de pairar acima dos juristas;
Prometo que amanhã com as Novas Escrituras
Nesta casa hão de estar os quatro
Evangelistas!

“Não procureis jamais uma outra sensitiva.
Madame Collignon reflete a nossa luz;

No Céu foi preparada, é humilde e ativa,
Capaz de receber até mesmo Jesus!

“Trabalhai, trabalhai, que os tempos são
chegados!

Que este grupo obedeça ao preposto
Roustaing.

E defendei o Novo Evangelho, soldados,

E se preciso for até mesmo com sangue!”

Já percebe o leitor a mistificação

Que Roustaing não viu pela sua vaidade.

Preposto de Moisés! Que condecoração!...

**E gargalhava o Umbral daquela
ingenuidade.**

**E, em volta de Roustaing as almas
ateístas**

**Que andavam a escrever as “Novas
Escrituras”:**

**Um papa e cardeais — ao todo dez
sofistas,**

**Com aplausos febris de esquiladas
figuras!**

No entanto, quando vinha o sol pela manhã

Espiar de mansinho este pobre arlequim,

Inda estava ele a ler, sentado em um divã,

As mensagens do Além sem notar o estopim...

Brutal fascinação que não acabou cedo!

Emagreceu Roustaing... A clientela, adeus!

Que importa! Tinha em mãos do Evangelho o

segredo,

E o mundo o chamaria “um profeta de Deus”!

E a fraudulenta obra em grossos, vários tomos,

Enfim mostrou Jesus e arrepiou Paris:

Nela o Cristo era igual a um desses gordos momos

Que ao povo fazem rir ao pé de um chafariz!

Cristo de picadeiro! Um Cristo teatral!

Vivera, sim, na Terra, e não veio em carne e osso:

Seu corpo era etéreo, ensina o denso Umbral,

Por isso, diz Roustaing, arriscava o pescoço...

Era a revelação do crístico segredo

Que Jesus, o malandro, ocultara aos patrícios;

Para ele a coroa era mero brinquedo!

Para ele era a cruz um dos bons exercícios!

Esse alegre fantasma, esse artista do Espaço

Representou na Terra a mais infame farsa;

No entanto (o livro diz) se não houve fracasso,

É que se deve muito à Maria, a comparsa.

A sua atuação superava a Bernhardt.

Sabia ser suave e tinha o olhar profundo...

Ao ver Cristo na cruz até faltou-lhe o ar!
Comoveu a plateia e fez chorar o mundo!

**E esse livro indigno - excremento do
Umbral,**

Encontrou no Brasil ferozes defensores!

Eu explico a razão; dessa obra, afinal,
Eles foram no Além os vis expedidores!...

Ó almas, escutai! Esquecei o passado!
Libertai-vos do jugo e contemplai a Luz!
E humildes implorai perdão ao Pai Amado,
O perdão à Maria e o perdão a Jesus!

(São Paulo - 1972) ⁽³⁰⁶⁾

O Espírito Guerra Junqueiro desfaz a tese da obra de J.-B. Rousstaing ser uma autêntica “*revelação da revelação*”, colocando-a, sem meias palavras, como inspirada por Espíritos “umbralinos”.

Por oportuno, vamos colocar as considerações de Herculano Pires a respeito da autoria desse poema, inseridas em ***O Verbo e a Carne***:

**O poema recebido por Rizzini é
coerente, na forma e no conteúdo.
Quem estiver habituado à leitura de
Guerra Junqueiro sentirá nesse poema**

o estilo e o pensamento do poeta. E sentirá principalmente a sua coerência. Não há contradições nesses versos. O que se percebe é um cuidado especial para não exagerar nos tropos, para manter o equilíbrio poético e atingir o objetivo do esclarecimento.

Os versos da quadra final são um apelo comovente aos que aceitaram a manobra das trevas para que voltem ao bom senso e peçam perdão a Deus, a Jesus e à sua divina Mãe pelo mau conceito que aceitaram e propagaram. **Sente-se também, ao longo do poema, uma espécie de constrangimento do poeta, que preferia continuar em silêncio. O assunto não lhe agrada.** Mas o seu amor à verdade o obriga a voltar aos homens e dizer-lhes que a verdade foi traída em seu nome, sem que ele pudesse esclarecer o caso, em virtude das criaturas boas que não desejava ofender. ⁽³⁰⁷⁾

O aval de Herculano Pires com relação a autenticidade da autoria e a confirmação de que o seu teor tem tudo a ver com o poeta português Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850-1923).

Na França vozes se levantaram contra a obra de J.-B. Roustaing

Do site [Luz Espírita](#), transcrevemos o parágrafo inicial do artigo União Espírita Francesa:

União Espírita Francesa (Union Spirite Française), às vezes designada pela sigla UEF, foi um grupo de estudos e divulgação do Espiritismo fundado em **24 de dezembro de 1882, em Paris, França, com o objetivo de servir de entidade federativa para os espíritas locais e intercâmbio com outros centros espíritas do exterior**, em continuidade às obras doutrinárias de Allan Kardec e total observância aos princípios da codificação do Espiritismo. [...] **Seus principais articuladores foram Berthe Frope, Gabriel Delanne e Léon Denis**, com a anuência da viúva Kardec (Amélie-Gabrielle Boudet). Seu órgão oficial foi o jornal O Espiritismo (*Le Spiritisme*), que circulou quinzenalmente entre março de 1883 e janeiro de 1895. ⁽³⁰⁸⁾

Em 1883, a União Espírita Francesa publicou a

obra **J.-B. Roustaing diante do espiritismo resposta a seus alunos** (J.-B. Roustaing devant le spiritisme réponse à ses élèves) com vários artigos cujos autores se posicionaram contrários à obra “Os Quatro Evangelhos”. Deles destacamos Berthe Fropro, Gabriel Delanne, Sophie Rosen e Michel Rosen, dos quais citaremos alguns trechos:

a) **Berthe Fropro**, artigo “Allan Kardec e Roustaing (1º artigo)”:

Que fazem eles, oh meu Deus! Do magnífico sacrifício do Calvário? A traição de Judas, o abandono dos Apóstolos, a condenação do Inocente, o insulto, a tortura e a crucificação, esplêndido ensinamento da resignação no sofrimento, da obediência à vontade de Deus, nosso Pai, do perdão das injúrias e do amor da humanidade inteira, e tudo isso só seria uma aparência! Jesus teria mentido no sacrifício da cruz, teria representado uma comédia indigna! Há mil e oitocentos anos, a humanidade cristã teria chorado sobre sofrimentos apócrifos! Os mártires teriam sofrido em suas carnes torturadas por defender sua doutrina e se dizer seus servos; em nossos dias ainda, os missionários cheios de fé, de coragem, vão expor sua vida para levar a luz às hordas selvagens, e **Jesus, o Messias de Deus**, o

Espírito protetor de nosso planeta, que deve nos conduzir à perfeição, **teria começado sua missão pela fraude e pela impostura. Oh! Os insensatos ousam avançar em semelhantes erros!**

Sim, somos desses espíritas aos quais é preciso um Jesus que sangra, que chora, que, sofrendo todo em farrapos, perdoa a seus carrascos. Em nome de nossa razão de espíritas Kardecistas, repelimos com toda a força de nosso amor pelo Cristo e sua sublime doutrina, **os dogmas da Imaculada Conceção, da Divina encarnação para a operação do Espírito Santo, do mistério da Santíssima Trindade; tudo isso está no livro do senhor Roustaing.** ⁽³⁰⁹⁾

b) **Gabriel Delanne**, artigo “Resposta ao Sr. Guérin”:

[...] Em primeiro lugar, nos parece que o senhor Guérin tem uma ideia muito alta do senhor Roustaing. Sem negar todas as qualidades de um homem que, por suas próprias capacidades, chegou a criar para si uma posição honorável no mundo, devemos reconhecer que sua obra **A Revelação da Revelação está longe de oferecer aos pesquisadores as provas das teorias que sustenta.** O estilo pesado e difuso do escrito contribui sem dúvida para a má impressão que se tem da leitura assídua

dessa obra. **Que diferença dos escritos de nosso Mestre Allan Kardec, em que tudo é lógica, clareza e concisão!** ⁽³¹⁰⁾

Não somente, a teoria do corpo fluídico de Jesus não é sustentável, mas onde a pretensão nos parece exagerada, é quando se quer colocar Allan Kardec em contradição consigo ele mesmo. O Senhor Guérin cita uma passagem de Imitação do Evangelho, sublinhando as frases em que, segundo ele, o Mestre daria razão às hipóteses do Senhor Roustaing. [...]. ⁽³¹¹⁾

c) **Sophie Rosen**, artigo “Uma ameaça no horizonte”:

[...] os militantes da causa espírita se encontram diante de uma tentativa da qual seu dever assinalar aqui o caráter especial; pois, não se trata menos do que **colocar paralelamente, no frontispício do Espiritismo, a obra liberal de Allan Kardec e essa pela qual J.-B. Roustaing tende a ressuscitar o império dos escritores apostólicos; isto é, e o que quer que se diga, duas crenças antagônicas.**

Conhece-se a **recente reaparição, após longo esquecimento, dos livros medianímicos do Senhor J.-B. Roustaing**, os quais, em virtude de uma

cláusula de seu testamento, solicitaram nossa atenção por meios que, infelizmente, muito se aproximam do escândalo. Eu não quero contar sobre essa provocação que, de resto, o Senhor Michel Rosen qualificou com correção e do que, esperamos, os espíritas farão bom julgamento. **Meu dever se limita a observações sumárias sobre a origem dessas obras e sobre as consequências inevitáveis das teorias que elas elucidam.**

Aqui estamos nós na presença de ditados medianímicos assinados por Moisés e pelos apóstolos. O leitor pode acreditar no Senhor Roustaing sob palavra. Alguma confiança justa que se possa lhe conceder, a coisa é pouco rígida. Pelo tempo em que **correm as mistificações** é permitido perguntar *sobre o que* o Senhor Roustaing estabelece a certeza de todas as célebres identidades?... **Parece que antes de escrever, à frente de um livro, nomes dessa importância, deve-se pelo menos provar irrefutavelmente que eles não sejam de modo algum apócrifos; ora, por várias razões, eu dificilmente vejo como o Senhor Roustaing conseguiria.** ⁽³¹²⁾
(itálico do original)

Artigo “Observação”:

[...] **Há dezoito anos que esse livro existe**, ele jamais tinha sido objeto de uma

real polêmica. **Ele foi lido, depois, em geral, colocado de lado**, rendendo justiça às boas intenções do compilador. Hoje, **essa obra, por um retorno sem nenhum mérito, surge novamente diante da crítica**; essa última a investiga e a julga mais severamente, talvez, como outrora, porque a brochura caluniosa atribuída ao Senhor J.-B. Roustaing diminui singularmente esse último aos olhos dos espíritas sinceros.

Nada temos contra esse autor por causa da sua obra medianímica; **nós a combatemos lealmente, com firmeza, porque nós a cremos errada e mesmo perigosa; mas ela não nos desperta paixão.** ⁽³¹³⁾

d) **Michel Rosen**, artigo “Grito de alarme”:

As preciosas instruções de Allan Kardec **nos puseram em guarda contra as teorias individuais, não sancionadas pelo consentimento universal, do qual o advogado de Bordeaux faz pouco-caso** tão agradavelmente e por causa; mas quem, para nós, é e será sempre o controle supremo.

O pouco sucesso do livro em questão, tanto na Bélgica como na França, é a melhor resposta à afirmação, evidentemente exagerada, que os jornais belgas confirmam

“*todos*” (!) (p. 311) as apreciações enunciadas no artigo do Sr. de Turck que, sem concluir nitidamente, se pronuncia antes no sentido do autor dos *Quatro Evangelhos*.

Longe de nós o pensamento de impor nossas visões sobre a natureza do Cristo, comuns, entretanto à maioria de nossos irmãos de todos países.

Como aqueles que, sobre isso, são de opinião do Sr. Roustaing, a guardem se estão felizes com isso! Muitos pontos comuns nos ligam, para nos dividir sobre essa questão que, além de tudo, não é fundamental. (³¹⁴) (itálico do original)

Vejamos ainda a opinião de dois personagens de destaque no movimento espírita francês, portanto, mais próximo à época do Codificador:

1ª) **Léon Denis**

Na revista ***Le Spiritisme***, mês de junho de 1889, órgão oficial da L’Union Spirite Française, foi publicada uma resposta de León Denis ao Sr. Marius George, de Marselle, intitulada “Positivisme et Idealisme”, da qual, por oportuno, transcrevemos o seguinte trecho:

[...] Todos aqueles que se desviaram desse método e **se lançaram em teorias particularistas, construíram apenas obras efêmeras**, sem nenhuma ação sobre o progresso do espiritualismo.

O mesmo fez **Roustaing**, que *merece*, mais precisamente do que A. Kardec, **o epíteto de místico**. ⁽³¹⁵⁾ (itálico do original)

Em ***Depois da Morte***, obra publicada no final de 1889, encontramos a seguinte explicação de Léon Denis:

Quanto às teorias que de Jesus fazem uma das três pessoas da Trindade, ou **um ser puramente fluídico, uma e outra parecem igualmente pouco fundadas**. Pronunciando essas palavras: “De mim se afaste este cálice”, Jesus revelou-se homem, sujeito ao temor e aos desfalecimentos. **Como nós, sofreu, chorou, e esta fraqueza inteiramente humana**, reaproximando-nos dele, o faz ainda mais nosso irmão, tornando seus exemplos e suas virtudes mais admiráveis ainda. ⁽³¹⁶⁾

O que aqui queremos ressaltar é a questão do corpo fluídico que claramente se conclui que Denis

não via com bons olhos.

2ª) **Jean Meyer**

Jean Meyer (1855-1931) foi um filósofo, escritor, pesquisador e filantropo suíço. Foi uma das mais destacadas figuras do espiritismo no início do século XX. ⁽³¹⁷⁾ Informação tomada de **O Verbo e a Carne**:

“Se a França, berço da Terceira Revelação, espalhou pelo mundo inteiro as obras imortais de Allan Kardec, sepultando a outra de J. B. Roustaing, não há motivo, no mundo novo, de ressuscitar a segunda. Nós, do Alto, atribuímos essa tentativa à ignorância ou à cegueira de poucos irmãos, muito longe da Luz do Mestre”.

Jean Meyer ⁽³¹⁸⁾ ⁽³¹⁹⁾ (grifo do original)

Essas falas de Denis e Meyer são importantes, uma vez que foram destacados continuadores do Codificador na divulgação do Espiritismo, e bem representam o que se pensava de J.-B. Roustaing àquela época.

Aliás, em **Os Pioneiros do Espiritismo [na**

França], publicado em 1906, Julien Malgras (?-?) que, segundo Júlio Abreu Filho, foi “um contemporâneo de Roustaing e seu admirador” ⁽³²⁰⁾, informa-nos que: “[...] **A teoria do corpo fluídico de Jesus foi combatida por grande número de espíritas, à frente dos quais Allan Kardec, [...].**” ⁽³²¹⁾ Portanto, a refutação dessa tese é de longa data.

Em **Espíritos Sob Investigação: Resgatando Parte da História**, o pesquisador Carlos Seth Bastos nos informa que:

No Le Spiritisme, tivemos artigos contrários a Roustaing até 1887, inclusive os de autoria de Berthe Fropo e Henri Sausse, quando então a polêmica esfria. Daquele ano, destacamos a carta aos leitores na edição da 1ª quinzena de março:

“O jornal *Le Spiritisme* está entrando no quinto ano de sua existência e é com satisfação que constatamos o apoio moral que os leitores lhe dão. Desde a fundação desta folha, temos nos engajado em muitas lutas, tivemos que superar muitos preconceitos, e **as batalhas que temos travado contra teorias nefastas, como a de Roustaing**, a teosofia e a mediunidade venal, mostraram a necessidade de um

órgão absolutamente dedicado à defesa da doutrina kardecista e de seu chefe venerado”.⁽³²²⁾

O artigo é assinado da seguinte forma: “Pour le Comité, G. Delanne, pelo Comitê”⁽³²³⁾.

Na página **AllanKardec.online - Historiografia do Espiritismo**, no Facebook, o pesquisador Adair Ribeiro publicou o artigo “Paul Leymarie x Roustaing”, do qual transcrevemos os seguintes parágrafos:

Com o desencarne de Pierre-Gaëtan Leymarie em 10 de abril de 1901, quem assume a Revista Espírita é sua esposa Marina Duclos. Com o seu desencarne em 29 de setembro de 1904, o filho Paul Leymarie assume a revista.

A publicação da *Revue Spirite* é interrompida em 1915 e Jean Meyer assumiu a sua direção em 1916, fazendo-a reaparecer em janeiro de 1917 e, em 1918, adquiriu os direitos da revista de Paul Leymarie. [³²⁴]

Qual seria o pensamento sobre a obra de Roustaing e suas ideias para Paul Leymarie?

A resposta pode ser encontrada na

Revista Espírita de maio e julho de 1914 ⁽³²⁵⁾ na parte chamada de “Petite Correspondence” destinada à comunicação de/aos assinantes da revista. Em uma pequena resposta dada pela revista, que tinha como diretor Paul Leymarie, a um assinante no Rio de Janeiro:

“Para um assinante do Rio de Janeiro - A obra de Roustaing é notável à primeira vista, contudo, é contrária aos ensinamentos de Allan Kardec. Atraente e aparentemente lógica, ela é - em efeito - suscetível de criar cismas muito sérios. Até agora, entretanto, este trabalho não atingiu o objetivo pretendido de seu autor. O ensinamento kardecista, portanto, segue sendo o único que deve ser considerado pelos espíritas.”

Como se constata, o pensamento de Paul Leymarie - que assumiu a *Revista Espírita* em 1904 - é contrário às ideias de J. B. Roustaing. Além disso, segundo o texto apresentado, ele entende que os ensinamentos de Allan Kardec são os únicos que devem ser considerados pelos espíritas.

O curioso é que a resposta foi dada a um assinante da *Revista Espírita* do Rio de Janeiro. ⁽³²⁶⁾ (grifo do original)

Essa fala de Paul Leymarie (1867-1955) é mais uma importante fonte que evidencia o que os Espíritas franceses pensavam da obra de J.-B. Roustaing.

Apesar das colocações de Paul Leymarie, infelizmente até nos dias atuais encontramos um bom contingente de brasileiros roustaingistas.

Renomados estudiosos brasileiros se opõem as várias teses da obra de J.-B. Roustaing

Em sua obra ***Curso Dinâmico de Espiritismo: O Grande Desconhecido*** (1979), ao tratar as mistificações, entre várias coisas, Herculano Pires diz o seguinte:

O maior caso de mistificação, capaz de levar qualquer pessoa à fascinação, é a obra *Os Quatro Evangelhos*, de Jean Baptiste Roustaing, [...]. A mistificação é tão evidente nessa obra que uma pessoa simples, mas de bom-senso, logo a percebe. Mas como se apoia nos resíduos mitológicos e místicos da nossa formação religiosa tradicional, continua a fazer suas vítimas entre nós através dos anos. Nessa obra, Jesus é transformado num mistificador que fingiu nascer mas não nasceu, fingiu mamar mas não mamou, fingiu morrer na cruz mas não morreu; fingiu ressuscitar mas não ressuscitou, pois era um agênera, uma criatura não gerada, uma simples aparição tangível que combinou no espaço encontrar-se na

Terra com Maria Madalena. E isso é apenas um pedaço mínimo do imenso ridículo em que **essa obra das trevas** procura mergulhar a Doutrina dos Espíritos Superiores. [...]. ⁽³²⁷⁾

É oportuno também citarmos a obra **A Evolução Espiritual do Homem (Na Perspectiva da Doutrina Espírita)** (2005), na qual Herculano Pires disse:

O religiosismo popular, na França como em toda parte, foi abalado pela resistência e a insistência de Kardec, absorvendo os seus princípios básicos. Foi então que ele se entregou à elaboração secreta de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, proporcionando ao povo os esclarecimentos espíritas. Nesse livro ele amparava e estimulava a religião do povo, mas sustentando essa religiosidade em termos racionais. [...] Ainda hoje há espíritas, não raro ocupando posições de direção em instituições doutrinárias, que não compreendem a necessidade e o valor desse livro orientador da intuição religiosa popular. Não compreendem que o aspecto religioso do Espiritismo constitui a base inabalável do movimento espírita no mundo. **Outros chegam a criticar Kardec por**

essa capitulação e outros, mais ingênuos, chegam ao cúmulo de alegar que essa tarefa cabia a Roustaing, o infeliz fascinado de Bordeaux, que lançou a obra de evidente mistificação *Os Quatro Evangelhos*, em que os evangelistas se contradizem a si mesmos e tentam forçar um retrocesso católico do religiosismo popular. [...] **O pobre fascinado não foi discípulo de Kardec, jamais militou ao seu lado e teve sua obra rejeitada pelo mestre.** A fé de **Roustaing não podia entrosar-se na obra de Kardec, pois era a fé católica medieval,** enquanto a fé espírita, definida por Kardec como fé racional, não precisava de nenhum assessor místico e fanático para se implantar na consciência dos novos tempos.

O Espiritismo rejeita toda mitologia de ontem, de hoje e de amanhã. Sua função é de transformar os erros em verdades, como se lê em Kardec, e não em remendar **as mitologias antigas com novos e ridículos mitos, como Roustaing tentou fazer em sua obra mistificadora, em que a obra kardeciana é deformada por um trabalho de plágio vergonhoso e de remendos adulteradores que denunciam a debilidade mental do autor.** Por sinal que este mesmo declara, na introdução de sua obra, que a obteve mediunicamente (por uma médium, que foi a primeira a rejeitar a mistificação) após

haver saído de um internamento em hospital de doentes mentais. ⁽³²⁸⁾

Temos aí, bem objetivamente o que o filósofo Herculano Pires pensava sobre o advogado de Bordeaux e sua obra, o que, a nosso ver, faz todo o sentido, levando-se em conta o que, pessoalmente, descobrimos nela.

No tópico “Roustaing superestimou a credibilidade dos textos bíblicos” do artigo *Erros Metodológicos de Roustaing*, publicado no jornal **O Imortal**, percebemos que a opinião do confrade Leonardo Marmo Moreira é, a nosso ver, corretíssima:

À semelhança de católicos e protestantes, Roustaing considerou a Bíblia “a palavra de Deus” e tentou explicar absolutamente tudo, sem se dar conta de que muito do que está escrito pode não ter acontecido exatamente da maneira como está narrado nos textos bíblicos. Roustaing consciente ou inconscientemente **elaborou uma espécie de Reforma, semelhante à Reforma protestante.** Assim, a partir da superestimação da Bíblia, a sua fusão desta

com os seus limitados conhecimentos espíritas seria uma temeridade.

Reparem que, ao contrário da codificação kardequiana que nasce como ciência, a proposta roustanguista já nasce como religião, pois **se trata de uma nova interpretação da Bíblia a partir da velha tese da infalibilidade dos seus textos**. Tanto isso é verdade que a própria estruturação da obra “Os Quatro Evangelhos” é baseada nessa **submissão aos textos bíblicos**. Se a obra em questão **foi realmente orientada pelos quatro evangelistas, assistidos pelos apóstolos**, que foram as principais e mais preparadas testemunhas oculares dos fatos evangélicos, **por que os apóstolos não contaram o que de fato aconteceu diretamente, ao invés de se basearem literalmente no que sobreviveu de registro na Bíblia e que, obviamente, sofreu com quase dois milênios de interpolações, adulterações, traduções grosseiras e outros problemas?!**⁽³²⁹⁾

Somente os que têm um bom conhecimento, ainda que não sejam um *expert*, são capazes de perceber isso. Mas, como demonstramos ao longo de nossas considerações, é flagrante o esforço dos “Espíritos inspiradores” de J.-B. Roustaing em validar

todos os textos bíblicos dos Evangelhos, ao explicar todos eles sem contestar nenhum.

Ao se manter a virgindade de Maria, por considerar Jesus como possuindo um corpo fluídico tentam enveredar pelo caminho do sobrenatural ou do “milagroso” tão ao gosto dos adeptos da Igreja Católica, que, segundo os “Espíritos inspiradores”, será crença mundial.

Quanto ao questionamento *“por que os apóstolos não contaram o que de fato aconteceu diretamente, em vez de se basearem literalmente no que sobreviveu de registro na Bíblia que sofreu interpolações, adulterações, traduções grosseiras?”*, Leonardo Moreira foi bem cirúrgico, merece os nossos parabéns por essa fantástica percepção.

Conclusão

Um ponto que o advogado Jean Baptiste Roustaing não observou foi esta importantíssima recomendação de Erasto, contida na mensagem XXVII do capítulo XXXI – Contradições e Mistificações de **O Livro dos Médiuns**:

[...] crede que, **quando uma verdade tenha de ser revelada aos homens, ela é comunicada, por assim dizer, instantaneamente, a todos os grupos sérios que disponham de médiuns sérios**, e não a este ou aquele em particular, com exclusão dos demais. [...].
(³³⁰)

A sua obra, como todos sabemos, teve apenas a médium Mme. Collignon, como única medianeira dos supostos “Espíritos inspiradores”, que, sem dúvida alguma, se apropriaram de nomes famosos e veneráveis que não lhes pertencem.

É importante vemos de **O Livro dos Médiuns**,

cap. X – Natureza das comunicações, tópico “Comunicações sérias”, item 136, o seguinte parágrafo.

Com relação às comunicações sérias, **precisamos distinguir as verdadeiras das falsas**, o que nem sempre é fácil, porquanto é graças à própria gravidade da linguagem que **certos Espíritos presunçosos ou pseudossábios, procuram impor as mais falsas ideias e os mais absurdos sistemas**. E, para se fazerem mais acreditados e importantes, **não têm escrúpulo de se adornarem com os mais respeitáveis nomes e até com os mais venerados**. [...]. ⁽³³¹⁾ (itálico do original)

Sem esse conhecimento doutrinário, qualquer pessoa torna-se presa fácil a ser enganada por certos Espíritos impostores, foi justamente isso que aconteceu com J.-B. Roustaing.

Em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXIV – Identidade dos Espíritos, tópico “Distinção entre os Espíritos bons e os maus”, no item 267, que trata dos meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos, lemos:

9) **Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem prolixidade. O estilo deles conciso, sem exclusão da poesia das ideias e das expressões; é claro e inteligível a todos, sem exigir esforço para ser compreendido. Eles têm a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra é empregada com exatidão. Os Espíritos inferiores, ou pseudossábios, ocultam uma linguagem afetada e excessivamente enfática o vazio de suas ideias. Além disso, a linguagem deles é pretenciosa, ridícula ou obscura, como se quisessem compensar a falta de profundidade que apresentam.** ⁽³³²⁾

Fora a questão da linguagem empolada e prolixa, diríamos até mesmo muito cansativa de se ler, por tudo que vimos, na obra de J.-B. Roustaing, não há como não considerar os seus autores senão como Espíritos pseudossábios, que se esconderam atrás de nomes conhecidos e venerados para fazerem valer seus pensamentos.

Há uma fala do Codificador em ***O Livro dos Médiuns***, cap. XXIX – Reuniões e Sociedades Espíritas, no tópico “Rivalidade entre as Sociedades”,

item 349, no último parágrafo, que é bem oportuno citá-la:

Alguns Espíritos, mais presunçosos do que lógicos, tentam por vezes impor sistemas estranhos e impraticáveis, por meio de nomes veneráveis com os quais se enfeitam. O bom senso acaba logo por fazer justiça a essas utopias, mas, enquanto isso não se dá, elas podem semear a dúvida e a incerteza entre os adeptos. **Daí, não raro, uma causa de desavença passageira.** Além dos meios que temos indicado para avaliar tais sistemas, **há outro critério que dá a medida exata do seu valor: o número dos partidários que eles recrutam.** Diz a razão que, de todos os sistemas, **aquele que encontra maior acolhimento nas massas deve estar mais próximo da verdade do que os que são repelidos pela maioria e vê diminuir os seus adeptos.** Tende, pois, como certo que, quando os Espíritos se negam a discutir seus próprios ensinamentos, é porque lhes reconhecem a fraqueza. ⁽³³³⁾

Se tomarmos essa orientação de Allan Kardec buscando o sistema que tem mais partidários, chegaríamos à conclusão de que as teses levantadas

no roustaingismo – ou rustenismo, como preferem alguns –, seriam fatalmente rechaçadas, por não estarem “mais próximas da verdade”.

Não podemos deixar de ressaltar que ao considerar os textos bíblicos verdadeiros, J.-B. Rostaing não se deu conta de que caiu numa incoerência. Veja, caro leitor, esta passagem atribuída a João, o apóstolo:

*“Porque **muitos enganadores** têm saído pelo mundo fora, os quais **não confessam Jesus Cristo vindo em carne**; assim é o enganador e o anticristo.” (2 João 7) ⁽³³⁴⁾*

Então, como o autor do Evangelho Segundo João afirma que Jesus veio em carne, taxando de enganador quem não acredita nisso, e depois simplesmente nega o que disse, sem apresentar uma justificativa plausível?

Carlos Alberto Ferreira, autor de **Será a Obra de Rostaing Espírita?**, é da seguinte opinião:

Depois do pequeno estudo que se segue chegamos à conclusão que **Os Quatro Evangelhos de Rostaing não têm nada**

de polêmico, porque constituem uma mistificação demasiado evidente. Só serão polêmicos para quem desconhece a Codificação Espírita, não possuindo a segurança do conhecimento doutrinário que Kardec nos legou com tanto sacrifício e renúncia; e, obviamente, para quem desconhece, também, a própria obra que é demasiado longa, repetitiva e enfadonha. ⁽³³⁵⁾

Concordamos plenamente com o autor, que foi cirúrgico ao expressar seu pensamento quanto a obra de J.-B. Roustaing ser “*uma mistificação demasiado evidente*”.

Em outubro de 1861, ao que nos parece, os espíritas de Bordeaux, foram alertados por Erasto sobre o ataque de uma “*turba de Espíritos enganadores*”.

Vejamos um trecho da “Primeira epístola aos Espíritas de Bordeaux, por Erasto, humilde servidor de Deus” publicada na **Revista Espírita 1861**, mês de novembro:

[...] Vossos excelentes guias já vos disseram: tereis de lutar não só contra os

orgulhosos, os egoístas, os materialistas e todos esses infortunados que estão imbuídos do espírito do século; mas ainda, e sobretudo, **contra a turba dos Espíritos enganadores** que, encontrando no vosso meio uma rara reunião de médiuns, porque sois melhor aquinhoados sob esse aspecto, **virão logo vos atacar: uns com dissertações sabiamente combinadas onde, à custa de algumas piedosas tiradas, insinuarão a heresia ou algum princípio dissolvente; os outros com comunicações abertamente hostis aos ensinamentos dados pelos verdadeiros missionários do Espírito de Verdade.** Ah! Crede-me, não temais nunca então em desmascarar os patifes que, **novos Tartufos, se introduzirão entre vós sob a máscara da religião;** sede igualmente sem piedade para com os lobos devoradores que se escondem sob peles de ovelhas. [...]

(³³⁶)

Não temos dúvida de que aqui temos informações sobre quem seriam os “Espíritos inspiradores” de J.-B. Roustaing.

Em ***Nem Céu Nem Inferno: as Leis da Alma Segundo o Espiritismo***, os autores Paulo Henrique Figueiredo e Lucas mencionam o “*Caderno Voyage*

em 1862” (³³⁷), manuscrito de Allan Kardec, do qual transcrevemos:

Até hoje, nada sabíamos quanto à **opinião dos espíritos sobre Roustaing**. Nem mesmo se Kardec tinha noção nessa época, 1862, do desvio que iria ocorrer ou se teria sido pego de surpresa. Isso pelo fato de que Allan Kardec foi sempre muito discreto e jamais tornava público de forma personalista, os problemas e traições que sofria. Quando tocava no assunto em seus artigos, sempre apresentava noções gerais e impessoais. Certamente, os graves descaminhos que ocorreriam nos anos finais mostraram a ele a necessidade de deixar para a posteridade os documentos indispensáveis para restabelecer a verdade definitiva e profundamente.

Fiquei atônito ao ler a continuação do diálogo, quando **Kardec perguntou aos bons espíritos:**

- **Que influência pode ter o Sr. Roustaing?**

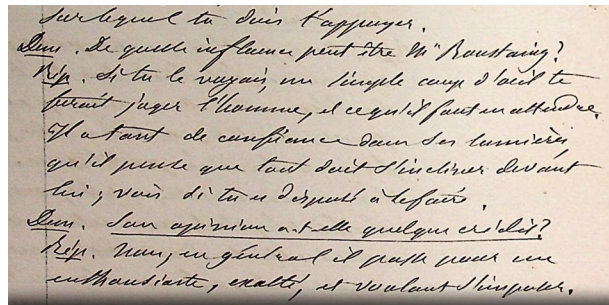
E eles responderam:

- Se você o vir, um simples golpe de vista o fará julgar o homem, e o que se deve esperar dele. **Ele tem tanta confiança nas suas luzes que pensa que todos devem se curvar a ele.** Vá se você estiver disposto a fazê-lo.

- **A opinião de Roustaing tem algum**

crédito?

- Não, em geral ele passa por um entusiasta, exaltado, querendo se impor.



Manuscrito Voyage em 1862, p. 16.

Não é pouca coisa o que eu estava lendo nesse trecho do pequeno caderno de vinte páginas. Talvez seja o mais forte fato histórico de recuperação do Espiritismo que está ocorrendo nos recentes anos, esclarecendo de forma inequívoca quem foram os judas e os pioneiros de sua história. [...] ⁽³³⁸⁾

Mais à frente, Paulo Figueiredo volta ao tema:

Porém, exatamente em Bordeaux, enquanto Kardec participava do encontro dos espíritas, afastado dali, **o advogado Jean-Baptiste Roustaing tramava contra o Espiritismo.** Também sobre ele **Kardec foi esclarecido e alertado pelos espíritos** que conduziam o Espiritismo,

quando questionados sobre a influência e **o crédito que Roustaing deveria merecer**, os bons espíritos responderam: “- **Em geral ele passa por um entusiasta, exaltado, querendo se impor. Ele tem tanta confiança nas suas luzes que pensa que todos devem se curvar a ele**”. ⁽³³⁹⁾

Eis o retrato fiel do nosso personagem, pintado pelos bons Espíritos a pedido do Codificador. Dele, podemos perfeitamente imaginar o nível evolutivo dos “Espíritos inspiradores” que acompanhavam o nobre advogado de Bordeaux.

Em **O Livro dos Médiuns**, temos a possibilidade de um médium estar sob fascinação que julgamos poder muito bem ser estendida a J.-B. Roustaing. Na Segunda parte, cap. XXXIII – Obsessão, item 239, lemos:

A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que de certa forma paralisa a sua capacidade de julgar as comunicações. **O médium fascinado não acredita que esteja sendo enganado**; o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o

impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de todo mundo. A ilusão pode ir mesmo até o ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula. **Enganam-se os que imaginam que este gênero de obsessão só pode atingir as pessoas simples, ignorantes e desprovidas da faculdade de julgar. Nem mesmo os homens de espírito, por mais instruídos e inteligentes que sejam, estão livres da fascinação,** o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.

Já dissemos que as consequências da fascinação são muito mais graves. Com efeito, graças à ilusão que dela resulta, **o Espírito dirige a pessoa que ele conseguiu dominar,** como faria com um cego, **podendo levá-la a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade.** Mais ainda: pode arrastá-la a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas. ⁽³⁴⁰⁾

Tão fascinado estava que, ao que nos parece, J.-B. Roustaing coagiu a médium Mme. Collignon a “receber” as mensagens dos “Espíritos inspiradores”, cujo conteúdo ela questionava, como vimos.

Ainda nesse item, Allan Kardec continua explicando como age um Espírito que produz a fascinação:

[...] Para chegar a tais fins, é preciso que **o Espírito seja muito esperto, astucioso e profundamente hipócrita, porque só pode enganar e se impor à vítima por meio da máscara que toma e de uma falsa aparência de virtude.** As grandes palavras como caridade, humildade e amor a Deus, servem-lhe de credencial, porém, mesmo assim, deixa passar sinais de inferioridade que só o fascinado é incapaz de compreender. [...]. ⁽³⁴¹⁾

A originalidade do caso é que não foi a médium que se fascinou, mas o Sr. J.-B. Routaing que usava dela para trazer a tal “*revelação da revelação*”.

Por tudo quanto apontamos em nossos comentários, agora sim podemos responder à nossa pergunta proposta no título com um retumbante “não”, ou seja, a obra *Os Quatro Evangelhos* de J.-B. Roustaing não tem a mínima condição de ser considerada “*a revelação da revelação*”, disso não temos dúvida alguma.

Vimos que o Codificador alertara sobre a teoria do corpo fluídico que *“se um dia ela fosse reconhecida errada, a base sendo falsa, o edifício desmoronaria”* ⁽³⁴²⁾. Considerando que ele afirmou que *“Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, releva as características da corporeidade.”* ⁽³⁴³⁾ Então, podemos concluir que, do ponto de vista Doutrinário, a tese e, de modo consequente, toda a obra de J.-B. Roustaing, foi “demolida” a partir da publicação de *A Gênese*.

Temos pela consciência de que muitos dos atuais seguidores de J.-B. Roustaing, não ficarão satisfeitos com o que aqui abordamos, mas não o fizemos com o intuito de os refutar e menos ainda os depreciar ou menosprezar, como pesquisador nos moveu apenas o esforço de encontrar a verdade.

Referências bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém.*** Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino.*** Edição brasileira. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada - Barsa.*** s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965;
- Bíblia Sagrada - Pastoral.*** 43ª impr., São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada - Paulinas.*** 9ª ed., São Paulo: Paulinas, 1957.
- Bíblia Sagrada - Santuário,*** 5ª edição. Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada - Ave-Maria,*** 68ª edição. São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada - Vozes.*** 8ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Shedd.*** 2ª ed. São Paulo: Edições Vida Nova; Barueri (SP): SBB, 2005.
- ABREU FILHO, J. e PIRES, J. H. ***O Verbo e a Carne.*** São Paulo: Paideia, 2003.
- ASLAN, R. ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré.*** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

- BASTOS, C. S. ***Espíritos Sob Investigação: Resgatando Parte da História***. São Paulo: CCDPE-ECM, 2022.
- BORG, M. G. e CROSSAN, J. D. ***A Última Semana: Um Relato Detalhado dos Dias Finais de Jesus***. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- CAVALCANTE, R. ***Quem foi Jesus?*** In Revista *Superinteressante*, Edição 183. São Paulo: Abril, dezembro/2002, p. 40-49.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 1***. São Paulo: Candeia, 1995.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 6***. São Paulo: Candeia, 1995.
- CHAMPLIN, R. N. ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1***. São Paulo: Hagnos, 2005.
- CHAMPLIN, R. N. ***O Novo Testamento Interpretado: versículo a versículo - Vol. 3***. São Paulo: Hagnos, 2005c.
- DENIS, L. ***Cristianismo e Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. ***Depois da Morte***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- EHRMAN, B. D. ***Como Jesus se Tornou Deus***. São Paulo: LeYa, 2014.
- EHRMAN, B. D. ***Evangelhos Perdidos***. Rio de Janeiro: Record, 2008.

- EHRMAN, B. D. ***Jesus Existiu ou Não?*** Rio de Janeiro: Agir, 2014.
- EHRMAN, B. D. ***Quem Escreveu a Bíblia?: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são.*** Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- EHRMAN, B. D. ***Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?*** Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- FERREIRA, C. A. ***Será a Obra de Roustaing Espírita?*** Capivari (SP): EME, 2003.
- FIGUEIREDO, P. H. e SAMPAIO, L. ***Nem Céu Nem Inferno: as Leis da Alma Segundo o Espiritismo.*** São Paulo: FEAL, 2020.
- FLUSSER, D. ***O Judaísmo e as Origens do Cristianismo - Vol. II.*** Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- GARCIA, W. ***Ponto Final - O Reencontro do Espiritismo com Allan Kardec.*** Capivari (SP): EME, 2020.
- GARDNER, L. ***A Linhagem do Santo Graal: a Descendência Oculta de Jesus Revelada.*** São Paulo: Madras, 2004.
- GIBSON, S. ***A Gruta de São João Batista.*** Rio de Janeiro: Record, 2008.
- GORODOVITS, D e FRIDLIN, J. ***Bíblia Hebraica.*** (PDF) São Paulo: Editora Sêfer, 2012.
- KARDEC, A. ***A Gênese*** (trad. da 5ª ed. francesa). Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***A Gênese*** (trad. da 4ª ed. francesa). São Paulo: FEAL, 2018.

- KARDEC, A. ***Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita***. São Paulo: Madras: USE, 2004.
- KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1861***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1862***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1865***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1866***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1868***. Araras (SP): IDE, 1993.

- LOURENÇO, F. **Bíblia - Volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MALGRAS, J. **Os Pioneiros do Espiritismo [na França]**. São Paulo: DPL, 2002.
- MARTINS, J. D. e BARROS, S. M. **Jean Baptiste Roustaing: Apóstolo do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes, 2005.
- MONLOUBOU, L. e DU BUIT, F. M. **Dicionário Bíblico Universal**. Aparecida (SP): Vozes; Aparecida (SP): Editora Santuário, 1997.
- MOREIRA, L. M. **Erros Metodológicos de Roustaing** in *O Imortal*, ano 53, nº 633, Cambé (PR), nov/2006, p. 8-9.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Vol. 5**. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
- PIRES, J. H. **A Evolução Espiritual do Homem (Na Perspectiva da Doutrina Espírita)**. São Paulo: Paideia, 2005.
- PIRES, J. H. **Curso Dinâmico de Espiritismo: O Grande Desconhecido**. Juiz de Fora (MG): Editora J. Herculano Pires, 1991.
- RIZZINI, J. J. **Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec**. São Paulo: Paideia, 2001.
- RODRÍGUEZ, P. **Mentiras Fundamentais da Igreja Católica Como a Bíblia Foi Manipulada**. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- ROHDEN, H. **Jesus Nazareno**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

- ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos - Vol. 1.** Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos - Vol. 2.** Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos - Vol. 3.** Rio de Janeiro: FEB, 1985.
- ROUSTAING, J. B. **Os Quatro Evangelhos - Vol. 4.** Rio de Janeiro: FEB, 1985.
- SCHULTZ, S. J. **A História de Israel no Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1995.
- SILVA, A. G. **A Bíblia Através dos Séculos.** Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. **Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?** Divinópolis (MG): Ethos Editora, 2019.
- TABOR, J. D. **A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- TOURINHO, N. **As Tolices e Pieguices da Obra de Roustaing.** São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 1999.
- UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA, **J.-B. Roustaing diante do Espiritismo - resposta a seus alunos.** (PDF) Paris, 1883.
- VERMES, G. **As Várias Faces de Jesus.** Rio de Janeiro: Record, 2006.
- VERMES, G. **O Autêntico Evangelho de Jesus.** Rio de Janeiro: Record, 2006.
- VERMES, G. **Ressurreição.** Rio de Janeiro: Record, 2013.

XAVIER, F. C. ***Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho***. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

XAVIER, F. C. *Crônicas de Além-túmulo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

Periódicos:

Le Spiritisme, 4^o Année, n^o 25. UNION SPIRITE FRANÇAISE, Paris, França, (1^a quinzaine) Mars 1887.

O Imortal, ano 53, n^o 633, Cambé (PR), nov/2006.

Revista Superinteressante, Edição 183. São Paulo: Abril, dezembro/2002.

Internet:

AUSER, G. (Natan Brith). *Falo – o sagrado masculino*, disponível em:
<http://falosagradomasculino.blogspot.com.br/2012/04/circuncisao.html>. Acesso em 31 jan. 2021.

Autores Espíritos Clássicos, *Projeto Allan Kardec (Coleção Canuto Abreu – Manuscritos Allan Kardec)*, disponível em:
[https://www.autoresespiritasclassicos.com/Allan%20Kardec/Projeto%20Cartas%20de%20Kardec/Manuscritos%20de%20Kardec%20-%20Projeto%20Allan%20kardec/62%20-%20Manuscrito%20de%20Kardec%20-%2031%20de%20dezembro%20de%201863%20\(Carta%20de%20Kardec%20para%20m%C3%A9dium%20Colignon\).pdf](https://www.autoresespiritasclassicos.com/Allan%20Kardec/Projeto%20Cartas%20de%20Kardec/Manuscritos%20de%20Kardec%20-%20Projeto%20Allan%20kardec/62%20-%20Manuscrito%20de%20Kardec%20-%2031%20de%20dezembro%20de%201863%20(Carta%20de%20Kardec%20para%20m%C3%A9dium%20Colignon).pdf). Acesso em: 06 set. 2022.

- CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS BEZERRA DE MENEZES, *Museu Virtual Roustaing*, disponível em: <https://www.crbbm.org/museu-roustaing.html> Acesso em: 15 jun. 2026.
- DENIS, L. *Positivisme e Idealisme*, in. *Le Spiritisme*, junho/1889, disponível em: https://drive.google.com/file/d/1f9BX_fhAp_SO971E9iS_Yx4ZAfrx3m_/view, p. 81-84.
- DICIONÁRIO PRIBERAM. *Docetismo*, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/docetismo>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- LUZ ESPÍRITA, *União Espírita Francesa*, disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=União%20Espírita%20Francesa>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- MUNDO EDUCAÇÃO. *Antissemitismo*, disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/antisemitismo.htm>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- PORTAL DO ESPÍRITO, *Manuscrito Caderno Voyage en 1862, p. 16*, disponível em: <https://espirito.org.br/material/nem-ceu-nem-inferno-caderno-voyage-en-1862/>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- RIBEIRO, A. AllanKardec.online – Historiografia do Espiritismo, artigo *Paul Leymarie x Roustaing*, disponível em: <https://www.facebook.com/allankardec.online/posts/297652118515345>. Acesso em: 03 mai. 2021.
- SILVA NETO SOBRINHO, *O Ritual do Batismo*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/o-ritual-do-batismo-ebook>. Acesso em: 22 ago. 2024.

- SILVA NETO SOBRINHO, P. *“Do Átomo ao Arcanjo” Significa Que o Princípio Inteligente Estagiou no Reino Mineral?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/do-atomo-ao-arcanjo-significa-que-o-principio-inteligente-estagiou-no-reino-mineral-e-book>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *A Alma Dorme no Mineral?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/a-alma-dorme-no-mineral-ebook>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *A Traição de Judas: Uma História Mal Contada*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/a-traicao-de-judas-uma-historia-mal-contada>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Falhas da Bíblia Inerrante*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/falhas-da-biblia-inerrante>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Isaías previu algo a respeito de Jesus?* disponível em: <https://paulosnetos.net/article/isaias-previu-algo-a-respeito-de-jesus-ebook>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Jesus de Belém ou de Nazaré?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/jesus-de-belem-ou-de-nazare-ebook>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Jesus teve irmãos ou não?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/jesus-teve-irmaos-ou-nao-ebook>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *O Antigo Testamento Foi Revogado por Jesus?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/o-antigo-testamento-foi-revogado-por-jesus>. Acesso em: 22 ago. 2024.

- SILVA NETO SOBRINHO, P. *O Desaparecimento do Corpo de Jesus do Sepulcro*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/o-desaparecimento-do-corpo-de-jesus-do-sepulcro-ebook>. Acesso em: 22 ago 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Quem Era o Tal de Discípulo Amado Citado no Evangelho de João?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/quem-era-o-discipulo-amado-citado-em-joao-ebook>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *SEB – Anjos e Demônios*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/seb-anjos-e-demonios-ebook>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Trindade – O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/trindade-o-misterio-imposto-por-um-leigo-e-anuido-pelos-teologos-ebook>. Acesso em: 22 ago. 2024.

UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA. J.B. *Roustaing diante do Espiritismo, resposta a seus alunos* (PDF), disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=165>. Acesso em: 16 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJR), *Projeto Allan Kardec (Coleções de manuscritos Allan Kardec)*, disponível em: <https://projetokardec.ufjf.br/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

WIKIPÉDIA, *Émilie Collignon*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89milie_Collignon. Acesso em: 21 jan. 2021.

WIKIPÉDIA, *Humberto de Campos (espírito)*, disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Humberto_de_Campos_\(esp%C3%ADrito\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Humberto_de_Campos_(esp%C3%ADrito)). Acesso em: 15 abr. 2021.

WIKIPÉDIA, *Jean Meyer*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Meyer. Acesso em: 03 mai. 2021.

WIKIPÉDIA, *Jean-Baptiste Roustaing*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Baptiste_Roustaing. Acesso em: 21 jan. 2021.

Imagens:

Capa obra em francês: BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA (BNF), *"Spiritisme chrétien, ou Révélation de la révélation. Les quatre évangiles suivis des commandements, expliqués en esprit et en vérité par les évangélistes assistés des apôtres. - Moïse... Par J.-B. Roustaing,..."*, disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8519845.image>. Acesso em: 13 jan. 2021.

Circuncisão (adaptada), disponível em:

<https://static.meionorte.com/uploads/imagens/2019/8/5/899a8c7a-62bf-4f48-bcca-2cf813d03a2c-63a75fcb-c37d-4403-bec6-5a3ecbd9ee29.jpg>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Circuncisão procedimento, disponível em:

<https://image.winudf.com/v2/image/Y29tLm15Z29hbHRIY2guY2lyY3VtY2IzaW9uLnN1cmdlcnkub3BlcmF0aW9uX3NjcmVlbn8zXzE1MjMxMzAzNTNfMDQz/screen-3.jpg?fakeurl=1&type=.jpg>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Cristo entre os dois ladrões:

<https://orionitas.com.br/imagensSite/01-liturgia-da-via-sacra10.jpg>. Acesso em: 01 fev. 2021.

FACEBOOK, página de Joana De Ângelis De Jesus, postagem de 17.09.2021, link:

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100071986517944>. Acesso em: 18 set. 2021.

HISTORY, *Abraão*, disponível em:

<https://history.uol.com.br/biografias/abraao>. Acesso em: 16 jul. 2021.

Jesus na cruz:

<https://i.pinimg.com/564x/a5/18/f1/a518f10ba064a122672e2aa8c2e811df.jpg>. Acesso em: 28 jan. 2021.

LE, questão 585: Reinos – Quadro Resumo é de nossa autoria.

Mapa físico da Terra Santa:

https://assets.ldscdn.org/51/fe/51fe5cd1bb6f2fb0c1dba1ee71eb977ae0d3b278/map_holy_land.png. Acesso em: 08 fev. 2021.

Livros recomendados sobre o tema

ABREU FILHO, J. e PIRES, J. H. **O Verbo e a Carne**. São Paulo: Paideia, 2003.

ALEIXO, Sergio Fernandes. **O Primado de Kardec: Metodologia Espírita e Cisma Rustenista**. Rio de Janeiro. 2011.

FERREIRA, Carlos Alberto. **Será a Obra de Roustaing Espírita?** Capivari (SP): EME, 2003.

GARCIA, Wilson. **O Corpo Fluídico**. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 1981.

GARCIA, Wilson. **Ponto Final - O Reencontro do Espiritismo com Allan Kardec**. Capivari (SP): EME, 2020.

SILVA, Gélio Lacerda. **Conscientização Espírita**. Capivari (SP): EME, 1995.

TOURINHO, Nazareno. **As Tolices e Pieguices da Obra de Roustaing**. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 1999.

UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA. **J.B. Roustaing diante do Espiritismo, resposta a seus alunos** (PDF), disponível em:
<https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=165>. Acesso em: 16 ago. 2021.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em

Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser o Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) Allan Kardec e a Lógica da Reencarnação; 16) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 17) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 18) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 19) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 20) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 21) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 22) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 23) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 24) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 25) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 26) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 27) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 28) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 29) Haveria Fetos Sem Espírito?; 30) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; 31) Herculano Pires Diante da Revista Espírita; 32) Allan Kardec: Sua Mediunidade e os Fenômenos Que Protagonizou; 33) A Pesquisa de Ernesto Bozzano Confirma e Complementa a Codificação Espírita e 34) Se Não Consta na Codificação, Não Existe.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA. *J.B. Roustaing diante do Espiritismo, resposta a seus alunos* (PDF), disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=165>, p. 60.
- 2 CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS BEZERRA DE MENEZES, *Museu Virtual Roustaing*, disponível em: <https://www.crbbm.org/museu-roustaing.html>
- 3 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 134.
- 4 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 41.
- 5 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 38 e 40.
- 6 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 57.
- 7 RIZZINI, J. *Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec*, p. 254.
- 8 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 167.
- 9 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 168-170.
- 10 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 190-192.
- 11 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 283.
- 12 A publicação da FEAL que estamos usando tem como base a 4ª edição de *A Gênese*, publicada enquanto Allan Kardec estava vivo, porém, as que levam em conta a 5ª edição, lançada após sua morte, não há o teor desse item 67.
- 13 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 275.
- 14 SILVA NETO SOBRINHO, *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, link: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook>
- 15 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 57.
- 16 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Vol. 6*, p. 303.
- 17 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 61-62.

- 18 BIBLIOTHECA NACIONAL DA FRANCA (BNF), *"Spiritisme chrétien, ou Révélation de la révélation. Les quatre évangiles suivis des commandements, expliqués en esprit et en vérité par les évangélistes assistés des apôtres. – Moïse... Par J.-B. Roustaing,..."*, disponível em:
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8519845.image>
- 19 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 190.
- 20 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 65.
- 21 KARDEC, *Revista Espírita* 1861, p. 5.
- 22 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 49.
- 23 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 128.
- 24 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. VIII, item 18, p. 124-125; *Revista Espírita* 1860, referência a sua comunicação, p. 332; *Revista Espírita* 1864, "Aos Obreiros", p. 128; *Revista Espírita* 1864, "Sessão comemorativa na Sociedade de Paris", p. 362-363; *Revista Espírita* 1868, "Os mortos saíram de seus túmulos", p. 53-54 e *A Gênese*, cap. XV, "A tentação de Jesus", item 53, p. 341-342.
- 25 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 127-128.
- 26 *Bíblia Sheed*, p. 1532-1533.
- 27 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. Vol. 1*, p. 255.
- 28 EHRMAN, *Jesus Existiu ou Não?*, p. 55.
- 29 EHRMAN, *Jesus Existiu ou Não?*, p. 55.
- 30 N.T.: Catherine Nezser, *Literacy in Roman Palestine* (Tubingen: Mohr Siebeck, 2001).
- 31 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia? Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 78-81.
- 32 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 128.
- 33 Nota da Transcrição (N.T.): Discuto essas discrepâncias, contradições e problemas históricos com profundidade

- em *Jesus, Interrupet* (São Francisco: HarperOne, 2009).
- 34 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 124-127.
- 35 GIBSON, *A Gruta de São João Batista*, p. 148.
- 36 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1786.
- 37 LOURENÇO, *Bíblia Volume 1: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos*, p. 221.
- 38 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 461.
- 39 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 128-130.
- 40 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 133-134.
- 41 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 143.
- 42 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 144.
- 43 Comentários sobre MATEUS, Cap. XVII, v. 1-9. -
MARCOS, Cap. IX, v. 2-10. - LUCAS, Cap. IX, v. 28-36.
- 44 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 2*, p. 470-472.
- 45 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 2*, p. 473-490.
- 46 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 2*, p. 478.
- 47 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 2*, p. 480.
- 48 *Bíblia de Jerusalém*, p. 281.
- 49 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1683 e 1685.
- 50 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 92-a, q. 137, q. 140 4
q. 203, p. 87, p. 105, p. 106 e p. 132, respectivamente.
- 51 Comentários sobre MATEUS, Cap. XVII, v. 10-13. -
MARCOS, Cap. IX, v. 11-13
- 52 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 2*, p. 497-498.
- 53 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 92, p. 87.
- 54 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 276-277.
- 55 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 288.
- 56 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 47.

- 57 Mapa físico da Terra Santa (recortado):
https://assets.ldscdn.org/51/fe/51fe5cd1bb6f2fb0c1dba1ee71eb977ae0d3b278/map_holy_land.png
- 58 *Bíblia Shedd*, p. 1357.
- 59 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* – Vol. 1, p. 452.
- 60 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. 148.
- 61 N.T.: O qualificativo “santo” não tinha o significado que hoje tem, mas o de elevado, superior, bom.
- 62 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. 132.
- 63 LOURENÇO, *Bíblia, volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos*, p. 223.
- 64 *Bíblia Sagrada Paulinas 1957*, p. 872-873.
- 65 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1355.
- 66 GORODOVITS e FRIDLIN, *Bíblia Hebraica*, p. 550-551.
- 67 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1580.
- 68 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho* – Vol. 5, p. 97-98.
- 69 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. 148.
- 70 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. 154;
- 71 EHRMAN, *Quem Foi Jesus? Quem Não Foi Jesus?*, p. 95.
- 72 EHRMAN, *Quem Foi Jesus? Quem Não Foi Jesus?*, p. 156.
- 73 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. 170.
- 74 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 100-101.
- 75 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. 170-171.
- 76 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 957.
- 77 N.T.: Quanto a discussões representativas sobre este texto, identificando-o com o Messias, veja Burnes e Kissane, no seu comentário sobre essa referência. Cf. também Allis, **op. cit.**, pág. 12, e E. J. Young, **Studies in Isaiah** (Londres: Tyndale Press, 1954), págs. 143-

- 198.
- 78 SCHULTZ, *A História de Israel no Antigo Testamento*, p. 292-293.
- 79 SILVA NETO SOBRINHO, *Isaías previu algo a respeito de Jesus?*, link: <https://paulosnetos.net/article/isaias-previu-algo-a-respeito-de-jesus-ebook>
- 80 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 188-189.
- 81 LOURENÇO, *Bíblia, volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos*, p. 60.
- 82 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 208-209.
- 83 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 191.
- 84 LOURENÇO, *Bíblia, volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos*, p. 228.
- 85 LOURENÇO, *Bíblia, volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos*, p. 228.
- 86 VERMES, *As Várias Faces de Jesus*, p. 255.
- 87 EHRMAN, *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?*, p. 46.
- 88 ASLAN, *Zelota: A Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 58.
- 89 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1143.
- 90 TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 336.
- 91 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 209.
- 92 CAVALCANTE, *Quem foi Jesus?*, in *Superinteressante - Nº 183*, p. 43.
- 93 SILVA NETO SOBRINHO, *Jesus de Belém ou de Nazaré?*, link: <https://paulosnetos.net/article/jesus-de-belem-ou-de-nazare-ebook>
- 94 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 237.
- 95 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 237-238.
- 96 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 238.

- 97 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?*, link:
<https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>.
- 98 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 1173.
- 99 ASLAN, *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*, p. 58.
- 100 *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1078.
- 101 TABOR, *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, p. 103-104.
- 102 ASLAN, *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*, p. 56-57.
- 103 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 257.
- 104 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 289.
- 105 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 61-62.
- 106 KARDEC, *A Gênese*, cap. XI, item 6, p. 223.
- 107 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 239.
- 108 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?*, link:
<https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>.
- 109 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 2*, p. 95.
- 110 *A Bíblia Anotada*, p. 905.
- 111 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 947.
- 112 EHRMAN, *O problema com Deus*, p. 72.
- 113 *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 890.
- 114 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 2*, p. 307, 311-312.
- 115 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 3*, p. 65.
- 116 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 3*, p. 403.

- 117 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* – Vol. 1, p. 414.
- 118 SILVA NETO SOBRINHO, *Jesus teve irmãos ou não?*, link: <https://paulosnetos.net/article/jesus-teve-irmaos-ou-nao-ebook>
- 119 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 3, p. 416-417.
- 120 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1893.
- 121 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 3, p. 456.
- 122 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 124-125.
- 123 EHRMAN, *Evangelhos Perdidos*, p. 58.
- 124 SILVA, *A Bíblia Através dos Séculos*, p. 77.
- 125 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado: versículo a versículo*: Vol. 3, p. 745.
- 126 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 3, p. 519.
- 127 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 272.
- 128 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 210.
- 129 FLUSSER, *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*, Vol. II, p. 156.
- 130 Atos 2,38; 8,16; 10,48; 19,5, de Lucas e Romanos 6,3 e Gálatas 3,27, de Paulo.
- 131 SILVA NETO SOBRINHO, *O Ritual do Batismo*, link: <https://paulosnetos.net/article/o-ritual-do-batismo-ebook>
- 132 SILVA NETO SOBRINHO, *Trindade – O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*, link: <https://paulosnetos.net/article/trindade-o-misterio-imposto-por-um-leigo-e-anuido-pelos-teologos-ebook>
- 133 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 4, p. 415.
- 134 *Bíblia de Jerusalém*, p. 905.
- 135 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1754.

- 136 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1901.
- 137 SILVA NETO SOBRINHO, *A Traição de Judas: Uma História Mal Contada*, link:
<https://paulosnetos.net/article/a-traicao-de-judas-uma-historia-mal-contada>
- 138 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 438.
- 139 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 4*, p. 372.
- 140 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 2*, p. 176-177.
- 141 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 452.
- 142 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 453.
- 143 MUNDO EDUCAÇÃO, *Antissemitismo*, disponível em:
<https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/antisemitismo.htm>
- 144 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 4*, p. 497.
- 145 BORG e CROSSAN, *A Última Semana: Um Relato Detalhado dos Dias Finais de Jesus*, p. 173-174.
- 146 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 166-167.
- 147 ROHDEN, *Jesus Nazareno*, p. 417-418.
- 148 Cristo entre os dois ladrões, disponível em:
<https://orionitas.com.br/imagensSite/01-liturgia-da-via-sacra10.jpg>
- 149 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 452.
- 150 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 4*, p. 498.
- 151 *Bíblia de Jerusalém*, p. 884.
- 152 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 679.
- 153 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1891.
- 154 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1729.
- 155 SILVA NETO SOBRINHO, *Quem Era o Tal de Discípulo Amado Citado no Evangelho de João?*, link:
<https://paulosnetos.net/article/quem-era-o-discipulo-amado-citado-em-joao-ebook>

- 156 SILVA NETO SOBRINHO, *Jesus teve irmãos ou não?*, link:
<https://paulosnetos.net/article/jesus-teve-irmaos-ou-nao-ebook>
- 157 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 4*, p. 499-500.
- 158 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 704-705.
- 159 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 37-38.
- 160 SILVA NETO SOBRINHO, *Falhas da Bíblia Inerrante*, link;
<https://paulosnetos.net/article/falhas-da-biblia-inerrante>
- 161 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 72.
- 162 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 73-74.
- 163 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?*, link:
<https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>
- 164 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 95-96.
- 165 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 96.
- 166 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 415.
- 167 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 40.
- 168 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 4*, p. 87.
- 169 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?*, link:
<https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>.
- 170 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 955.
- 171 *Dicionário Bíblico Universal*, p. 226.
- 172 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 324.
- 173 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 4*, p. 91.
- 174 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 243-244.
- 175 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 195-196.
- 176 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 196.

- 177 ROUSTAIN, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. 199.
- 178 ROUSTAIN, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. 200.
- 179 ROUSTAIN, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. 218.
- 180 ROUSTAIN, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. 218.
- 181 Circuncisão: disponível em:
<https://static.meionorte.com/uploads/imagens/2019/8/5/899a8c7a-62bf-4f48-bcca-2cf813d03a2c-63a75fbc-c37d-4403-bec6-5a3ecbd9ee29.jpg>
- 182 KARDEC, *A Gênese*, FEB, cap. XV, item 65, p. 301.
- 183 Circuncisão procedimento:
<https://image.winudf.com/v2/image/Y29tLm15Z29hbHRIY2guY2lyY3VtY2IzaW9uLnN1cmdlcnkub3BlcmF0aW9uX3NjcmVlbi8zXzE1MjMxMzAzNTNfMDQz/screen-3.jpg?fakeurl=1&type=.jpg>
- 184 CHAMPLIN E BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* – Vol. 1, p. 746,
- 185 ROUSTAIN, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 4, p. 299.
- 186 HISTORY, *Abraão*, disponível em:
<https://history.uol.com.br/biografias/abraao>
- 187 AUSAR, *Falo – o sagrado masculino*, disponível em:
<http://falosagradomascuilino.blogspot.com.br/2012/04/circuncisao.html> (Texto e imagem)
- 188 ROUSTAIN, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. 243.
- 189 ROUSTAIN, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 1, p. p. 257-258.
- 190 ROUSTAIN, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 3, p. 494.
- 191 N.T. Medida que tinha a capacidade de 27 litros.
- 192 N.T. Mordomo.
- 193 ROUSTAIN, *Os Quatro Evangelhos* – Vol. 4, p. 154-155.
- 194 LOURENÇO, *Bíblia, volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos*, p. 328.
- 195 KARDEC, *A Gênese*, p. 288-289.

- 196 SILVA NETO SOBRINHO, *O Antigo Testamento Foi Revogado por Jesus?*, link:
<https://paulosnetos.net/article/o-antigo-testamento-foi-revogado-por-jesus>
- 197 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 446-455.
- 198 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 4*, p. 501.
- 199 Jesus na cruz:
<https://i.pinimg.com/564x/a5/18/f1/a518f10ba064a122672e2aa8c2e811df.jpg>
- 200 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 464.
- 201 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 460.
- 202 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 125.
- 203 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. I, item 55, p. 63-64.
- 204 KARDEC, *A Gênese*, p. 31.
- 205 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 472.
- 206 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 477-480.
- 207 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 480.
- 208 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 483-484.
- 209 *Bíblia Sagrada - Edição Pastoral*, p. 1307.
- 210 *Bíblia Shedd*, p. 1419.
- 211 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1785.
- 212 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 1344.
- 213 *Bíblia do Peregrino*, p. 2446.
- 214 *Bíblia Sagrada - Santuário*, p. 1517.
- 215 GARDNER, *A Linhagem do Santo Graal: a Descendência Oculta de Jesus Revelada*, p. 79.
- 216 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 72.
- 217 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia?: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 239.

- 218 Essas duas fontes estão juntas por serem do mesmo autor e por uma completar a outra.
- 219 VERMES, *Ressurreição*, p. 120.
- 220 VERMES, *O Autêntico Evangelho de Jesus*, p. 353.
- 221 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 493-496.
- 222 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 3*, p. 504-505.
- 223 KARDEC, *A Gênese*, FEAL, cap. XV, item 67, p. 351.
- 224 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 170.
- 225 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 4*, p. 504-505.
- 226 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 364-365.
- 227 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 122, ver também em *O Livro dos Médiuns*, item 54, p. 63.
- 228 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 61-62.
- 229 N.T.: Nota de Allan Kardec: *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, caps. VI e VII.
- 230 N.T.: N.E.: As materializações prolongadas, quais as verificadas por William Crookes, não eram, então, conhecidas. Vide no livro editado pela FEB, as interessantes experiências com o Espírito Katie King.
- 231 N.T.: N.E.: (Do grego *a*, privativo, e *géiné*, *géinomaï*, gerar, que foi gerado) Variedade de aparição tangível; estado de certos Espíritos, quando temporariamente revestem as formas de uma pessoa viva, a ponto de produzirem completa ilusão. (“Vocabulário espírita” de *O Livro dos Médiuns*).
- 232 N.T.: N.E.: Segundo a *Bíblia*, este fato se deu na família de Tobias. (Ver *O livro de Tobias*).
- 233 N.T.: N.E.: Nota de Allan Kardec: Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: *Revista Espírita*, janeiro e outubro de 1858; janeiro, fevereiro, março, agosto e novembro de 1859; abril e maio de 1860; julho de 1861; abril de 1866; O lavrador Thomas Martins e Luís XVIII, destaques completos, dezembro de 1866.

- 234 KARDEC, *A Gênese*, cap. XIV, itens 35 e 36, p. 253-254.
- 235 *Bíblia do Peregrino*, p. 873-874.
- 236 *Bíblia do Peregrino*, p. 883-884.
- 237 KARDEC, *A Gênese*, cap. XV, item 2, p. 313-314.
- 238 KARDEC, *A Gênese*, p. 336.
- 239 Nota da transcrição: Não falamos do mistério da encarnação, pois não temos de nos ocupar aqui, e que será examinado posteriormente. (Nota de Allan Kardec)
- 240 KARDEC, *A Gênese*, cap. XV, itens 64 e 65, p. 348-350.
- 241 KARDEC, *A Gênese*, cap. XV, item 66, p. 350.
- 242 A tradução da FEAL que usamos tem como base a 4ª edição de *A Gênese*, publicada enquanto Allan Kardec estava vivo, porém, as que levam em conta a 5ª edição, lançada após sua morte, não há o teor desse item 67.
- 243 KARDEC, *A Gênese*, cap. XV, item 68, p. 351.
- 244 KARDEC, *Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita*, p. 29.
- 245 DICIONÁRIO PRIBERAM, *Docetismo*, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/docetismo>.
- 246 SILVA NETO SOBRINHO, *O Desaparecimento do Corpo de Jesus do Sepulcro*, link: <https://paulosnetos.net/article/o-desaparecimento-do-corpo-de-jesus-do-sepulcro-ebook>
- 247 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 77-78.
- 248 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos - Vol. 1*, p. 78, 104, 118, 290-292, 300, 303-304, 317 e 322.
- 249 KARDEC, *A Gênese*, p. 235.
- 250 WIKIPÉDIA, *Émilie Collignon*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89milie_Collignon

- 251 Obra impressa, disponível à venda:
<https://www.ethoseditora.com.br/?s=alma+dos+animais>
- 252 SILVA NETO SOBRINHO, *A Alma Dorme no Mineral?*, link:
<https://paulosnetos.net/article/a-alma-dorme-no-mineral-ebook>
- 253 SILVA NETO SOBRINHO, *“Do Átomo ao Arcanjo” Significa que o Princípio Inteligente Estagiou no Reino Mineral?*, link: <https://paulosnetos.net/article/do-atomo-ao-arcanjo-significa-que-o-principio-inteligente-estagiou-no-reino-mineral-e-book>
- 254 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 78.
- 255 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 298.
- 256 SILVA NETO SOBRINHO, *SEB – Anjos e Demônios*, link: <https://paulosnetos.net/article/seb-anjos-e-demonios-ebook>
- 257 *Bíblia Shedd*, p. 997.
- 258 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 299.
- 259 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 312-313.
- 260 ABREU FILHO e PIRES, *O Verbo e a Carne*, p. 45-46.
- 261 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 217.
- 262 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 300.
- 263 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 167, p. 120.
- 264 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 301-302.
- 265 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 311.
- 266 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 317.
- 267 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 34-35.
- 268 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 321-322.
- 269 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 323-324.
- 270 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 326.
- 271 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 97, 123 e 279.

- 272 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 38-39.
- 273 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 2.
- 274 Na *Revista Espírita* 1863 é utilizado “não-retrogradação”, em vez de “não retrogradação”, como ocorre em outros momentos.
- 275 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 165-167.
- 276 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 54.
- 277 KARDEC, *A Gênese*, p. 232.
- 278 Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJR), Projeto Allan Kardec (Coleções de manuscritos Allan Kardec), disponível em: <https://projetoKardec.ufjf.br/>
- 279 Autores Espíritas Clássicos, *Projeto Allan Kardec (Coleção Canuto Abreu – Manuscritos Allan Kardec)*, disponível em:
[https://www.autoresespiritasclassicos.com/Allan%20Kardec/Projeto%20Cartas%20de%20Kardec/Manuscritos%20de%20Kardec%20-%20Projeto%20Allan%20kardec/62%20-%20Manuscrito%20de%20Kardec%20-%2031%20de%20dezembro%20de%201863%20\(Carta%20de%20Kardec%20para%20m%C3%A9dium%20Colli%20gnon\).pdf](https://www.autoresespiritasclassicos.com/Allan%20Kardec/Projeto%20Cartas%20de%20Kardec/Manuscritos%20de%20Kardec%20-%20Projeto%20Allan%20kardec/62%20-%20Manuscrito%20de%20Kardec%20-%2031%20de%20dezembro%20de%201863%20(Carta%20de%20Kardec%20para%20m%C3%A9dium%20Colli%20gnon).pdf)
- 280 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 64-65.
- 281 ROUSTAING, *Os Quatro Evangelhos – Vol. 1*, p. 66.
- 282 Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJR), *Projeto Allan Kardec (Coleções de manuscritos Allan Kardec)*: Carta de Allan Kardec a Roustaing em 11 de fevereiro de 1862, disponível em: <https://projetoKardec.ufjf.br/>.
- 283 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 190-192.
- 284 GARCIA, *Ponto Final – O Reencontro do Espiritismo com Allan Kardec*, p. 149.
- 285 MARTINS e BARROS, *Jean Baptiste Roustaing: Apóstolo do Espiritismo*, p. 523-524.
- 286 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 17.

- 287 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 189-192.
- 288 Quanto a afirmativa do Espírito Bernadin de que “somos uma essência criada pura, mas decaída”, Allan Kardec insere no final do parágrafo a recomendação de ler o artigo “Doutrina dos anjos decaídos”, publicado em jan/1862 com o título “Ensaio sobre a interpretação da Doutrina dos anjos decaídos” (p. 1). Na sua nota, também há ressalvas importantes que devem ser lidas pelo leitor.
- 289 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 337-339.
- 290 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 314-316.
- 291 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 142-143.
- 292 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 144-145.
- 293 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 223.
- 294 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 192.
- 295 Não encontramos nenhuma referência anterior de Allan Kardec a essa obra.
- 296 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 288.
- 297 TOURINHO, *As Tolices e Pieguices da Obra de Roustaing*, p. 97.
- 298 FIGUEIREDO e SAMPAIO, *Nem Céu Nem Inferno: As Leis da Alma Segundo o Espiritismo*, p. 252-258.
- 299 N.T.: Depois de minuciosa análise racional, sobre os mais diversos aspectos, Allan Kardec registra a ausência da universalidade do ensino dos bons espíritos sobre a questão. Esse duplo controle é basilar e obrigatório para aceitação de qualquer novo conceito fundamental da doutrina espírita por Kardec. Enquanto isso não tenha ocorrido, será considerada simples opinião, quer tenha vindo de um homem, quer de um Espírito. Considera-se, portanto, que “Jesus, pois, teve um como todo mundo, um corpo carnal e um corpo fluídico”, além de todas as consequências derivadas

- desse fato para o entendimento da doutrina espírita. (N do E.)
- 300 KARDEC, *A Gênese*, FEAL, p. 350-351.
 - 301 MARTINS e BARROS, *Jean Baptiste Roustaing: Apóstolo do Espiritismo*, p. 544.
 - 302 XAVIER, *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, p. 175-176
 - 303 ABREU FILHO e PIRES, *O Verbo e a Carne*, p. 113.
 - 304 XAVIER, *Crônicas do Além-túmulo*, p. 127-128.
 - 305 1936 - *Palavras do Infinito*; 1937 - *Crônicas de Além-Túmulo*; 1938 - *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*; 1940 - *Novas Mensagens*; 1941 - *Boa Nova*; 1943 - *Reportagens de Além-Túmulo*; 1945 - *Lázaro Redivivo*; 1948 - *Luz Acima*; 1951 - *Pontos e Contos*; 1958 - *Contos e Apólogos*; 1964 - *Contos Desta e Doutra Vida*; 1966 - *Cartas e Crônicas*; 1969 - *Estante da Vida*; 1988 - *Relatos da Vida* e 1989 - *Histórias e Anotações*. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Humberto_de_Campos_\(esp%C3%ADrita\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Humberto_de_Campos_(esp%C3%ADrita)))
 - 306 ABREU FILHO e PIRES, *O Verbo e a Carne*, p. 75-78.
 - 307 ABREU FILHO e PIRES, *O Verbo e a Carne*, p. 75.
 - 308 LUZ ESPÍRITA, *União Espírita Francesa*, disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=União%20Espírita%20Francesa>
 - 309 UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA, *J.-B. Roustaing diante do Espiritismo - resposta a seus alunos*, p. 16-17.
 - 310 UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA, *J.-B. Roustaing diante do Espiritismo - resposta a seus alunos*, p. 18.
 - 311 UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA, *J.-B. Roustaing diante do Espiritismo - resposta a seus alunos*, p. 21.
 - 312 UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA, *J.-B. Roustaing diante do Espiritismo - resposta a seus alunos*, p. 27.

- 313 UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA, J.-B. *Roustaing diante do Espiritismo – resposta a seus alunos*, p. 34.
- 314 UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA, J.-B. *Roustaing diante do Espiritismo – resposta a seus alunos*, p. 48.
- 315 DENIS, *Positivisme e Idealisme*, in. *Le Spiritisme*, junho/1889, disponível em:
https://drive.google.com/file/d/1f9BX_fhAp_SO971E9iS_Yx4ZAfrx3m_/view, p. 81.
- 316 DENIS, *Depois da Morte*, p. 75.
- 317 WIKIPÉDIA, Jean Meyer, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Meyer
- 318 N.T.: Jean Meyer foi uma notável figura do Espiritismo na França, um dos diretores da Sociedade fundada por Allan Kardec; fundou o Instituto Metapsíquico Internacional, a União Espírita Francesa, a Sociedade de Estudos Metapsíquicos e a Casa dos Espíritas, além de organizações de assistência. Foi Vice-presidente do Congresso Espirita Internacional, reunido em Londres, de 7 a 12 de setembro de 1928.
- 319 ABREU FILHO e PIRES, *O Verbo e a Carne*, p. 143.
- 320 ABREU FILHO e PIRES, *O Verbo e a Carne*, p. 92.
- 321 MALGRAS, *Os Pioneiros do Espiritismo [na França]*, p. 33.
- 322 BASTOS, *Espíritos Sob Investigação: Resgatando Parte da História*, p. 313-314.
- 323 *Le Spiritisme*, 4^o Année, n^o 25, (1^a quinzaine) Mars 1887, *A nos lecteurs*, p. 263-264.
- 324 N.T.: *Revue Spirite* 1902 e 1914 –
<https://sites.google.com/spiritisme.net/encyclopedie-spirite/revues-spirites/revue-spirite?authuser=0&>
<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Jean%20Meyer/Jean%20Meyer.htm>
- 325 Em *Espíritos Sob Investigação: Resgatando Parte da História*, o autor Carlos Seth Bastos registra essa

- informação, porém como ocorrido em janeiro de 1914, conforme a *Revue Spirite* Jan/1914, p. 32, link: <https://www.retronews.fr/journal/la-revue-spirite/1-janvier-1914/1829/3430391/32>
- 326 RIBEIRO, AllanKardec.online – *Historiografia do Espiritismo*, artigo Paul Leymarie x Roustaing, disponível em: <https://www.facebook.com/allankardec.online/posts/297652118515345>
- 327 PIRES, *Curso Dinâmico de Espiritismo: O Grande Desconhecido*, p. 148.
- 328 PIRES, *A Evolução Espiritual do Homem (Na Perspectiva da Doutrina Espírita)*, p. 11-12.
- 329 MOREIRA, *Erros Metodológicos de Roustaing in O Imortal*, ano 53, nº 633, p. 8.
- 330 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 405.
- 331 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 151.
- 332 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 283.
- 333 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 375-376.
- 334 *Bíblia Shedd*, p. 1752.
- 335 FERREIRA, *Será a Obra de Roustaing Espírita?*, p. 18.
- 336 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 349.
- 337 PORTAL DO ESPÍRITO, *Manuscrito Caderno Voyage en 1862*, p. 16, disponível em: <https://espirito.org.br/material/nem-ceu-nem-inferno-caderno-voyage-en-1862/>
- 338 FIGUEIREDO, *Nem Céu Nem Inferno: As Leis da Alma Segundo o Espiritismo*, p. 34-35.
- 339 FIGUEIREDO, *Nem Céu Nem Inferno: as Leis da Alma Segundo o Espiritismo*, p. 121.
- 340 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 260-261.
- 341 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 261.

342 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 191.

343 KARDEC, *A Gênese*, p. 300.